

MIGUEL ESTEVES CARDOSO

O AMOR É FODIDO

ASSÍRIO & ALVIM

Digitalizado Por HeartLess



O AMOR É FODIDO

? ASSÍRIO E ALVIM
RUA DE SÃO NICOLAU, 119 – 2º D, 1100-548 LISBOA
E MIGUEL ESTEVES CARDOSO (2000)

EDIÇÃO 377
1ª EDIÇÃO, 1994
8ª EDIÇÃO, 2000 (3000 EXEMPLARES)

ISBN 972-37-0374-2

MIGUEL ESTEVES CARDOSO

O AMOR É FODIDO

8ª EDIÇÃO

ASSÍRIO & ALVIM

Para a S u s a n a

1

Quanto mais vou sabendo de ti, mais gostaria que ainda estivesses viva. Só dois ou três minutos: o suficiente para te matar. Merecias uma morte mais violenta. Se eu soubesse, não te tinha deixado suicidar com aquelas mariquices todas. Aposto que não sentiste quase nada. Não está certo. Eu não morri e sofri mais do que tu. Devias ter sofrido. Porque eras má. Eu pensava que não. Enganaste-me. Alguma vez pensaste no que isso representou na minha vida miserável? Agora apetece-me assassinar-te de verdade. E indecente que já estejas morta.

Quando tomaste os comprimidos sabias que estavas a safar-te. De boa. Confessa. Foi um bom negócio. As pessoas que levaram uma vida como a tua costumam morrer em circunstâncias que deixam muito a desejar. Afogadas em aquários. Estendidas de pernas abertas numa paragem de autocarro, esfaqueadas, sem cerimónias, e estranguladas por uma histérica numa casa de banho. Eu tinha-te dado um tiro. Um tiro limpo nessa cabecinha — o suficiente para te assustar, mas rápido. A doer um bocadinho.

Morreste há quatro anos. Já deves ter apodrecido. Não gosto de pensar assim em ti. Tenho pena. Eras tão vaidosa. Deves estar linda... Um dia embebedo-me e vou desenterrar-te, só para olhar para a tua cara, ver se é verdade que os cabelos crescem, cheirar-te de perto, tu que cheiravas sempre tão bem, mesmo quando se passavam dias sem tomares banho. Se calhar, até nisso me vais desiludir e saís-me uma daquelas criaturas incorruptas, de cadáver inalterado, com aquela frescura recém-falecida, de quem acaba desportivamente de tomar cento e vinte barbitúricos, incorrupta e coberta de chuva de cemitério.

Se fosse por tua vontade, estarias de robe, com o teu robe lilás, de camarim, de encantadora de serpentes, com que te arrastavas pela casa, sempre a adiar a hora do banho, bolsos cheios dum sortido de lenços de papel e números de telefone, com as tuas pantufas de texugo felpudo que só tu achavas que não cheiravam a queijo velho. Mas enterraram-te vestida de menina bonita, como se fosses para uma festa, com o teu sorriso sonso, que eu na altura achei tão sincero, com as mãos dobradas sobre o peito. Agora imagino-as a esconder uma pequena bomba, activada pela primeira pazada de terra que te caísse no caixão, para morrermos todos contigo, sem preparação ou merecimento.

«Adoro matar animais de todas as espécies.» Era o género de frase que me apaixonava. Uma vez estávamos a jantar e disseste «Se pudesse, matava um panda.» «Como?» «Matava-o com uma pedrada.» «O que é que tens contra os pandas?» «Odeio animais amorosos.» Pensei que estivesses a defender os animais que não

têm a sorte de ser giros ou de estar à beira da extinção, que vivem em condições atrozes, sem serem tema de documentários ingleses ou logotipos de organizações mundiais. Como os frangos. Pensei que a tua atitude contra os tigres era uma cruzada a favor das ratazanas. Mas enganaste-me.

Um dia atravessou-se um rato à nossa frente e tu gritaste: «Mata-o! Mata-o!» Eu peguei num pau de vassoura e respondi: «Aproveita, Teresa! Mata-o tu!» Tu olhaste-me com desprezo: «Tenho nojo.» Enquanto eu matava o pobre animal, com a minha habitual compaixão e inépcia, que tanto prolongam o sofrimento, enterneci-me com o teu temor e disse: «Tu não eras capaz de matar nada.»

Passada uma hora, atropelaste um gato de propósito e disseste, triunfante: «Estás a ver?» E acrescentaste, ante a minha cara branca: «Para se matar um bicho ele tem de ser minimamente fofinho. Os animais que não são fofinhos são portadores de doenças horríveis.»

Nunca houve nada como o amor para nos ajudar a ver o mal. O amor é o antídoto da cenoura. Eu sempre te vi como uma rapariga encantadora. Tudo o que fazias tinha de ser forçosamente encantador. Por muito bruta que fosses, parecia-me sempre uma forma radical de encanto. Mesmo quando teimavas numa manifesta estupidez, eu cansava a cabeça até arranjar maneira de te dar razão. Achava que toda a gente te atacava injustamente. Parecias-me incompatível com a injustiça.

Gozavam comigo, mas eu gostava de ser assim. Tinha a mania da lealdade. A bem ver, depois de tudo o que descobri a teu respeito desde que morreste, era apenas mais uma maneira de tentar agradar-te. Que tu detestavas. «Não preciso que me defendam!», gritavas sempre, como se eu te defendesse só por tu precisares. Como eras má. Má. Ingrata, caprichosa, cruel e má. Trataste-me como não se trata — pode dizer-se — um cão. Contigo a comparação ganha nova força.

Só te pedi, ao longo dos anos que passámos juntos, uma única coisa: que me dissesse sempre a verdade. Podias ir e vir quando e como te apetecia, correr atrás de quem quisesses, roubar-me dinheiro, afastar-me dos meus amigos, fazer cenas no meu trabalho, chamar-me todos os nomes. Não gostava, mas aceitava tudo, desde que não me mentisses. Porque é que uma pessoa que pode fazer todas as maldades que lhe vêm à cabeça, com impunidade e protecção constantes, precisa, para além disso, de mentir? Não percebo. Nunca hei-de perceber.

Que coisa verifico eu que mais fizeste enquanto estivemos juntos — muito mais que estragar-me a vida? Mentir-me. Mentir-me sem razão. Mentir-me sem medo de ser apanhada. Mentir-me acerca das tuas próprias mentiras. E porquê? Porque gostavas de mentir? Não. Mentias só porque eu te tinha pedido para não me

mentires. Custava-te, mas lá conseguias. Esforçavas-te para contrariar a tua franqueza, tal era a vontade de me enganar e desiludir.

«Posso ser má, mas sou sincera...». Estavas sempre a dizer isto. E eu acreditava, claro. Era o que dizia toda a gente. Eu respondia que tu não eras má, mas só mazinha; que achavas graça à ideia de seres malvada, mas pouco mais. Achava-te encantadora, em boa verdade.

Mentiste-me quando disseste que não tinhas filhos. Mentiste-me quando disseste que tinha sido o Manuel que me roubou a minha colecção de primeiras edições. Mentiste-me quando disseste que os teus pais tinham morrido num desastre de automóvel. Mentiste-me até quando me disseste que a tua cor favorita era o azul. Não te bastava estragares-me a vida pelas vias normais, separando-me de tudo o que eu gostava — do meu filho, dos meus amigos de infância, dos meus discos de jazz, do meu amor-próprio, do barco, da ginástica — e aliciando-me a fazer todas as coisas que não me atraíam nada — como fumar charros, ver televisão, comprar mobília, comer chocolate e apanhar bebedeiras enormes antes de almoçar. Tinhas também de me dar cabo da cabeça, trocando-lhe as poucas voltas que lhe restavam, nesse dia distante em que te conheci.

Tinhas de me mentir, para eu nunca saber nada, julgando que sabia; fazendo de mim um parvo para além de toda a estupidez possível, como não consente a sociedade humana.

Se te matasse, matava-te sinceramente. Não sei de que maneira faria, para que não tirasses daí qualquer satisfação. Se calhar, teria de ser pelas costas, para não saberes que era eu. Se soubesses, eras capaz de te rir que nem uma perdida, até ao último suspiro, fazendo pouco da minha vingança, que certamente acharias pífia e desinteressante, má como tu eras, com uma capacidade infinita para magoar.

Provavelmente assassinar-te-ia à distância, com uma carabina provida de mira telescópica: Pum! Toma! Era o melhor. Só de te ver virar o teu pescoço comprido, o mais lindo da história da humanidade, para tentar descortinar a identidade do teu assassino e falhares miseravelmente, caindo na calçada com a força a esvair-se depressa de mais para alvitrares um palpite ou pronunciar umas últimas palavras maldosas e inteligentes a respeito do mundo — o prazer que isso me daria!

Valeria a pena passar o resto da vida lavado em lágrimas só para assistir a esse pequeno espectáculo de desorientação da tua parte — tu que sempre soubeste a quantas andavas, mesmo quando estavas de gatas, bêbeda de cerveja preta e rum madeirense, a cantar canções alemãs da 2ª Guerra, como fazias quando me querias engatar. Se eu me recusasse a ir para a cama contigo, gatinhavas direitinha para a porta, entravas no teu carro e

arrancavas para tua casa, sem jamais te enganares no caminho. Má.

Tentasses tu orientar-te com uma bala plantada na nuca! É pena já não estares aqui para tentar. Tenho tanto medo de ti que não me admirava que conseguisses — como naqueles filmes de terror em que o herói passa as três últimas bobinas com uma adaga enfiada num ventrículo, pondo a vida em ordem antes de tombar inerte sobre a campa da amante.

Desde que morreste e comecei a saber coisas acerca de ti que nunca me tinham passado pela cabeça, o meu medo de ti aumentou substancialmente, como podes imaginar — não me admirava nada que pudesses voltar e vingares-te dos meus pensamentos.

Se soubesses como me senti quando fiz batota e não engoli os comprimidos...! Um verme. Chamaste-me muitas vezes verme, mas nunca me tinha sentido um. Via-te desfalecer ao meu lado, a noiva do nosso lindíssimo duplo suicídio, e sentia-me tão culpado que sofri muito mais do que tu. A cabeça estalava-me, o peito parecia rebentar. Pensei que ainda ia morrer duma paragem cardíaca. Imagine-se a vergonha: um duplo suicídio em que ela morre com cento e vinte comprimidos e ele de enfarte do miocárdio. A falta de simetria. Onde estaria o romantismo?

Ainda engoli alguns comprimidos antes de adormeceres. Depois cuspi-os para o chão. Mas não eram barbitúricos — eram parecidos. Salvo erro, anti-alérgicos. Deram-me cabo do estômago. Mas eu nem sentia o estômago. Tinha o coração partido a olhar para ti. Tentei acordar-te, levar-te para um hospital, mas já estavas inconsciente e, para além disso, tive medo de te contrariar. Nunca mais me falavas. Perdias logo o pouco amor que me tinhas. Imaginava a tua cara furibunda por estares a fazer figura de adolescente apaixonada, numa enfermaria pública ainda por cima. Deixei-me estar ali na cama, ao teu lado, a ver-te morrer e a pensar no que ia fazer à minha vida contigo morta.

Bons tempos.

2

O amor é fodido. Hei-de acreditar sempre nisto. Onde quer que haja amor, ele acabará, mais tarde ou mais cedo, por ser fodido.

E melhor do que morrer. Há coisas, como o álcool e os livros, que continuam boas. A morte é mais aborrecida.

Por que é que fodemos o amor? Porque não resistimos. E do mal que nos faz. Parece estar mesmo a pedir. De resto, ninguém suporta viver um amor que não esteja pelo menos parcialmente fodido. Tem de haver escombros. Tem de haver esperança. Tem de haver progresso para pior e desejo de regresso a um tempo mais feliz. Um amor só um bocado fodido pode ser a coisa mais bonita deste mundo.

O meu amor pela Teresa estava fodido há seis anos. Não acreditava em nada do que eu dizia, mesmo quando não dizia nada.

Um dia lembrei-me de lhe dizer que tinha mentido acerca do meu nome. Que era Jacinto e não João. Não acreditou. Nem sequer acreditava em mim quando eu tentava mentir.

Conhecêmo-nos na rua. Foi a única que conheci assim. Deixou cair um aquário e eu tentei salvar o peixe. Enfiei-o numa garrafa e ele morreu. Prometi-lhe: «Vais ver — vai ficar como novo.» Ela acreditou. Desiludi-a pela primeira vez. Ela era tão bonita que me senti um assassino. Pedi-lhe o número de telefone. Ela não mo deu. Podia ter-me dado um número qualquer — sempre seria um esforço — mas limitou-se a dizer «Não!» Era a palavra favorita. Estava sempre a dizer que não. A mim irritava-me imenso, sendo eu uma pessoa pouco cumpridora, mais virada para o sim.

Depois conheci o pai dela. Vendeu-me uma enciclopédia náutica. Naquele tempo eu comprava tudo o que os pais das minhas namoradas vendiam. Móveis, gravuras. Tinha uma casa horrível. Estilo rococó. A filha do homem que ma vendeu recusou-se sempre a ir comigo para a cama em casa dela. «É a cama do meu pai», dizia a anormal e lá tinha de me vestir outra vez e levá-la para um hotel ainda mais piroso que a minha casa, o predilecto dela, caríssimo.

Apaixonei-me num momento desprevenido. Estava a ver um jogo de futebol, ela meteu-se à frente do televisor e, em vez de lhe dar um grito, não reparei, pela minha saúde, fiquei ali especado a olhar para ela. Um minuto de exposição foi quanto bastou. Não se pode olhar muito tempo para raparigas bonitas sem este género de merdas acontecer.

Roubei-lhe uma fotografia de quando era pequenina. «Isto já é grave», pensei eu. E tinha razão.

Dávamo-nos mal, mas éramos inseguros e um bocado estúpidos na forma de discutir, pelo que lá fomos aguentando. Ela chamava-me «crápula». Ofendia-me. Eu respondia sempre com a mesma fórmula: «Posso ser muitas coisas, mas crápula (ou velhaco, ou sacana, ou vaidoso) é que não sou.» Ela batia-me de vez em quando. Enraivecia-a. Sou uma pessoa muito calma, sobretudo diante da histeria. As raparigas não gostam desta minha faceta. Confundem-na com frieza e insensibilidade. Mas é verdade que, quando alguém me chateia, fico insensível. Como os porcos-espinhos quando são apanhados nos faróis dos camiões. Não gosto de nada que me doa.

Gostaria de ser capaz de dizer que, uma vez ou outra, também lhe cheguei a roupa ao pêlo. Vontade não me faltou, sabe Deus. Por exemplo, quando começava a despir-se em público, em plena via, só porque sabia que eu odiava que a vissem nua. Era uma maneira certa de interromper uma tentativa de fuga minha. Bem lhe quis dar dois estalos — um só nunca apetece, porque será? — mas tinha medo de magoá-la. Parece mentira. Ela era tão bonita. Escusava de ser tão bonita. Eu tê-la-ia dispensado de metade da sua beleza com a maior das boas vontades. Às vezes gritava «Basta!» debaixo da língua.

Ela gostava de ser bonita. Isto encantava-me. «Sou mais gira que as outras», disse-me várias vezes, enquanto se arranjava.

Nem sequer me perguntava se eu concordava ou não, tal era a certeza de não estar a faltar à verdade. Se isto não prende o coração dum homem, não sei.

Estávamos sempre a foder, ou a recuperar, ou a prepararmos para foder. Em nada afectava o nosso amor. Tanto suspirávamos como arfávamos; tanto dizíamos carinhos como palavrões; era-nos igual. A coisa funcionava sozinha. Se exigisse algum esforço da nossa parte, teria fracassado. É uma consolação que resta. O amor é fodido, mas foder também.

Maneira que víamo-nos todos os dias e noites e aí de quem se ausentasse durante um só segundo, ou alugasse um vídeo sem o outro saber, ou tivesse o telefone interrompido. Foi um amor enorme. E tinha de acabar mal. De preferência, com a nossa própria morte.

«Não aguento mais viver assim. Eu amo-te de mais.»

«E doentio. Eu também.»

«Vamos casar.»

«Mais valia morrer.»

«Vamos-nos matar, então.»

«Estás a falar a sério?»

«Alguma vez me viste brincar?»

De facto, não, nunca tinha. E foi assim que a ideia primeiro se implantou naquela cabecinha. O suicídio a dois é um suicídio fácil. Atrai os apaixonados cobardes. Que bom seria se, cada vez

que as coisas corressem mal, pudéssemos dar ordens ao pessoal todo: «Pronto! Agora vamos todos matarmo-nos!» Ela era deste género, sinceramente, como depois se viu.

3

Eu era feliz dantes, mas estava sempre deprimido. Para passar o tempo leio o que escrevi, senti, tudo.

Ena, estou a escrever sobre o grande peixe, com todas as espinhas que o peixe não tem. As coisas que o grande peixe não tem são inúmeras:

1. Sono
2. Amigos
3. Forma de comunicar
4. Habitat
5. Aplicação culinária
6. Apreciadores

O grande peixe não morre porque está sempre a respirar. Cada um tem a sua mania. Respirar é a dele.

As estrelas dão-lhe amparo nas horas difíceis.

Uma vez foi pescado por uma pintora que o devolveu à água sem lhe perguntar porquê.

Esta rapariga pintou-o e mostrou-me.

E ajudou-me a perceber-te.

As coisas muito grandes e inúteis nunca se perdoa a inutilidade. Também eu, sendo gordo e grande, tinha de ser como as baleias e os golfinhos. E não ser apenas um peixe grande com muitas cores como nunca jamais ninguém viu ou quis comer.

Tudo o que se perde devagar é mais triste por causa disso. Mas eu não queria perder-te mais depressa por causa disso.

Na minha última manhã eu estava a dormir num primeiro andar da casa do teu melhor amigo. Tão quentinho e tão bem que estou sempre a lembrar-me do cheiro da relva a respirar durante a noite, depois de ter ficado calada e quietinha todo o dia, para não assustar as pessoas que a pisavam. Foi a última vez que acordei contigo, com a tua voz cá em baixo a chamar por mim.

João!João!

Acorda!

Foi a única vez, que me lembre, que gostei de acordar.

Quando dormia contigo, tinha sempre medo de te acordar. Era como um menino a dormir a sesta, a tentar enganar a mãe. Bem sei que eu era o teu menino mas, tal como ter mãe, isso nem sempre é muito bom. Não gosto nada que me dêem ordens, nem que ralhem comigo. Mas é isso o que se faz aos meninos das mulheres.

João!

O meu nome. Que bom ter alguém a chamar por mim, a querer que eu acordasse. A tua voz querida. Meu Deus, que puta que tu

eras. Podias ter subido e acordar-me com um beijinho. Metias-te na cama e adormecias. Está quieto. Quando o sol for verde, talvez.

Adeus — aonde mandamos as pessoas. A última sílaba que ouvimos é dum nome que só conhecemos porque jurámos que nunca o havíamos de dizer.

Seria alegre termos sido capazes de nos despedirmos bem, ao menos uma vez. A todos os outros foi-nos tão fácil dizer adeus. Nós éramos danados, especialistas nos reencontros e no «vamos mas é continuar juntos».

A palavra «reencontro» faz-me rir. É daqueles dois és.

Também isto tinha graça: tal era o amor que tinha por ela que cheguei a ir a uma exposição de dinossauros, ou a um aquário, já não me lembro. Quando ela telefonava, voltava logo o meu orgulho, toda a rufice de patife que passava as tardes à porrada com os rapazes maiores, toda a sacanice de destruidor químico-mecânico dos mais tenros corações, e eu levantava-me do chão, onde a ausência dela me tinha deitado. Tinha-me deixado para morrer sozinho e abandonado, sem barco, sem carro, sem sapatinhos.

Levava-a à casa de banho, os pés descalços dela sobre os meus. Eu a andar para trás, com ela em cima, o corpo querido

colado, para ela não se constipar. Ai de mim se eu caísse. Ai de mini se me constipasse. Os momentos mais felizes das nossas vidas são intervalos como estes, travessias entre um quarto e outro. O fundo dos corredores, dos hotéis estranhos, o número do nosso quarto, o empregado esquisito, como aquele sentado em cima duma toalha castanha onde ia assoando o nariz. O nosso quarto tinha espelhos dos dois lados, produzindo uma sensação de infinito. Nem eu nem tu, acenando como parvos para a nossa reflexão, desaparecíamos. Foi alívio. A música nunca vem de onde se espera.

Por estas e por outras estarás sempre eu contigo e tigo com mim.

Sobre uma estrela caída no chão, uma estrela que nunca se viu, deitei o meu coração doente e por causa de ti não ardeu.

Para aonde vai a minha vida é coisa que eu quero lá saber. Ainda tenho o cheiro nos dedos duns caranguejos que comi quando era pequenino, a mil quilómetros do mar e daqui. É esse o curso que quero seguir, se for obrigado a escolher um. Ser como um cheiro que permanece, ligado a um momento que se esqueceu.

Sofrer é fodido porque o amor é fodido — mas como foder o sofrimento? Fazendo sofrer os outros? Já experimentei. Não resulta.

Ai, o meu mal de amor. Todo o mal que tenho feito e que me tem acontecido, vem-me do amor que me tiraste.

Quando as raparigas protestavam, devia ter-lhes dado o teu cartão. «Tomai, é a minha mulher, a culpada de tudo quanto padeces.»

A minha bondade deve ter sido pouca, para eu tê-la gasto toda contigo. Mas o meu amor era imenso. Escusavas de tê-lo

açambarcado todo. Pobres coitadas que me levarão ao Inferno. Tão merecedoras de carinho e tão desinteressantes. Eu bem lhes dizia «Não me ames — deixa-me ser eu a amar-te»... Mas as mulheres do que gostam é amar. Sobretudo quando não há ali mais ninguém que se preste a isso.

Acordo às cinco da tarde e o meu dia, sem que eu deixe, já começou — as páginas felizes por ficarem brancas, as pessoas aliviadas por eu não lhes falar. Um dia o meu dia há-de ter um atalho à minha beira, um caminho por onde eu possa seguir — mas duvido.

Sou um eremita. Tornaste-me num perito da saudade. Não posso estar contigo. Não consigo viver. Sou impróprio para consumo — um incomedível peixe grande, fora do seu habitat, que nem sequer se conhece. Serei um lembrador, uma conservatória, com os meus assentos de mortes e nascimentos. Tenho jeito para recordar — é a única coisa que me resta fazer desde que nasci. Tive sempre consciência que os momentos e as experiências eram só matérias-primas, primeiros passos — os únicos.

Serei o teu lembrador, quem te lembra, quem te aproxima de quem eras. Não falarei com ninguém, mas aí de quem vier falar comigo. Hei-de chatear toda a gente com a tua pessoa. Ai, as histórias que vou contar, nunca mais acabarão, serão feitas só de coisas simples, como cafés e cinemas, nada de íntimo ou de interessante, só banalidades, daquelas que dão cabo de mim, que não consigo esquecer por mais uma — meu Deus, como vou chorar! Ninguém se poderá ir embora. Vai ser uma tortura. É bem feito, para não se meterem com quem não foi feito para viver.

Se alguém me mostrar algum sentimento, como-o.

Hei-de ser o caseiro do teu coração, no sótão do meu. Guardarei os teus restos num caixote da minha cabeça. Serei quem se lembra de quem tu eras e em nada me impedirá o facto de eu não fazer ideia do que isso seja.

Acordas-me a meio da noite, pedindo-me para não te acordar. Porque tens a impressão que vais dormir bem. Como é que eu não te matei antes? Achava-te graça. Os crimes que se evitam só porque se acha graça a alguém. Se tivesse de escolher dentre todas as coisas bonitas que se podem achar de outra pessoa, escolheria sempre a graça. Então a tua.

Torno-me culpado só para aceitar o teu comportamento. Nunca me importei de ser o responsável por fosse o que fosse - nisto consiste a minha irresponsabilidade.

Nisto morro de vergonha e é nessa desvergonha que renasço.

Quando a minha mãe e o meu filho foram falar contigo, no único dia em que os viste, senti-me verdadeiramente feliz — estavam todos os meus amores a falar e eu estava de fora a ver-vos falar, sozinho, de propósito, como tem de estar quem se sente verdadeiramente feliz.

Dia dos Namorados. Eu sozinho. Tu sozinha. Eu sem ti. Tu sem mim. Semi-destruídos. Semi-aliviados. Eu a pensar em ti. E tu em mim. A passar o Dia dos Namorados. Buá. Hi hi. Ai, amor — se calhar estamos melhor assim.

Quando estava contigo, só pensava noutras coisas. Nomeadamente: fugir. Não podia estar ali a ouvir dizer mal de mim. Não sabia discutir. Não acreditava em conversar. A tua única queixa era eu não estar lá quando tu querias. «Faz tudo menos fugir.» Mas eu não podia ir ter contigo enquanto tu continuavas naquele pranto, sem amor, de andar à procura de mim, só para me apanhar.

Cada um com a sua doença. A minha era não querer existir. Pensava que merecias melhor que eu, que te ias faltar de mim, que me ias descobrir. E afinal a única coisa que eu tinha para descobrires, à parte o meu grande amor, era a minha queda para a cobardia, e para ti.

A música do meu tempo são as mulheres à minha volta a falar. «São uns filhos da puta.» Têm razão. De quem estarão a falar?

No meu pior pesadelo, a alma é só uma superfície plana onde tudo está parado, pelo que ninguém pode dizer o que nela vai.

Muitas coisas aconteceram quando eu e o meu whisky estávamos juntos. Não sou pessoa de fiar e bebo o meu whisky só com gelo, num copo curto. Mas vi uma rapariga numa cervejaria ajoelhar-se aos pés de outra e atar-lhe os atacadores dum sapato; vi muitos casamentos desmoronar, muitas pessoas morrer, muitos amigos esquecer, muitas crianças fugir, muitas mulheres apaixonarem-se; enquanto bebia o meu whisky, só com gelo, num copo curto, desobrigado de beber gin-tónico com açúcar, como tu, num copo alto, vi muitas estranhas procissões passar, quando estávamos só os dois, contentes como se estivéssemos com outra pessoa, embevecidos estávamos eu e o meu whisky. Dia e noite, ao longo dos anos. Mas de preferência ao fim da tarde. O meu whisky tinha muito vagar e tinha muito para dizer, mas era tão inteligente que sabia que aquilo, no fundo, era tudo pressa — e preferia não dizer nada.

Quando te matar hei-de ser como aqueles assassinos bem-educados que pedem desculpa aos familiares da vítima uma semana antes.

Gosto dos restaurantes à beira-mar quando acordamos às quatro da tarde e somos os últimos a almoçar ou os primeiros a jantar, nunca fica esclarecido. De preferência no inverno. Gosto de ti quando tens fome, tanta fome que nem sequer reparas em mim. Gosto de ver os turnos dos empregados a mudar. Gosto que eles nos odeiem pelo grau a que levamos o processo de os empatar. É difícil distinguir a sacanice da ingenuidade.

As raparigas perguntavam frequentemente: «Tens namorada?» Eu respondia «Mais ou menos.» Ficavam furiosas ou confortadas. Era conforme. Quando choravam muito, eu acrescentava: «Mais

menos que menos.» Mas não ajudava muito. Sou capaz de mentir acerca de tudo, menos de ti. O máximo que consigo, em momentos de crise, é menosprezar-te: «Tenho uma namorada, mais ou menos, mas tu és a principal.» Mas era preciso embebedar-me, porque o conceito principal faz-me rir como uma hiena.

Estou sempre a cair em ti, em vez de em mim. Só assim eu poderia tomar consciência da minha situação, pentear-me, deixar de beber e de me lembrar — e salvar-me. Mas é no meu amor, nos teus olhos de água suja, dum mar que não tem cabo, que eu caio cada vez que se deita o meu olhar.

Estavas sempre a fazer telefonemas. Há quem faça cera. Há quem faça cadeiras. Tu fazias telefonemas. Passavas a palavra. E às vezes até passavas a tua.

Já não sei o que dizer. A amargura apanhou-me as mãos em água e em vida. As mãos vão contra os olhos. Mexem. Mentem sempre. Quando me sentam na mesma mesa onde estivemos sentados, parto a loiça toda e como e bebo pelos dois. Deve ser esta a minha timidez e esta a minha cobardia, que só quando estou longe me vem o coração às mãos e tenho vontade de to oferecer, sem medo que o possas aceitar, tal era o mal que te fazia.

Nunca vi um céu tão bonito nem tanto sossego, enquanto acabo o meu café no meio da cidade quase vazia, a não correr para apanhar o correio que já sei que não vou apanhar, sem saber que mais dizer-te, porque a minha alma está sempre a interromper-me, a chamar por ti.

Quanto mais longe, mais perto me sinto de ti, como se os teus passos estivessem aqui ao pé de mim e eu pudesse seguir-te e falar-te e dizer-te quanto te amo e como te procuro, no meio de uma destas ruas em que te vejo, zangado de saudade, no céu claro, no dia frio. Devolve-me a minha vida e o meu tempo. Diz qualquer coisa a este coração palerma que não sabe nada de nada, que julga que andas aqui perto e chama sem parar por ti.

4

Tenho a impressão de estar feliz.

Não é mau.

Tenho sessenta e quatro anos. Tive uma vida de merda, mas a culpa foi minha. O menos que se pode dizer é que tem sido interessante.

Tem graça.

Não me lembro de alguma vez ter estado feliz.

Antes.

Nem em menino.

Senão lembrava-me de certeza.

Porque é muito bom.

Deve ser — por estar, finalmente, ao pé do meu amor.

Meu amor.

Mulher má. Mas é.

Mulher má.

Mas minha.

Teresa.

Deve ser por isso.

Ela também parece não estar triste. Nunca a vi assim.

Mulher dúbia.

Teresa, chama-se.

Anda cá.

Vamos brincar ao «Lembras-te».

Lembra-me lá como é.

Quem se lembrar de mais coisas, perde.

Perde quem se lembrar primeiro.

Tu perdes sempre.

Não vale dizer a verdade.

Ai isso é que vale — desde que não seja.

Está bem.

Quem sou eu para estar feliz? Um velho inválido. Que jaz num luxuoso lar para doentes da terceira idade. Sou, contudo, uma inscrição recente. Fiquei inválido só a semana passada. Só anteontem começaram a fechar-me aqui neste quarto, às nove da noite. Não tenho razões para estar feliz, mas feliz é precisamente, aquilo que eu, neste momento, mais estou. Mais, pelo menos, do que em qualquer momento de que me lembre, ocorrido durante a minha tal vida despreocupada e interessante.

E da Teresa.

E desse inferno em pessoa que vem a minha felicidade. Durante décadas fez de mim um miserável. Mais do que miserável: um ministro dela. Agora fez que deixasse de ser infeliz.

Ai.

Como eu adoro a puta desta vida. Eu, João. Inválido de

qualquer comércio; incluindo o sexual.

Intercâmbio de que eu toda a vida gostei. Até à semana passada.

Queridos Tios.

A semana passada dei a minha última foda. Há uma semana, ó caralho. Há uns quinze dias.

Gostei.

Sempre gostei.

Agora tanto se me dá como se me deu. A Teresa também não pode foder.

Ela até muito menos que eu.

Ela que fodia tão bem.

Com quem eu fodia tão bem.

Durante aqueles anos todos em que nos demos tão mal.

Em que nos íamos matando.

Em que decidimos morrer.

Teresa.

Lembras-te de quando nos matámos?

Eu lembro-me perfeitamente.

Foda-se — já perdi.

Perdeste à primeira, atrasado mental.

Já não me interessa perder ou ganhar.

Mentiroso.

5

Estou no sanatório.
Estou feliz.
Feliz?
Tu também?
Se calhar.
Até quando será?
Tens razão. Até quando será «o
Feliz que se foda.
É uma espécie de estupidez.
Mas boa.
Sim, mas boa.

Gostava de contar a nossa história para que as pessoas más deste mundo percebessem que não são as piores. Enquanto existirmos nós. Sobreretudo a Teresa, mulher má. O pior é que já não me lembro de quase nada e não tenho vontade nenhuma de a contar. A história é comprida e chata. Pelo menos para quem a já viveu. Várias vezes. A Teresa tem mais jeito para contar histórias e dizer a verdade. Mais jeito, mas menos paciência. Falta-lhe o instinto de partilhar. Não se pode ter tudo quando se é tão má. Sempre me causou dor este facto.

Eu antigamente, antes de conhecer Teresa, era bom. Queria ter tudo e nunca tive nada. Eu era aquele para quem tudo era pouco.

Irrita-me haver só quatro estações, em vez de dezoito. E doze meses, quando podia haver mil.

Meia dúzia de homens foderam o mundo para impressionar as mulheres.

Tudo estaria bem se tivesse sido deixado ao cuidado de Deus.

Eu sei que Deus existe porque o homem, pelo que vejo, não. Não sejamos pretensiosos.

Nada somos.

Nada fiz.

Ninguém fez nada, sobretudo os que parecem ter feito. Esses estavam feitos com Deus.

Sorte.

Qualquer bicho que morre, desde a formiga até ao homem, tem de ter uma vingança. A mais acessível é «não acreditar» em Quem o fez.

Foi Deus. O problema foi Deus ter-nos feito todos mal feitos. Daí que Ele também não se possa queixar.

Não que se queixe, em boa verdade.

Deixou poucas marcas, um animal como o humano, de tão

elevado grau de estupidez.

Deus fez tudo a despachar.

Os Judeus foram os únicos que o compreenderam. Chegaram lá primeiro. De resto o mundo é um desastre.

Borboletas a voar sobre cadáveres. E eu e a minha Teresa nas nossas cadeiras de rodas, ambos com uma impressão agradável: a de que estamos felizes.

A minha Teresa.

Eu o João dela.

Que vergonha.

Foi Deus que nos deu um ao outro. Para poupar dois bons.

Deus junta sempre dois piores.

Tão má que é aquela mulher!

O mal que ela me fez!

E eu a ela?

Segundo ela: ainda pior!

Quando éramos novos.

Ou quando estávamos separados.

Que foi sempre, a não ser antigamente e agora. A não ser... não sei se me deixas dizer esta piroseira...

O que é que queres? Estou feliz, não estou habituado, não tenho mão em mim.

Apetece-me dizer que ainda temos... muito tempo à nossa frente.

Foi essa também a sensação que tive...

Também tu? Isso é mais grave. Como quem diz: é melhor do que eu pensava.

Vamos brincar ao «Estragaste-me a vida quando», que eu já não aguento mais.

Daqui a nada estou a cantar.

A felicidade é contagiosa.

E desinteressante.

Não acontece nada enquanto estamos felizes. Só estamos felizes porque houve alguma coisa que já aconteceu. O que nos vale é a lembrança duma vida de martírio ininterrupto. E de infinito prazer.

Muitas vezes confundem-se, não é?

Depende de quem está a contar o quê.

Eu, por exemplo, gostava muito de foder e considerava aquilo um martírio. Tanto esforço, tanto tempo perdido. Mas depois deixou de me apeter e também isso considerei um martírio, não porque tivesse saudades, mas porque já não tinha nada para fazer.

Tenho saudades do teu rabo.

A minha vida sem ti, que foi, aritmeticamente falando, quase toda. Quanto tempo é que estivemos juntos? Quatro anos? Seis? Tanto? Pois todos os anos que passei sem ti foram duros e interessantes. O suficiente para prosseguir. Não te queixes. Para

não me matar.

Era isso que eu pensava que tu querias.

Eu pensava que tu te querias matar.

É natural. Acreditas em tudo. Tal é a preguiça.

Ainda há quinze dias pensava que te tinhas suicidado.

Eu não acredito.

Há mais de trinta anos.

É muito ano.

Mas afinal a tua vida, se calhar, foi tão interessante como a minha. Senão suponho que te terias mesmo suicidado. Quando hoje é sabido que não te suicidaste.

O mundo inteiro sabia.

Que puta que tu eras. Realmente.

E tu?

Eu não era capaz de fazer o que tu fizeste a ninguém.

Nem eu o que tu.

Fiz pior? Tu dizes que sim. Mas pelo menos não foi a mesma coisa que tu.

Pode haver uma grande diferença, sabes?

Não gozes.

Nem todos têm a nossa sorte.

Não sei porque é que disse isto.

Estou feliz. Não tenho mão em mim.

Estou parálítico mas a verdade é que não quero mexer-me. Se calhar, nunca mais.

Não quero sair daqui.

De ao pé de ti.

Mulher má.

A minha Teresa.

Até que enfim.

O que custou chegar aqui.

Foda-se.

Só de pensar nisso fiquei triste outra vez.

E tu? Continuas feliz.

Aquilo de fingir que estávamos a foder tirou-te o tesão.

Tu és mesmo, mesmo má.

Assimétrica, a mais reles que há.

Vou-me embora.

Na tua cadeira.

Que mundo este, onde até a mobília se mexe.

Não voltes a dirigir-me a palavra.

Estragaste-me a vida.

Fizeste de mim monge, marido e putanheiro.

As três coisas que eu mais abominava ser. Acabei por ser uma ou duas das três coisas quase permanentemente.

Por tua causa.

Por este meu amor.

Matar.

Que eu bem quis matar.

Amor.

Que eu bem traí e mal disse, sempre que se me apresentou uma oportunidade.

Assim como, há não muito tempo, te quis matar a ti, mesmo estando tu já morta.

Morta.

Supunha eu, estupidamente.

Estupidamente, sim.

Mas isso em nada altera a vontade que eu tinha, de te desenterrar, de te dar brevemente vida e de te matar.

Para que soubesses.

Sentisses na pele, se ainda a tivesses.

Para que constasse.

Ouviste?

Nunca para me vingar. Só para te cortar aos pedacinhos.

Mulher má.

Porque é que me havias de calhar?

Não conheço um único homem mau que não tivesse acertado com uma mulher boa.

Só eu.

Foi azar.

Mulher má.

Só Deus sabe como é impossível, por muito mau que se seja, mesmo no fundo, desde criança, com uma maldade tão arreigada que nem sequer damos por ela, que nem sequer a sabemos usar; como é impossível dar cabo duma mulher má.

Quando eu era novo — lembras-te?

O mau que eu era.

E o estúpido.

Julgava que ia fazer de ti uma mulher boa.

Mas o amor impediu-me de te mudar.

O amor tudo preserva. É como a calda do açúcar.

Até a maldade o amor preserva.

A quem o dizes! Preserva-se, inclusive, a si próprio. Olha só: o ponto aonde pode chegar!

Eu não sou mau ao pé de ti.

Há qualquer coisa na alma que me reprime. Uma força que não me deixa ser como sou. Tudo o que eu te disse — pensei-o pior.

O bem que te soube — nem tu sabes como me custou. E estive feliz durante uns minutos e nem isso te comoveu. Mesmo estando tão estupidamente feliz como eu estava. Ainda agora sinto um resto.

Como é que consegues estar?

Numa altura destas.

Estamos paralíticos; estamos velhos; estamos fechados num

lar de terceira idade.

Já não podemos foder.

Mas podemos falar.

Já não podemos fazer maldades.

Mas podemos falar delas.

Já não podemos fazer nada senão falar.

Um dia nem sequer isso.

Estaremos apenas juntos.

Finalmente juntos.

Já é qualquer coisa.

Pode ser que não possamos mais ser separados. Depois de tantos anos.

Tu és a minha Teresa.

O caralho é que eu sou.

Eu sou o teu João.

O que me custam dizer estas frases.

Comparado contigo, eu sou uma boa pessoa.

Lá estás tu.

Sim, boa.

Tu és mesmo uma mulher má.

Sai da minha frente!

Livra-te de ires para muito longe!

Deixa-te cirandar nos cantinhos do meu campo de visão.

Para que te veja.

Para te controlar.

Por amar-te estupidamente.

E querer conhecer-te, ainda mais.

Tenho medo.

Estou a assustar-te.

Vamos voltar atrás.

Eu lembro-me dalgumas coisas.

E tu?

De nada.

Tem de se começar por alguma coisa.

Faz parte da vida.

Tanto faz.

6

O dia em que a vi pela primeira vez. Santo Deus. Mãe de nós pecadores. Rogai por nós. A camisola que trazia!

Era branca de neve, soltando novelos selvagens de angora.

Bastava olhar para aquela camisola para ficar marcado para a vida. Eu tinha um casaco azul, do meu período de praia, e fiquei coberto de caspa de lã fosforescente, luzidio e chamativo, só por ter tentado beijá-la.

Eu era um farol que passeava pela noite, atraindo os zombadores, para que pudessem zombar. E os caseiros, para que pudessem orgulhar-se de ter ficado em casa. Eu era um aviso em carne e osso aos candidatos a namoradeiros deste mundo: «Olha o que te pode acontecer!» Era esta a minha mensagem. Apaga a luz. Vai para o caralho. Pirilampo era o caralho do teu pai.

Devia ter percebido Jogo pela camisola que ela era uma rapariga má — porque nunca mais a vestiu. Não me perguntem a lógica deste raciocínio, porque me escapa.

Mas há algo de sinistro numa mulher que só usa roupa uma vez.

Nunca vinha igual. Dizia sempre que vinha igual, mas mentia. Eu também não reparava — por isso até estávamos bem um para o outro. Quando ela mentia eu acreditava.

Não posso dizer que não tenhamos — estranha forma verbal para falar destes assuntos — usufruído um do outro, gozando, aqui e ali, momentos vários do mais puro êxtase, embora me desse jeito.

Por outro lado, já não me lembro. Gostava que isto ficasse bem claro. Não me lembro de quase nada. Ainda a amo e por conseguinte esqueci-me de tudo.

Tolo que sou.

Só quem já se livrou de amar se pode dar ao luxo de se lembrar.

Saudades?!

A inveja que tenho a quem as tem! A puta que as pariu. Eu não tenho saudades — só frustrações.

Eu não me lembro — espero. Não sou um sentimental, caralho — estou apaixonado!

Aquilo da camisola é tudo mentira. Mas mentir já é difícil, quando se trata de falar dela e por isso não retiro nada do que disse.

Preciso dela e, por conseguinte, nem descrevê-la consigo.

«A mulher mais bonita e mais má que há no mundo» — não consigo defini-la melhor do que isto. E serve-nos de alguma coisa? Não.

Não, sim.

Cuidado.

Eu queria que esta história ajudasse os homens a afastarem-se das mulheres de que gostam. Que sobretudo assustasse os mais jovens. E, vá lá, que servisse de consolação a dois ou três velhos miseráveis como eu, quando pensarem que são os únicos que já não conseguem viver.

Meus amigos — é pior do que se julga. Oíçam o que vos tenho para dizer.

Que era, ao certo, o quê?

Uma vez acendeu um charro enquanto eu estava a dormir, porque tinha de trabalhar no dia seguinte, apesar de só ter vinte anos, tal era a ganância de a sustentar, e deitou fogo ao colchão. A única peça de mobiliário que tínhamos.

Escutem: vivíamos numa garagem. Os insectos entravam e saíam debaixo das paredes como queriam. Ela queria à força fazer-me sopa. Fechou-me em casa e obrigou-me a inalar aquela couve toda, saindo em estado líquido pela fulcralidade do passe-vite.

Queria esfregar o chão, de cócoras, sem cuecas, para que eu a violasse. Era um bocado masoquista. Eu não me importava. As fantasias dela andavam à volta de pretos com facas que assaltavam as casas das raparigas que vivem sozinhas.

Eu não era desse tipo. Mas lá conciliávamos as nossas manias, de vez em quando.

Uma vez chegou queimada da praia e eu apertei-lhe as maminhas, chamando-lhe puta por ter andado com elas à mostra t ambos gostámos muito.

Doutra vez, pediu-me por tudo que lhe batesse. Na altura bater-lhe era o meu sonho, porque ainda não sabia que ela era realmente má. Pensava que bater-lhe podia ser uma expressão exclusivamente minha de maldade. Mas não fui capaz. A cara das mulheres não dá. O rabo, sim, aceita umas palmadinhas, quando se está para aí virado, depois de ter fodido muito, mas a cara é uma coisa viva que não lembra ao diabo magoar.

Ficou fula. «Bate-me!» E eu: «Tu julgas que é assim que as mulheres da vida real levam porrada? Julgas que os maridos são só uns paus-mandados?» Ela vinha sempre com a mesma história, que era a fingir, e eu sempre com a mesma resposta: «Sim, mas a fingir o quê?»

Dávamo-nos mal. Fodíamos bem e fodíamos mal, mas nunca nos demos bem.

No dia da sopa tive de escapar pela única janela, minúscula, e fugir de pés descalços sobre o capim e cimento circundantes, em direcção a uma longínqua taberna onde, são e salvo, viria a beber a melhor imperial da minha vida.

Gostava ainda de atá-la, mas não tinha onde atar. Prendia-lhe os pulsos ou ela própria se imobilizava, de olhos abertos, à espera de ser atropelada, expectante até ao limite das suas capacidades.

Mas não era a mesma coisa.

Quando apanhávamos uma cama que desse para atá-la, fosse do estilo «Império» ou de sanatório para tuberculosos, divertíamos imenso. Ela gostava de não ser responsável e de ter de responder por isso.

«Confessa, puta. Estás a gostar.»

«Estou!»

Ela nunca dava luta. Suponho que também não era assim muito séria.

«Confessa! Se estivesses solta, estavas a fazer a mesma ordinarice: estavas a chupar-me a picha toda porque não pensas noutra coisa!»

«Sim! É verdade! É verdade!»

E vinha-se. Assunto arrumado. Eu vinha-me sempre primeiro — tive sempre esse cuidado, sabendo do que gastava a casa, em matéria de falta de consideração e egoísmo. Nisso ela era exactamente como eu.

Só me lembro do sexo. E a única memória que pode ter utilidade póstuma. Durante todos os anos em que estivemos separados, devo ter batido uma média de cinco punhetas por cada foda que demos. As que me dão mais tesão são as que lhe deram mais tesão a ela. Ela diz o mesmo de mim. Deve ser a única coisa em que sou moderno. Não há nada mais desin-teressante que o meu próprio tesão, sobre o qual não tenho mão, por assim dizer.

É sempre a mesma história. O amor. O amor a mostrar-nos o que tem. Deus. Uma rapariga no meio da minha vida. Teresa.

Ainda bem. Como a sombra duma andorinha sobre uma formiga, tu segues o meu caminho e eu guio-me por ti, por não ter para onde ir. Minimamente feliz, Teresa, minimamente feliz.

«A minha boca é como uma coninha, a minha coninha é como um rabo e o meu rabo são seis meses de prisão.» As coisas que tu dizias para me fazeres feliz. É com elas que eu acompanho os meus momentos de enfado e de ódio.

Está tudo ligado. Eu não tenho mão na memória. Só me lembro do bem. O mal que faz falta — o que me fizeste — escapou-me. Os teus olhos cor de água suja — quem se podia cansar de cair neles?

Quando eu mais nada queria senão um lugar algum aonde voltar. «Quero perder-me.» Estava sempre com a mesma conversa. Engordava-me dizer coisas tão apetitosas. «Foge. Foge, raios te partam, que eu já não suporto encontrar-me ao pé de ti.» O que tu te rias, santo Deus.

Fugia para todo o lado. Amesterdão. Depois de comer camarões, caranguejos, ostras e uma lagosta, a empregada pergunta-me «Gostou?» e eu respondo que sim, depois de não ter sentido qualquer espécie de prazer. Gastar muito dinheiro era a única solução. O tempo leva tudo, esteja ele onde estiver.

É sempre a mesma história. Ainda bem. Não me afecta o rabo da rapariga à medida que se afasta, com a conta na mão, em direcção à caixa. O teu era o único do mundo. Seis meses de prisão e uma vida inteira para gastá-los. No teu convívio. Vinha tudo dar ao mesmo. Pensava cada vez mais em ti, se me conheceste, se te conheci. Nada me deixava sozinho ou quieto.

Sabe-se que as coisas não vão bem e que a saudade se está a tornar podre quando os dias começam a parecer um dia mais cedo do que são.

O que tinha para te dar! Ó rapariga! Eu é que não estava para isso. E tu? Alguma vez receberias?

Perdoa-me. O instinto é bom. Só lhe falta a vontade. Dizem que a vida inteira pode caber numa única palavra, mas duvido.

Faço uma lista das coisas que não posso esquecer-me de comprar amanhã:

Whisky.

Tinta.

Duas coisas. Em boa verdade, só uma.

Fizeste-me beber mais do que eu deveria e agradeço-te. Tu despachavas gin como se fosse água-benta, mas depois atiravas-

me com ele à cara. «Por que é que me deixaste?» As vezes que fui buscar mais gelo! Sem uma única palavra de agradecimento. E o dinheiro? Tu sabes quanto nos custou divertirmo-nos tanto?

Sozinho ainda saía mais caro. Tu a beberes no teu quarto. Miniaturas de aviões, na caneca das esferográficas — não tinhas vergonha? Amo-te.

«Leva-me a casa. Estou com os copos.»

Eu levava-te à minha e tu acordavas e dizias «Isto não é a minha casa.»

«O que é que tu queres, afinal?»

«Quero a minha mãe.»

E querias mesmo. Lá ia eu outra vez. A cidade linda. As estradas acabadinhas de regar. O teu cabelo caído. Fodíamos no elevador. Para baixo e para cima, até o primeiro vomitar ou se vir. O teu coração contra o meu, batendo de doido e de contente. Surpreenderá alguém que não tenha resultado? Ah bem. As pessoas são felizes mas isso é irrelevante à felicidade que possam sentir.

Conhecia todas as tuas luzes. Viesses de onde viesses, a que horas fosse, na companhia aérea que calhasse, via sempre a tua casa — nunca a minha, apesar de ser mais alta. Já dormi em cada um dos teus quartos. E chorei em todos, sempre sem saber porquê — de prazer, provavelmente. Ou eras tu? Não interessa. Quer dizer, só eu é que acho interessante saber. Era bom ter sempre um sítio aonde eu podia ir, onde tu estavas, com a tua

carinha e os teus cotovelos e a tua maneira macaca de discutir.

Vejo sempre a tua cara à minha frente. Do contrário ninguém me pode acusar.

«Não és a minha alma gémea.»

Pois não. A mulher que eu queria era alguém que quisesse ler os meus livros e tivesse livros que eu quisesse ler: alguém um bocadinho como eu, com livros que só tivessem sido lidos uma vez. O resto escapava-me e continua a escapar-me. Infelizmente, como infelizmente folgo em dizer.

A vida. Eis o que eu dava para nunca te ter visto ou para te ver só mais uma vez.

Com o teu hálito de gin e a tua voz de menina, deitada como uma doente, sabes lá o quanto me apaixonavas com essas merdas — alguém que no meu rosto era mais do que eu.

«Larga-me!», gritavas.

E eu: «Desculpa?»

«Agarra-me! Agarra-me!»

E eu largava-te. E tu suspiravas de alívio. Até te dar a solidão. Ai Deus me leve os olhos que te viram todas aquelas vezes. O teu rosto ocupava-me inteiramente.

No dia seguinte discutíamos. Separávamo-nos contentes. Cada um à sua vida. É o mais indicado nestes caso de amor e alcoolismo. E eu bebia whisky toda a noite, whisky toda a noite, e lia livros

gordos, muito gordos, embebedando-me nas letras até não perceber nem a frase mais simples — como era bom. As vezes continuavam incompreensíveis de manhã e eu ficava triste porque não tinha bebido suficientemente. E o que dá ler romances complicados e estar apaixonado por ti ao mesmo tempo. Eram aquelas vezes em que eu tinha de me ir embora para mais ninguém — toda a gente menos tu — me ver. Uma vez escrevi-te um poema piroso que era assim:

Ó meu amor dos amores
Onde deixei eu o meu tempo,
Que nem de manhã nem de noite
Encontro o sentimento
De viver,
Quanto mais de outra coisa
Qualquer.

Precisava de fugir. Era uma necessidade constante. Se não fosse o amor, de que poderíamos escrever ou fugir? Eu escrevia-te mentiras que eram quase verdade: que queria fugir para dentro de ti, invadir-te com fúria de te ver ininterruptamente, de não conseguir impedir-me de ficar ali parado a olhar para ti. Tu fazias pior. Ficavas calada e deixavas-te invadir. Atiravas os pulsos para as almofadas antes de eu poder fingir que tos ia prender. Mas era bom. Nota: era melhor assim.

O amor é fodido. Nunca sabemos se estamos a dar ou a receber. Os teus poemas também eram ricos. Transcrevo um de memória, para gáudio de quem nos estiver a ler: «A quem, a quem hei-de-me dar; eu que já soube o que dava e agora não sei mais nada? A quem hei-de dar a verdade que guardo tão mal, tal é o mal que ele me faz: dar-me vida e nada mais.»

Escrevemos coisas parvas, perguntas já previamente concebidas para obter respostas rápidas. Até parece que estamos a falar. Num dos nossos quartos.

«O teu mal», dizias tu com frequência, sempre como se o mal fosse só aquele e não contassem os milhares já identificados ou por identificar, «é só quereres quem não te quer e amares só quem for capaz de amar-te até à morte sem nunca te ter...»

De que nos serviu falar? De que nos serve escrever? Dizem-nos, quando somos pequenos, que as mulheres gostam. Mas tu nunca gostaste. «A quantas não terás já tu escrito?»

E eu respondia-te sinceramente: a mais de cem. Mas nessa altura tinha mais paciência e esperança e, de qualquer forma, estou arrependido se alguma vez pus fosse o que fosse em pratos limpos e entreguei o resultado a uma rapariga qualquer.

Escrever só serve para perder os sentidos — quando são os outros a escrever. E em público, sempre em público, sem batotas ou oportunismos.

Eu prefiro a fotografia. A tua carinha querida, em fotografia

após fotografia, o cabelo molhado, as revistas em cima da cama, as polaroides que não se percebem: eu vejo-te em todas elas. Eu era um bom sacana mas amo-te tanto.

Olha esta. Começou atrás do mar mas acabou mesmo assim: Eu aqui, antes da água, diante a tua terra, com o meu amor como cara e a roupa com que vim. É por isso que todos os amantes ficam mal nas fotografias. Estão sempre espavoridos.

Na tua terra verde, fecho-me numa pensão e como frango na púcara. Num pucarinho de barro, para me dar um ataque cardíaco. As senhoras que me servem trazem-me vinho barrento e aqueles sorrisos puxados pelos carrapitos que mostram que têm pena de mim. Queria ser um segredo que só tu pudesses contar. Vim sem te dizer nada. Nem sequer estás aqui. Aliás nunca estás aqui. Mas estás sempre a falar em ir e isso é mais forte do que vires sem pensar nisso.

Os nomes são letras nos campos, que passo sem saber ler, como aquelas crianças nas escolas que nunca chegamos a conhecer. O arrozinho ri. Volto à tua terra, à terra verde onde nunca vim, onde nem sequer nasceste — como se estivesse a largar os braços do muro onde me penduro na minha vida, para poder cair em mim.

A tua terra verde onde eu posso cair morto, se quiser. Na minha terra não me conheço — não sei como acabei assim.

O que vale é que ainda és pior do que eu. Nunca cá vens. Eu sinto-me teu embaixador. Os teus amigos perguntam por ti. E eu, que sei tanto como eles do teu paradeiro e da tua disposição, tenho prazer em mentir-lhes.

O amor é fodido. Os outros, frequentemente, deixam de existir. São muitos. Não percebem nada. Querem ajudar sem se darem ao trabalho, que levaria anos, de tentar perceber. Tu dizias «Os nossos amigos são como as estações, onde esperamos que venha o amor que nos vai levar.» Eras fresca, tu. Fazias-me sentir uma carruagem de segunda classe, dum comboio que não sabia conduzir, que me levava para lugar incerto, sendo só certo que eu apenas fazia parte da composição, por um lado — e, pelo outro, que não queria ir.

Chegaste a dizer uma vez: «Tens de escolher entre mim e o mundo.» Foi a primeira vez que percebi que se podia separar mentalmente as duas coisas. Ia morrendo de medo. E fugi.

Escondi-me no pucarinho, debaixo do osso duma asa. O molho é quentinho. Tenho alface e orvalho na barriga. A sala do restaurante está vazia. Fico tonto. Penso: vou aproveitar todos os segundos, cada gota de chuva e de vinagre, cada grão de arroz, cada instante de luz, o cheiro da pedra antiga ali ao pé, onde tínhamos combinado casar, e das minhas mãos fechadas em punho, suadas e forretas, há-de fugir uma flor igual à que está no jarro de vinho, que só os teus olhos serão capazes de abrir.

Pois é: altura de pedir a conta, antes que me dê para o

guardanapo, que nem sequer é de papel. É de algodão branco e tem dois corações azuis bordados. Às vezes levam-se as coisas longe de mais — depois quem responde pelas consequências?

Por amor, longe. Por amor, mais longe ainda. Porra, como fica longe o coração de quem procura o que já trouxe de casa!

Passo uma hora contigo, num quarto comprido. O ar do campo — ou será o drama? — abre-nos o apetite. Tudo é como digo: vazio e gaiato. Uma fodinha na púcara, dada à moda do campo. Pareces mais saudável. Não sei se gosto. Tu gostas. Este é o «blush» primevo. As tuas bochechas, ao espelho, pertencem à primeira dinastia. As tuas maminhas sabem a rosas esmagadas e esquecidas. Tanto é assim que quase adormecemos. Foi um tesão grande, mas um tesão de meninos. Um tesão que fecha o olho para ver se dorme uma sestina.

Tudo é como digo: vazio e gaiato. As luzes atrás dos espelhos, mortas por se colorirem. A roupa está zangada. Põe-se de pé com a impaciência de voltar para Lisboa. Ai, esta roupa urbana, preta, retinta, que passa tão mal no campo. As Levis 501s têm medo de irem parar a algum enterro. E as mangas, tão compridas, foram cansadas pelos braços estendidos, que estendemos um para o outro sem qualquer vontade senão tocar em qualquer coisa, na esperança de acordarem juntos, depois de se terem posto a dormir. Estes corpos não são nossos. Desculpe. Não é a nós que compete removê-los. Não somos os verdadeiros proprietários. Não temos documentos — só sono. Juramos que os donos hão-de vir, se nos deixarem em paz. Somos caseiros, compreende? Se não dormirmos, enlouqueceremos.

Toca o telefone, mas é como se fosse o sino duma igreja longínqua. Adormecemos embalados por ele.

Deve ser a «recepção» a querer saber se ficamos mais um dia.

Mais um dia, nunca. Mais três horas, sempre. Óó.

Deus me dê sono. Porque é que há-de cobrar sempre em sonhos? O que eu quero é estar ali deitado contigo. Mas na porcaria do meu sonho, levanto-me. Lembro-me da palavra que dava vida ao mundo e só eu não conhecia. Não é Deus. É «pucarinho».

Tenho de levá-la aos meus irmãos que vivem para lá do monte. Dói-me deixar-te na cama. Sou avassalado por ternura, inveja, rancor, quase ódio. Há uma planície. As vespas matam-me. Dão cabo de mim. As ovelhas barram-me o caminho. Várias vezes fico à beira de me esquecer da palavra «pucarinho». Se sei a quantas ando, francamente não sei porque ando assim. Num dia espero pela tarde. À tarde, pelo dia seguinte. Será que, de manhã cedo, ainda haverá quem guarde, senão o meu lugar ao teu lado, ao menos uma única lembrança de mim?

Despacha-te, Meu Senhor, que tenho pressa. Deita-me à noite. Atira-me às nuvens. Não deixes nem um pedacinho de mim. Os meus braços são folhas; a minha boca é um recado; os meus

passos são notícias, do princípio até ao fim. Meu Deus — distraíste-me! Esqueci-me do que tinha para dizer. Não era Deus. Não era barro. Não era frango. Nunca mais me vou lembrar.

Como é que posso aparecer em casa dos meus irmãos? Como posso voltar aos braços do meu irmão? Deus, como pudeste deixar-me a meio do caminho? Não podes parar, ao menos, com as vespas? Dar-me uma ajudinha. Caçarola. Cataplana. Jarro. Arrozinho?

Nunca mais me vou lembrar.

Acordo aos gritos.

«Porque é que tens sempre pesadelos quando dormes comigo? É assim tão mau?», perguntas, rabugentíssima.

«É por ser tão bom», explico eu, em boa verdade; sim, ao menos uma vez na vida.

«Odeio quando te armas em engatatação.»

Pois é. Sobretudo depois de já termos fodido. Ingrata. Besta. Maravilhosa. Bambi com caninos. Aconchego-me. São três e meia da tarde. Não há hora mais tardia. Puxas-me. Dizes «Cala-te!» meia a rir, antes de eu falar. E depois «Amo-te» antes de voltares a dormir. O teu «timing» é sempre perfeito. Quando eu digo «Amo-te» acordo sempre alguém. O mais que recebo em troca são uns murmúrios: «Sim... sim... está bem...»

Amanhã, se voltar ao meu sonho, quero ir contigo e deixar-me aqui a mim. Antes de adormecer, ilumino-me e passo-te a palavra. Digo-ta ao ouvido, como se fosse um nome de amor: «Pucarinho». Repito-a para que penetre até ao fundo do teu cérebro: «Pucarinho». O problema agora é teu. Contente, largo-te e viro-me para voltar a dormir. Os nossos rabos asseguram as ligações durante a tarde.

De sobressalto, o nosso nome é chamado pelo amor. Como um cão ou um criado. Vamos tão apressados que mal damos com o caminho. Isto na escuridão das noites inteiras que passaram as nossas almas.

Depois chamamos nós por ele. Quando desapareceste era o meu passatempo preferido.

Às vezes apareciam raparigas. Oportunidades. Bem-intencionadas. Dispostas a esquecer que eu já tinha vivido o meu «grande amor» — como chamam ingenuamente ao amor da nossa vida. Bonitas. E colaboradoras. Se o amor não chamava por mim, chamavam elas. Aos gritos, se fosse preciso. Umas diziam «Ama-me», outras «Nem que seja só um bocadinho» e havia algumas, muito boas raparigas, que facilitavam mais ainda: «Não me importo se não me amas. Deixa-me é eu amar-te.»

Foge. Essas eram as piores. As figuras que eu fiz. Até ficar azul de lhes explicar que, se eu ficava parado, sem saber por onde andar, era por estar preso a um passado que nunca mais chegaria ao fim. E elas, logo: «E entretanto?»

Era uma boa pergunta.

«Bem, entretanto...»

Às vezes julgo que, de todos os tempos que temos, os entretantos são os mais menosprezados.

A quantidade de coisas, amiúde com grande valor ou efeitos duradouros, que se podem fazer enquanto o diabo, como se diz, esfrega um olho. Muito deve ele esfregar. Deve ser das ramelas.

Foi assim que me entretive, de vez em quando, fingindo que tinhas sido suplantada, substituída, posta na prateleira, desactivada, transferida para a América — tudo menos esquecida. Isso eu nunca fiz.

Perguntavam-me: «Ainda te lembras da Teresa?»

E eu respondia que sim. Claro que não dizia «Ó!» ou «Então não!», mas esclarecia, calmamente, que a tua memória não me era estranha.

Depois queriam saber mais: «Muitas vezes?»

Eu mentia: «Só de vez em quando.»

Mesmo isto irritava-as.

«Mas achas isso normal?»

Eu desculpava-me o melhor que podia: «Repara que eu tenho aquele problema de que te falei, de me lembrar de tudo...»

Depois vinha a bomba, mais em jeito de afirmação.

«Ainda gostas dela...»

Eu aproveitava o verbo: «Claro que gosto!»

Mas elas não perdoavam: «Mas amas?»

Aqui eu ia-me abaixo: «Eu sei lá o que é o amor!»

Mas sabia. E elas sabiam-no. Era muito desagradável. Sempre foste um grande empecilho, diga-se em abono da verdade. Tiro-te o chapéu.

Fui a outras terras com essas raparigas mas as terras mudam muito quando lá não param os corações. Mal chegamos onde queríamos, descobrimos de onde precisamos de fugir.

Os sítios mais bonitos e eu a desculpar-me. Faziam-me todos lembrar a tua terra — a mais feia de todas que conheci. Cada pedra chamava-me traidor. Cada flor gritava o teu nome. E eu, aflito, com a chave do hotel na mão: como posso ir-me já embora se nada tenho para deixar? Nem um beijo sequer. Nem um café. Se eu tinha chegado ainda há bocadinho com os braços a abarrotar? Foi assim que aprendi a aguentar a tristeza de todas as raparigas que há no mundo. Maior tristeza era a minha — de não ser já capaz de chorar ou receber uma única lágrima. Graças a ti. Eu, que era tão sensível. Tornei-me num duro. Lamento dizê-lo, mas é verdade: num autêntico grunho.

Infeliz de quem vive sem ti.

Houve uma rapariga que enfrentou o problema e quis salvar-me. Quando falhou, eu disse-lhe sinceramente: «Se pensas que gosto de amá-la, estás muito enganada. Odeio. Juro-te: trocava o

meu coração, com todo o seu conteúdo, por uma cabecinha como a tua.»

O mundo inteiro é muitas vezes muito pouco, para quem não está à procura de nada.

Eu fechava os olhos enquanto tu não estavas a ver. Ficavas sozinha. Zangavas-te. Depois acordavas-me: «Ainda não percebeste? Tenho de adormecer primeiro — senão não consigo dormir.» E eu dizia: «Dorme lá, então.» E tu: «Era tão bom que eu dormisse.» Tinhas sempre a impressão que nunca dormias. Quando eu te dizia que não era verdade, respondias que pensar que não se está a dormir é pior do que ficar acordado.

Perdi o sono por causa de ti.

Eu que dormia tão bem. Mal eu nasci. Quando a mão do meu Pai me tocou, depois da minha Mãe me ter dado vida, eu já estava a dormir. Só acordei aos seis anos. Abri os olhos e não gostei do que vi. Esperei uma eternidade. Ainda não tinha aprendido a adormecer. Quanto mais viver.

Quando dormia contigo, esqueci-me outra vez. Comprei um livro de detectives só por causa do título: *The Dream of Deep Sleep*. Nunca o li. Para passar o tempo fazia-te festas e chorava as cidades que nunca veria, os amores que tive, o tempo que perdi, Madrid: tanto barulho, tanto calor; tanta vida a vingar-se de tudo. Perdi. Dorme amor, por tudo o que eu perdi.

Anos mais tarde, voltei a poder dormir. As mulheres ajudavam-me a adormecer. Ficava-lhes agradecido. Sabes: sem amor, chega às vezes a semelhança do amor. Mas nunca de ti.

A semelhança do amor, o tesão de ter tudo na mão. Até a cona. Até o coração.

Mesmo assim eu preferia tomar os comprimidos a aturar as raparigas que eram contra os comprimidos. A salvação pode ser muito bonita mas é preciso levar em conta o tempo infinito que demora.

«Casa comigo que nunca mais tomas um comprimido», disse-me uma delas. Como se fosse aliciante. Como se fosse um gesto de amor. Tomei, logo à frente dela, dois dos fortes. Ela saiu. Não me deu tempo para fugir. Fui à janela gritar «Poupa-me!» Mas não me poupou. Nem no dia seguinte. Apareceu logo de manhã, para pedir desculpa. Acordou-me, claro. As pessoas que dormem julgam que isto é aceitável, que faz parte da vida, como telefonar. Não sabem que nos estão a matar. «Poupa-me...», repeti. «Podes ficar descansado», respondeu ela, deitando-se ao meu lado, toda fresquinha, despertando-me como se me afundasse o nariz num canteiro de rosmaninho «Eu não te quero mudar».

É nestas alturas que se descobre que querem mudar-nos. Só que desistem. Deus abençoe a falta de persistência das raparigas com medo de ser abandonadas. Por homens como eu, presos a pessoas como tu — todos aqueles que estão sozinhos no princípio e

no fim do que fazem. Acompanhados no meio, quando o que está a ser feito pode continuar a fazer-se sem nós.

Uma noite há alguém que diz: «Quero dormir como tu.» Dou-lhe três cafés misturados com comprimidos. Preocupo-a com coisas da vida dela que poderão correr mal. Adormece como uma menina. Acorda no dia seguinte e diz que se fartou de ter pesadelos. Os pesadelos são as insónias de quem consegue dormir. É suposto ter-se pena. Está implícito que teria sido melhor ter ficado acordada. Tontas. Nessas ocasiões sou impiedoso.

«Não pense que sou um mulherengo como os outros», disse eu a uma que só queria dormir comigo, «sem fazer nada» como elas dizem, como se dormir não fosse já gravíssimo. Abri um livro. Ela estava a rir-se. Esticou o dedo do pé e respondeu: «Eu sei — vi logo que era um mulherengo diferente...»

Continuei a ler.

Ela estava radiante: «Diga-me uma coisa bonita.»

Disse. «Você é a rapariga mais bonita que eu já vi.»

E ela perguntou: «Quantas viu até hoje?»

E eu disse «Consigo, treze.»

Fodemos como doidos. Eu queria ler. Onde o mundo me deixou. Ela enrolou-se numa almofada, como a minha primeira mulher, que esteve sempre tão longe, até aqui.

Amei-a mas depois esqueci-me.

É preciso cair num poço de água gelada para me sacudir de ti.

Deixaste em destroços a minha vida, antes e depois de ti.

Destruíste a velha alegria que eu tinha guardado tão cuidadosamente. Mas aquela maneira de adormecer apanhou-me e levou-me ao tempo antigo. E lembrei-me do meu primeiro amor, do amor, de quando éramos novos e de como nos amávamos, antes de tu existires. Há anos que não me lembrava assim dela. Pensava que a tinha perdido. E perdi. Eu chamava-lhe a minha mulher-cebola: era boa mas fazia-me mal. Ela chamava-me cabrão, filho da puta, sacana. Nunca uma palavra carinhosa. Se calhar foi por causa dela que fiquei tão incarente quando cresci.

Não tínhamos nada para dizer um ao outro, mas fodíamos muito e dormíamos bem. Não era bem assim, mas está bem.

Enquanto tu e eu, minha querida, fomos condenados um ao outro, castigados com o outro. Como a uva, que é doce e não faz mal a ninguém, está condenada à aguardente.

O que custa mais não é tanto lembrar — é não esquecer. O que é que se faz com o que nos fica na cabeça, quando já não há nada para fazer?

A certa altura decidi que mais valia estar sozinho. Nunca na minha vida arranjei tantas namoradas. A Teresa já tinha morrido há dez anos, a minha primeira paixão por ela já tinha mais ou menos passado (ou pelo menos assim julgava) e parecia-me a ocasião ideal para me isolar do mundo do qual tão demoradamente me tinha fartado.

Porque é que as mulheres não resistem a um homem que quer mesmo estar sozinho, que nem sequer quer estar com os amigos, ou ter amigas só para ir para a cama com elas, sobretudo quando tem uma casa grande?

Não se pode ficar sozinho e bem disposto neste mundo. Para garantir uma solidão minimamente desacompanhada é preciso estar-se triste.

Eu não estava. Tinha dinheiro, carros, casas e outras coisas parecidas que também nos impedem de descer à mais baixa das misérias, por muito puro que seja o nosso coração.

O meu período «só» foi assim: um corropio. As raparigas entravam por uma porta num dia e saíam por outra no dia seguinte. Só faltava distribuir senhas de supermercado. Raramente se cruzavam, note-se. Cada uma era atendida no seu tempo, com um toque personalizado. Se calhar combinavam entre elas. Capaz disso eram elas — tal era o desrespeito em que me tinham. Só sei que muitas delas eram amigas umas das outras. Sei porque era destas que eu menos gostava. Foder uma amiga duma amiga é chato, como sair um cromo repetido. Então quando elas se fartam de nos imaginar com outras mulheres, como é do seu feitio, é sempre de temer que nos estejam a imaginar na cama com as amigas. Tira um bocado o tesão, esta familiaridade.

Aliás, na minha experiência, quase tudo na vida é susceptível de tirar o tesão.

A Teresa nunca me tirou o tesão, mesmo quando queria, verdade seja dita. A mim, o amor dá-me um tesão maior que o mundo, infelizmente. Feliz daqueles que amam as esposas e podem comer em casa e foder fora. Esses, sim, são uns desgraçados.

A solidão dá tesão. Quando se está sozinho só se pensa em foder, da mesma forma que, quando se pára de foder, só se pensa em estar sozinho. Maneira que as raparigas iam e vinham como queriam — gosto muito desta expressão. Como as baratas e os bichos-de-conta da minha garagem no meio do pinhal, onde eu e a Teresa fingíamos que ela tinha sido apanhada com um pepino debaixo da cama e eu era o patrão que tinha de a castigar.

Deitava-se sobre os meus joelhos e eu lá lhe dava umas

palmas no rabinho — ou umas palmadinhas no rabo, quando estava menos para aí virado. Ela divertia-se muito com estas brincadeiras. Tinha a tara de ser apanhada e de apanhar, de ser obrigada a confessar que era uma porcalhona, mas só um mi-cro-segundo antes de se vir.

Estou sempre a voltar à Teresa. Mesmo quando estava com as outras era essa a minha actividade principal: voltar à Teresa. Ainda tentei repetir algumas brincadeiras com as outras, mas eram elas que sugeriam para me animar — e não era a mesma coisa.

Eu dizia «Diz: bate-me!»

E ela dizia «Bate-me» muito baixinho, com medo de levar mesmo uma chapada.

E eu dizia «Diz como se te apetecesse mesmo!»

E ela invariavelmente: «Porque é que não me fodes e não me deixas em paz?»

Uma vez surpreendi-me tanto como uma delas que me tirou o tesão durante vinte e quatro horas. Era uma professora de liceu, de cabelo curto, daquelas que têm «aventuras» e depois vão bufar tudo para as revistas femininas, descrevendo-nos com displicência — «ele foi apenas um instrumento para me vingar do Alexandre...»; «tanto fazia aquele como outro; eu precisava era de perder a cabeça» — estão a ver o género.

Ela própria pediu-me, a meia-foda, que a «tratasse mal».

Confesso que não percebi. Apeteceu-me responder-lhe «O filha, isso levava anos...!». Mas pedi esclarecimentos.

«Mal como?», intrigado.

«Tu sabes...», ofegante, já envergonhada de ter falado, por causa do pequeno intervalo que criei com a minha dúvida.

«Queres que eu te maltrate?»

«Não... trata-me bem» e, mais ousada, com aquela cara anos 30 que as mulheres faziam quando queriam passar por malandras: «Estás-me a tratar tão bem...»

E logo a seguir: «Mmm...»

Calei-me e continuei.

Ela repentinamente desesperada, abrandando o passo: «Então?!»

E eu, perspicaz, não fosse pôr em perigo a foda: «Queres que eu te chame nomes?»

Ela corou. Juro.

Eu repeti, na voz que se usa com crianças muito novas e que todas as raparigas apreciam nesta ou naquela outra altura das suas vidas: «Minha malandra... tu queres que eu te chame nomes...»

Ela fez que sim com a sua cabecinha suburbana.

E comecei: «Tu és uma desavergonhada...»

E ela, primeiro: «Não.»

E depois, acelerando: «Sou! Sou sim!»

Eu: «Ordinária!»

Ela: «Não... não... não...»

E eu sem estar já à espera, mantendo um bom ritmo de bombada, entretido comigo mesmo, um bocado nas tintas para ela.

E ela: «O que é que me chamaste?!»

E eu, como se tivesse decorado o nome dum rio: «Ordinária...»

Ela: «Sou! Sou sim! Sou uma ordinária!»

Aqui aproxima-se inexoravelmente — nenhum outro advérbio serve — da histeria pretendida.

Eu estou quase a vir-me, graças à excitação dela, que me põe de cabeça perdida. Com uma cabeça daquelas, ainda por cima.

Não tenciono prosseguir. Só rematar.

Mas ela quer mais. Abre as narinas todas, muito mais do que lhe seria exigido, arregala os olhos e fita-me como se me quisesse matar: «Sou uma porcalhona!»

Eu, começando a entusiasmar-me, tal o contágio: «És uma porcalhona que se farta de foder!»

Ela: «Sou! Sou!»

Eu: «Fodelhona!»

Ela: «Mais! Chama-me mais! Trata-me mal que eu venho-me!»

Eu, de cabeça igualmente perdida, incapaz de encontrar mais sinónimos, ou nomes ainda mais reprováveis, limito-me a um simples e pouco significativo: «Putá!»

Pára tudo.

Pronto. Já ninguém nesta casa se vai vir.

Ela diz: «Não; isso não.»

Eu, verme: «Desculpa...»

«Não», repete, começando a arranjar a roupa, «Isso é que não.»

Está mais composta do que no momento em que meti conversa com ela. O sorte.

Comecei a rir. Foi obra santa, porque perdi o tesão todo.

Perguntei-lhe se havia alguma lista que eu pudesse consultar.

Ela: «Detesto as pessoas que abusam... detesto!» Está à procura das cuecas, o que lhe retira alguma credibilidade.

E «vaca»? E permitido «vaca»? ou só porca?

Ela, não sei quê, de dar um dedo e tomarem-lhe logo a mão inteira, ainda não encontrou as cuecas.

Eu acho que a minha casa come cuecas. Chupa-as pelas frestas entre as tábuas, para dar de comer ao caruncho. É uma espécie de negócio.

«Que é que tens contra as putas? Tenho uma tia que foi puta quando era nova!» (E tenho).

«Vai chamar puta à tua mãe!» Está zangada. Porque é que as mulheres não têm cuidado com as cuecas, elas que são tão obcecadas por tudo o mais?

«Não, deixa — já percebi. A ti devo tratar-te por porcalhona, ordinária e fodelhona, mas se quiser tratar alguém por puta devo

entrar em contacto com a senhora minha mãe, apesar da senhora minha mãe saber a todas as horas do dia, onde param as suas cuecas — ou, melhor, as cuecas dela...»

Ela veste os «jeans» sobre o rabo nu. Rabo bom. Pena. Podíamos ter sido amigos. Podíamos ter sido... partenaires!

Sai de minha casa e lembra-se que não tem dinheiro para o táxi.

Bate fortemente.

«Para aonde será desta vez?», pergunto eu, arrastando-me para a porta. «Para que subúrbio longínquo?» Tenho de começar a andar com raparigas aqui do centro...

E para longíssimo. Dois contos. Toma que é para aprenderes. Ela recebe o dinheiro como se fosse um direito humano.

«Amanha pago-te.»

E eu não resisto a dar uma facadinha também: «Deixe lá... não tem importância...»

Depois sento-me na cama desfeita e começo a rir até me lembrar da Teresa e de como ela se divertia quando eu a chamava a puta mais puta do mundo, que fode com anões e molestadores de crianças e ainda pagava por cima. Começo outra vez a chorar.

Porque é que conseguimos foder com quem não amamos? Não haverá aqui qualquer coisa de errado? Pensamos que o amor fica resguardado mas a verdade é que vai-se fodendo à medida que se fode.

Fazer amor é pior ainda. Odeio as mulheres que insistem em fazê-lo, quando não há ali amor nenhum para fazer.

A Teresa aparece sempre nas piores alturas. Antes, durante e depois.

Levanto-me da cama e vou para a sala chorar a minha vida inteira, que nunca chegou a ser inteira, por culpa dela.

A Teresa recusa-se a ir-se embora. E eu fico à espera, contente por ela não ir e triste por eu ter de ficar.

Matou-a numa manhã tão clara que nunca mais deixou de a ver.

Os anos passaram. Mas levavam-me com eles. Podiam ser como as águas, que puxam pela terra e arrancam o lixo. Mas os anos nada fizeram. Ficou tudo com eles. Até o mais pequeno pormenor. Até o cheiro do cabelo. Até o cheiro dos pulsos. Tudo ficou com eles. Teresa! Vem salvar-me!

Havia noites em que fugia. Perdia-me nas pessoas e nas bebidas, nas músicas e nos países para onde viajava. Mas acabava sempre na mesma manha, partisse de onde partisse, como se fosse devolvido, ou dalgum modo voltasse, ao lugar do crime, à cama onde a tinha morto. E via o rosto dela.

Via o rosto dela. Estava sempre diante dele. Naquela manhã de Verão, no sol absoluto; tão branco que parecia que nunca iria nascer.

Se tivesse sido noutra luz. Ou noutro dia. Se tivesse sido numa hora em que os olhos pudessem fechar-se contra o sol, sem doer e sem queimar. Se tivesse sido assim, ele já teria começado a esquecê-la. Teria começado a confundir certas coisas. Como o elástico com que prendia o cabelo. Como os cotovelos. O cheiro dos cotovelos.

Quando a matou, deixou que ela se matasse, deixou-a para ter paz. Estava farto de amar, de amor, de ser amado. Queria a tristeza das coisas do mundo, recuperar o hábito de se esquecer do coração, com o corpo dado aos dias, livre e calado, como os outros. Não queria mais ignorância do que havia e ia acontecer, mais intempérie nos sentidos, mais fantasia sem resposta, naquela sua alma incapaz de ouvir, incapaz de responder, incapaz de tudo menos de chamar.

Matou-a — deixou que ela se matasse — por pedido dela, para que ambos tivessem essa paz. «Não podes amar-me mais...», acusou ela. E ele dizia «Eu não podia amar-te mais...» E ela respondia, de cabeça a cair, «Pois, eu sei... mas eu precisava...»

Era a única coisa nela que ele percebia. Ele também queria, também pedia, que ela o amasse mais.

«Amo-te tanto». Sempre essa palavra — tanto. E a pergunta ao outro, a quem parecia tão pouco: Mas quanto?

Agora ria-se desses dias e chorava. Se perguntava, perguntava por ela, estupidamente; ou por ele, por quanto teria paz. Quando se esqueceria do que mais lhe doía lembrar? Os pormenores trazem sempre a maior mágoa. A grandeza, relemburada, como a felicidade, e o sonho e o amor, suportam-se por orgulho ou por compreensão, como uma saudade. Mas os pormenores, o conjunto das coisas que só estorvam, que nos azedam na alma, que não nos saem do pensamento, não se conseguem perceber nem aceitar.

Ele lembrava-se do elástico com que prendia os cabelos e das flores vermelhas do vestido e da maneira de fumar e a vida parava-lhe no peito. Paralisava. Ficava em casa durante dias. De olhos abertos ou fechados, tanto fazia. Estava a olhar para ela. Não conseguia deixar.

Até não poder mais. Até tudo cair à volta dele e ele ver que ela estava morta e ele vivo, e que parecia ser ao contrário, e que ele não podia absolvê-la mais.

Culpou-a. Lembrou-se das palavras com que disse: «Mata-me.» Lembrou-se: «Mata-me. Deixa-te estar e mata-me, que eu quero morrer ao pé de ti.» E lembrou-se das vezes, das milhares de vezes, em que disse: «Mata-me, mata-me! Já não aguento amar-te mais!»

E então lembrou-se, pela primeira vez, que não tinha sido de manhã que a tinha morto. Não havia luz. Era mais que noite e tudo estava fechado. «Amo-te», disseram na escuridão, «Amo-te tanto...» Lembrou-se que não se via o rosto dela. Nem o cabelo. Nem um único pormenor. Lembrou-se.

Culpou-a de deixá-lo sozinho. Culpou-a de deixá-lo com ela. Culpou-a de deixá-lo sem paz. Culpou-a de deixá-lo tão apaixonado. Culpou-a de deixá-lo com vida — só com a vida suficiente para continuar a amá-la, da maneira como amava, mesmo depois de morta, cada vez mais.

Mas a culpa não pegou. A paz não veio. O coração, já velho, não sossegou. Lembrava-se de tudo e amava-a cada vez mais.

Mudou o dia, mudou a hora, mudou a luz. Convenceu-se que a tinha morto não há nove anos, mas ontem. Não numa sala escura, mas numa varanda. De manhã, não de noite. Numa manhã tão clara — convenceu-se — que nunca mais poderia deixar de a ver. Mesmo se quisesse.

E assim os anos passaram. Quase todos sem ela. Tudo comido.

O fim não tem tempo.

É fácil morrer quando está tudo acabado.

E deixar de ver as árvores.

E deixar de tocar os muros.

Quando os há.

O fim não tem pressa.

Nem significado.

Se ao menos fosse uma surpresa.

Ou um alívio.

Ou uma inevitabilidade.

Poderíamos rir.

Poderíamos concluir.

Poderíamos conversar.

Mas o fim não tem carácter.

Só há uma maneira de dizer isto.

Só damos por ele quando já é tarde.

Nós que nem sequer tivemos a consciência ou a angústia ou o prazer de pensar que houve uma vez em que ainda era relativamente cedo.

«És capaz de estar quieto?» pergunta a Teresa.

Eu, na minha cadeira de rodas, segurando um livro aberto numa fotografia dum garfo que ela está a desenhar.

Mulher má. Espertalhona. Enganou-me mais uma vez.

Propôs uma troca: ela mostrar-me-ia as cartas que me escreveu enquanto estivemos separados se eu lhe segurasse os livros de desenho durante uma semana. Concordei logo.

Uma hora mais tarde aparece com uma folha, obviamente acabada de ser escrita, num papel com todo o ar de pertencer ao «stock» da enfermaria.

Insiste que se trata duma carta antiga. Muito antiga.

Oh Deus.

«E foi só esta que escreveste?»

«Só esta», responde, com orgulho, como se fosse prova de um grande amor, cruelmente recalcado ao longo dos anos.

Resolvo ler a carta. Caligrafia: de velha que está com pressa. Tinta: de feltro, obviamente contemporânea.

«Mas foi escrito com caneta de feltro — uma daquelas que usam os putos!»

Ela encaixa. Tem a lata: «A carta original estava tão apagada que tive de passá-la a limpo...»

A limpo!

Leio. Já agora...

«Meu amor adorado.»

Até aqui tudo bem.

«Só Deus sabe...»

Sempre um mau prenúncio.

Quanto quê?

Quanto nada: «O que tenho sofrido desde que...»

«Nos separámos?»; «Te fiz crer que me tinha suicidado?»; «Me lembrei outra vez de ti?»

Nada de tão sumarento: «Resolvi escrever-te para te explicar porque é que eu...»

Pausamos. «Me casei com o cabrão do Bernardo?»; «Me portei tão mal com o teu filho?»; «Desapareci?»; «Não podia morrer a teu lado?»

Mais vago: «Fiz o que fiz. Mas agora que já estou a escrever-te, sinto-me um pouco melhor, sei lá, talvez porque...»

«Estou aqui ao lado a tentar despachar esta merda?»; «Vou ter porta-livros para toda a semana?» Não. É um clássico: «Me sinta mais próxima de ti.»

Do que quando? Não diz.

«Esta carta é uma fraude», digo eu. «Fizeste batota!»

«Não é. Essa carta é uma carta, fica sabendo, que eu podia muito bem ter-te escrito; coisa que verias imediatamente se não

fosses o bruto insensível que tu és!»

Teresa torneirinhas. Funcionar limpinho.

«Lê lá a minha cartinha...» diz ela, com o tom ansioso de quem está de facto a dizer «Vai lá dentro buscar o livro com a fotografia do garfo!»

Eu leio.

Saudades muitas. Tarde para voltar atrás. Porra. Vida mesmo assim. Casamento martírio. Contigo merecido. Espero que eu ao menos seja feliz — vem aí o único toque de verdade — «embora tu também não o mereças, de forma alguma.»

Este último bocado enche-me as medidas.

Isto, sim, é a minha Teresa a falar.

O meu amor zangado que eu tanto insuporto.

«És um cabrão mas eu amo-te.» Todas as declarações de amor da Teresa eram variantes desta frase. «Não me importa o mal todo que me fizeste — és o meu amor t eu tenho de aceitar-te» (versão simpática). «Vais ver! Vou apaixonar-me por um homem perfeito! Vou esquecer-te completamente! Quando te vir na rua, vou confundir-te com um amigo dos meus pais! Vou chorar no teu funeral, mas sem me lembrar ao certo porquê!» (versão antipática).

Nas mulheres que estão apaixonadas por nós — bom plural, este — «mas» muitas vezes quer dizer «por conseguinte».

Quando a Teresa dizia «És um cabrão mas eu amo-te» havia tanto amor no «cabrão» como no «amo-te». A única palavra que soava mal era o «mas». O significado verdadeiro da frase é: «És um cabrão e por isso eu amo-te.»

Versão comprida: «Como és parecido comigo e dás-me luta, atraís-me.»

As mulheres apaixonadas pensam assim. Incrível que pareça.

No fundo julgam que nós não temos culpa nenhuma. De nada. Elas determinam tudo. O mal e o bem. Nós não somos cabrões, mas sim indivíduos normalíssimos que não podem ficar com a mania que são bons. Ou importantes. Chateámo-las, sim. Muito. Mas quem não?

Neste mundo? Pergunto.

Eu sempre achei que a Teresa era boa. E essa a pancada dos homens: têm a mania que são maus. Que são tão sacanas e mentirosos que as namoradas têm de ser melhores, por força da física.

Não percebemos que há mulheres más. Muitas mulheres más. Muitas muito más. Mais mulheres más que boas. Aí dez más para cada boa. Atenção: boas geralmente feias e desinteressantes.

Estudiosas e freiras ainda o melhorzinho, mas difíceis de encontrar. Estudiosas porque estão precavidas — sabem que ter um milhão de livros é melhor que um homem. Freiras freiras porque conseguem viver longe de nós. Estar perto de Deus é só um benefício suplementar.

Esta história deve servir como um aviso.

Rapazes: escutai a minha mensagem de esperança. Viver não vale a pena se nos deixarmos apaixonar por uma mulher má. Nunca fui feliz, nem um só minuto, com a Teresa. Sem ela muito menos. Vivi enganado durante quarenta anos. Só quando comecei a descobrir quem era a Teresa e o que fazia é que pus a hipótese dela ser — talvez — um bocadinho má. Afastou-me do meu filho. Tentou seduzi-lo. Ela diz que não conseguiu mas o meu filho, nas últimas palavras que me dirigiu, confessou-me que sim. Disse que eu tinha deixado que «aquela puta» (foram estas as palavras que usou, lembro-me perfeitamente) estragasse não só a minha vida como a dele. E compreensível.

A Teresa não me deixava vê-lo. Dizia: «No dia em que tivermos um filho nosso, serei a melhor das amigas do teu filho — mas até chegar esse dia só peço que não mo apresentes nunca, porque eu morreria de ciúmes e sofrimento.»

Como estava sempre com a Teresa nunca pude apresentar-lhe o meu filho. Só quando pensei que ela tinha morrido é que me decidi a fazer as pazes com ele. Mandou-me à merda.

Dez anos mais tarde a Teresa e ele encontraram-se numa discoteca. Ela telefona logo, para me dizer, para me ouvir sofrer, para se vingar, a pequena sacanóide.

Mas eu, claro, inteligente, não acredito pela simples razão que a Teresa não está viva. Mesmo assim chateia-me que o meu filho tenha fodido uma mulher parecida com a Teresa e desde dia dou a relação por perdida e nunca mais lhe falei.

O que eu gostava do miúdo quando era pequenino!

Paciência.

Se não tivesse conhecido a Teresa teríamos dado um bom pai-e-filho, quem sabe; é impossível; estou-me a cagar.

Teresa é uma mulher como as outras. Não julguem que é pior. Porque não é. É uma mulher má e é mais forte que ela. E do que nós.

Casou às escondidas com o meu melhor amigo. Teve dois filhos dele. Ela que falava tanto nos «nossos filhos» fez nada menos que quatro abortos, todos eles apresentados como sendo «meus». Eu queria os bebés, para poder ter acesso ao meu filho e aos outros, mas ela dizia sempre que queria ter filhos só quando lhes pudesse oferecer tudo o que de melhor há no mundo. Mal sabia eu que isso implicava arranjar outro pai. O meu melhor amigo, com o seu caralho enorme, caralhão a jorrar esporra para dentro da minha coninha fofinha de bebé! A semear lá os seus monstrenhos que nasceriam com a mesma tromba e o mesmo caralho, infecto e irresponsável, do progenitor, que não era eu.

O Bernardo! o meu melhor amigo. Melhor em quê? É uma pobre besta como eu. Foi ele que arquitectou tudo.

O pseudo-suicídio. O pseudo-encobrimento do suicídio pelo

qual ele, como médico e como bom amigo, tinha arriscado ser banido da profissão.

«Tive de falsificar uma certidão de óbito e doar o corpo dela à Faculdade, para não haver enterro...»

Eu, ingênuo, quis ir à Faculdade ver o corpo da minha Teresa — antes que os fustões do 1º ano de Anatomia comessem a dissecá-la. Bernardo proibiu-o.

Eu fui à mesma. Insisti que procurava o cadáver duma irmã minha. Com todo o Instituto de Medicina Legal. Em vão vi mortos, mortas, mortinhos, mortões. Algumas raparigas suficientemente giras para me levantar as esperanças. Mas nenhuma delas era a Teresa.

Como é que podia ser, se a puta estava viva, mais viva que eu. Eu ia morrendo com o desgosto. Duas vezes. A primeira quando pensei que ela tinha morrido e ido para alguma clínica de órgãos no Peru, coitadinha, sem ninguém para a acompanhar, com uma manta, uma vela e o livro de poemas que nem eu nem ela leu.

A segunda vez que ia morrendo foi passados vinte anos, quando soube que ela estava viva, casada, por duas vezes parturiente, divorciada, presentemente no ataque, tendo para mais dado uma fodinha com a carne da minha carne.

Fui o último a saber. Ainda hoje não sei quase nada acerca dela, excepto duas coisas. Primeiro, que hei-de amá-la até ao dia da minha morte e, segunda, que é pena ela ser tão má.

O resto é irrelevante. O Bernardo, por exemplo. Está preso e bem preso, por duas tentativas de homicídio em primeiro grau - o meu e o da Teresa. Quanto à carreira de pediatria, nem

sequer o deixam colocar pensos rápidos nos dói-dóis dos presidiários com que convive.

É graças a ela que sou hoje um inválido — por falta de pontaria. Uma bala fodeu-me a neurologia toda da cintura para baixo. A segunda, que se supunha fatal, apanhou-me de raspão, no lombo, e foi alojar-se na espinal-medula de Teresa, que estava, obviamente, agachada atrás de mini, a gritar «Bernardo! Imploro-te!» tal o instinto cego de me proteger da ira do marido. Não me façam rir, que me dói. Mal entrou o marido com a pistola, colou-se-me às costas como um súcubo, com as unhas afiadas a fincar-me a carne. Um salto olímpico. Eu sem medo nenhum.

«Bernardo — tem calma!», disse eu, «Deixa-me ser eu a matá-la! Pensa nos teus filhos!»

Sabe Deus quanto eu queria matá-la, só que nunca mais arranjei o revólver e a coisa foi-se arrastando, sabe-se lá porquê.

Mas o médico estava doido.

«Primeiro vais morrer tu, meu cabrão!», gritou o pediatra, transmitindo-me uma sensação de bem-estar e frescura. Depois de tudo o que tinha sofrido, soube-me bem ver que o meu velho amigo, oh que peninha, estava tão zangado comigo... Porquê

Bernardo? Como é que estão as crianças? Já têm pêlos nas pernas? Já têm cancro?

Ai desculpa lá, se desde ontem ando a comer a minha namorada que tu tens estado a foder até aos fundilhos há mais de vinte anos! Desculpa se por acaso te esporrei a esposa.

Queres que eu ta mande limpar a seco ou quê?

A Teresa gritava hipóteses de socorro no estilo dum teste americano: «Dispara! Dispara se me queres ver morta!» e depois «Por amor de Deus, pensa nos miúdos!» Logo de seguida: «Foi ele que fez chantagem comigo!», como quem diz «Vamos os dois matar este gajo, como casal que somos, e refazer a vida em conjunto.» O pediatra ficou confuso com tanto grito.

A certa altura a Teresa, cada vez mais escudada pelo meu corpo, encostando o coração à minha bacia, para ao menos garantir um bom funcionamento cardíaco durante uma eventual intervenção cirúrgica, gritou «Eu amo-te! Eu amo-te!» Ele até ia pousando o revólver, veja-se só.

Eu virei-me para ele, atónito — como as mulheres continuam a surpreender-nos ao longo dos anos! E digo, com admiração pela lata daquela mulher: «Amas mas é uma merda... tu se calhar nem a mim me amas...»

A Teresa, estúpida, começou a rir. Gargalhadas de miúda encantadora — teriam desarmado qualquer assassino de bom gosto. Mas o Bernardo não era assim.

Ao ver-me às gargalhadas, com a Teresa nua, a tremer, e a gritar «Não saias da minha frente!», o Bernardo passou-se.

Pum! Disparou. A Teresa histérica, mas aliviada por não ter sido atingida. Grita: «Pára! Ainda vamos a tempo.» A primeira sílaba de «tempo» é abafada pelo som do segundo tiro. Ouve-se apenas «...pó». A frase completa merece ser registada: «Pára, querido. Ainda vamos a pó.»

Agora rio-me. Mas na altura... não me lembro. Tudo ficou escuro. O Bernardo, ao ver a esposa amada a desfazer-se em sangue, teve medo das consequências e pirou-se. Não fez mal. A Polícia apanhou-o meia hora depois.

Foi a Teresa, apesar de estar toda torta, que fez questão de telefonar. «O meu marido acaba de me dar um tiro. E favor mandarem uma ambulância para a Rua Tal e prender o meu marido, Bernardo Não Sei Quê, que deve estar em casa, na Travessa dos Casais Felizes, 57...»

Nem sequer me mencionou. Mais tarde justificou-se com a falta de «fôlego», como se fosse preciso muito mais fôlego para dizer, em vez de «O meu marido deu-me um tiro», «O sacana do meu marido acaba de nos dar um tiro — a mim e a um grande amigo meu.»

Como perdeu a discussão, recorreu à invectiva, velha manigância feminina: «Cala-te! Não sejas tão mesquinho! Se a

ambulância me vinha buscar também haviam de reparar em ti!»

Sou um ingrato. O marido é dela. O revólver é da família dela. Toda a situação é de feitura dela. Mas eu sou mesquinho eu que levei um tiro como há poucos.

Já não me lembro quais. Ela, a cobarde, agachada como uma vietnamita num arrozal, tal era o meduncho de morrer. Para mais, ali naquelas circunstâncias tão sórdidas... nua, com cinquenta anos de má vida em cima. As maminhas de origem. Queridas. As maminhas das mulheres que comemos são sempre assim. É impossível ver nelas qualquer maldade.

Diga-se da rapariga Teresa que era incessantemente perseguida.

Pequena, mas sem haver mais perfeita, nem mais linda.

Diga-se que se encontrava há anos e anos apaixonada por alguém, que a amava com coração limpo, tremendo quando a via, mas sem lhe mentir e sem se calar, por tratar-se dum homem direito, com uma alma muito boa. O Bernardo.

Diga-se dela o que se quiser, que acabará, um dia, por ser verdade.

Nem ela fazia ideia do que fazia. Quando falava, falava como se estivesse a dar um recado que não lhe apetecia dar.

Diga-se que não era fácil uma pessoa não apaixonar-se, não dar a vida, por ela. O amor era a coisa que menos a impressionava. Deixava qualquer pessoa amá-la.

O que ela queria, diga-se em abono dela, era mais ser aceite que ser amada. Amar é uma espécie de preguiça que toma conta da nossa alma. Permite tudo.

E, no entanto, diga-se que muitos a aceitaram antes de amá-la. No meu caso, que era vulgar, dum homem a quem só aconteceu o que estava previsto, tornei-me amigo dela e tratei-a como um homem, por dois ou três dias — os mais felizes da minha vida — antes de me despedir daquele dia a dia, de palavras faladas por quem não costuma dizer nada — antes de me perder, de cair-lhe no coração como mais uma gota de sangue que caía.

Como tantos outros, apaixonei-me e ela afastou-se, triste por ter trocado por simples amor os trabalhos difíceis da nossa amizade.

«Porque é que eu não tenho amigos? Porque é que todos vocês se apaixonam sempre por mim?»

Era uma falta de respeito. Até eu percebia isso. Era a mulher mais sozinha que eu conhecia.

Doida, mas dedicada, como se pertencesse às pessoas que a preocupavam.

«Ó que é que hei-de fazer contigo?» Estava sempre a fazer esta pergunta.

Eu respondia sempre: «Casa comigo.» Salva um suicídio. Dá esperança a uma geração. Cospe na cara da lógica. Confunde os peritos. Dá uma abébia aos bisbilhoteiros. «Casa comigo.» Vai contra o teu marido. Caga nos desígnios de Deus.

Diga-se que não casou — nem pouco mais ou menos. Com ninguém — valha-nos isso. Deu o colo a quem chorava por ela, nem que fosse só um bocadinho. Milhares de cabeças repousaram assim.

«Não fiques triste», dizia a rapariga. Tradução: «Não estás sozinho.» Se alguém insistia, ela perdia a paciência. Ou recuperava-

a. Dependia. Dependia do homem de ontem, da expectativa do dia seguinte.

«Casa com alguém», disse-lhe eu, por fim. «Com esse a quem tu amas!», acrescentei. «Esse!», respondeu tristemente. «Ou com esse que acreditas ser quem te ama mais!». «Esse!», respondeu, a rir.

A verdade é que nunca percebi porque é que não casou comigo. Amava mais o outro, mas dava-se melhor comigo. Dava-se melhor com uns outros, mas gostava mais um bocadinho de mim. «Gostava tanto de amar-te», dizia, meio-arrependida, sem convencer um único centavo de mim, «mas o meu problema é gostar tanto de ti...»

Comecei a odiá-la. Continuei a amá-la só porque era uma coisa em que não podia interferir. Desde o dia em que abrimos os olhos e vemos o rosto da nossa mãe, acho que o coração, por assim dizer, deixa de nos pertencer. É um chato que nos comove. E um traidor. É um independente. É um inquilino.

Diga-se que a rapariga, quando fugi dela, telefonou-me duas vezes, a dizer que tinha saudades de mim.

«Saudades.» Quero um tostão por cada vez que esta palavra é profanada.

Saudades tenho eu dela. Se calhar, tão fortes que nem sequer são no plural.

Procurei os outros como eu e tornei-me amigo deles. Nunca ninguém teve a coragem de dizer «Amo-a». Mas era a única coisa que nos unia. «Viste-a?» «Eu vi-a no outro dia.» «Como é que ela estava?»

Nenhum de nós respondia. A resposta era óbvia. Estava feliz. Feliz! Como é que ela podia?

Diga-se que foi finalmente apanhada. Um homem houve, vindo dos seus tempos antigos, que a apanhou. Mas eu duvido. Quanto a mim, foi ela que se rendeu. Tenho para mim que mulher nenhuma, por muito amada, é suficientemente perseguida. Prefere que um homem a persiga por mil quilómetros e mil dias que mil homens a persigam durante um ano, pela mesma avenida acima.

Para mais — diga-se — é isso que me está na natureza, que é fascinada e teimosa, capaz de se matar sem reparar que no momento anterior à morte estava viva — era isso mesmo que eu queria. Não é pena?

Casou com outro. Eu também. Ambos nos divorciámos no dia seguinte. Agora temos amantes diferentes e mal nos falamos. «Amo-te, estúpida!», gritei-lhe no outro dia. E ela quase chorou; «Lá estúpida, sou.»

Antes de se ir embora, agarrou-me o braço e disse: «Sempre gostei muito de ti...»

Não é coisa que se faça, diga-se. Atendendo a como a amo, é inadmissível — nunca mais me telefonou e eu nunca mais a vi.

Esteve casada quatro dias. Todos os dias vejo o ex-marido, drogado e velho, entregue ao seu destino. Dizem que vai morrer um dia destes. Mas é a única pessoa que eu, em toda a minha vida, invejo.

«Sabes lá do que te safaste!» — era sempre o que ele me dizia. «Tu és rico e és feliz — tens namoradas lindas e amigos que nunca mais acabam...» Comprava-lhe um whisky para poder invejá-lo ao pé de mim. Teria até sido amigo dele se ele não acabasse sempre as nossas curtas conversas com a frase: «Ela gostava muito de ti...»

Diga-se, em abono da verdade e da minha miséria, que tudo indica que sim.

Gostava, sim senhor. Eu, que tudo fiz para que ela me amasse — as maiores maldades, as piores traições, os estratagemas mais rascas — de forma tão cruel, persistente e sistemática que só um monstro podia passar por cima disso tudo e continuar a gostar de mim.

Diga-se, por amor à verdade e verdade no amor, que deixei de gostar dela por causa disso.

Amo-a, claro. Ainda hoje. Mas mais nada.

Esquece-a, João. Esquece-a.

Teresa Má. Igual a todas as outras. Lembro-me dos últimos anos sem ela.

As mulheres são todas diferentes. Os homens são todos iguais. Em termos de informação, os amigos são uma perda de tempo tão grande como as mulheres. Os amigos nada acrescentam ao que se sabe. Cada mulher faz questão de alterar o trabalho da mulher anterior. O nosso maior amigo não nos adianta nada. Mantém-nos exactamente no mesmo preconceito. Mudar de mulher é mudar de paradigma.

Os amigos servem para nos lembrarem daquilo que já sabemos. As mulheres servem para nos fazer esquecer tudo o que sabíamos. Está mais que provado. Os homens são todos iguais. Copiaram-se em conjunto. As mulheres são todas diferentes. Destacaram-se uma de cada vez.

Neste momento os meus amigos são o João, o Fernando e Miguel. Somos iguais: saímos juntos, bebemos o mesmo whisky e falamos sempre das mesmas coisas. A diferença entre nós reduz-se à distância que vai da água com gás à água lisa.

Encontro-me presentemente envolvido com várias mulheres. A maioria não quer saber de mim. Há outras que talvez queiram, só que ainda não pensaram nisso. A braços, a braços, considero-me com as seguintes: a Joana, a Cidália, a Teresa e a Manuela. Menos a Manuela. Infelizmente.

Estas mulheres não têm uma única parecença. Um ensinamento colhido junto da Cidália é inaplicável junto da Joana. Cada uma gosta que eu lhe coce as costas de uma maneira especial. As

confissões e fantasias de cada uma, arrancadas a ferros com vista a estabelecer alguns indicadores comuns, repugnam às outras três.

São tão sexualmente distintas que se diriam de sexos diferentes. Nunca sei do que gostam. Quando sei, elas zangam-se. Quando se zangam, nem sempre gostam. Nada disto seria grave, se elas fossem consistentes. Não são. Nem sequer são regularmente inconsistentes. Se fossem genuinamente imprevisíveis, eu podia ter desistido há muito tempo. Não são. São mais do género de ser imprevisivelmente genuínas.

Eu confundo-as todas na cama. Elas não se importam muito. As mulheres gostam de um homem inteligente que seja ao mesmo tempo confuso. A Manuela menos. A Manuela está-se um bocado nas tintas para essas coisas, por vias das tintas em que está para mim. Às vezes, no meio de experiências eróticas avassaladoras, pára de repente e diz: «Preciso de fazer uma pausa.»

Acende um cigarro e, depois de três ou quatro passas, é acometida de dúvidas ligeiras. Aliás acomete-se a si mesma. Como quem põe rolos no cabelo. E diz: «Se calhar é um erro fazer isto...» Eu encolho o rabo para esconder o tesão e pergunto: «Fazer uma pausa?» Ela ri-se e responde: «Não, estúpido, fazer amor!» Aí eu perco o tesão, ela enche-se de ternura e, vá lá, porque a ternura de que ela se enche enche-me de tesão outra vez.

Às vezes a Manuela chama-me Paulo. Quem é este Paulo? Impossível saber. Ela recusa-se a falar nisso. Nem sequer admite que exista. Mas existe. Existe porque ela chama por ele quando está mais atrasada, ou maluca ou desvalida. Diz assim: «Oh Paulo!» Ao princípio, ficava espedaçado. Punha-me doido. Eu próprio começava a chamar «Paulo! Paulo! Anda lá, pá, deixa-te de fitas, sai de debaixo da cama!»

Depois, tanto chamou por ele que me habituei. Ela, por sua vez, alternava o meu nome com o do Paulo, para ser mais equilibrado: «Ó Paulo! Ó João, fode-me...!» Desde que o nome dele aparecesse isolado, desligado do verbo activo, eu conseguia continuar. Para me vingar dela, cada vez que chamava pelo Paulo, eu vinha-me a pensar noutra. Como se ela se importasse.

A Manuela era a única que sabia da existência das outras. Contei-lhe porque sabia que não se importava. Não se importou.

Mas foi estranho o que ela me disse: «Desde que não dê a nenhuma das outras o melhor de ti...» O melhor de mim. Aí ainda chegou o ciúme da Manuela. A pensar que talvez houvesse um Manuel melhorzinho a ser dado a uma das outras putas.

Já ando nisto há muito tempo. Os meus amigos dizem-me que não tenho cura, eu digo-lhes que eles também não — assim toda a gente fica contente. Tratamos as namoradas uns dos outros como se fossem as únicas. Não somos malta para misturas. Evitamos dormir com as mesmas mulheres mas, quando tem de ser, gostamos de deixar um período menstrual de intervalo.

«Quem tem ido lá à loja é aquele teu amigo da mota», diz-me um dia a Manuela. «O José, digo. Ela surpreende-se. «José?... tem graça, pensava que ele se chamava Paulo.» Foi assim, de chofre, que fiquei a saber que o célebre Paulo da Manuela era o velho José das motas. Escusado será dizer: não gostei nada.

Informei-o imediatamente. Fui ao pormenor. «Ela chama por ti», disse. «Pode não ser por mim...», disse o José. «Pode haver outro Paulo qualquer», respondi. «Talvez», respondeu o José, «mas olha que não me quer parecer...» «Não te quer o quê?», perguntei, zangado. «Parecer que haja outro Paulo...», respondeu. «Tu nem sequer te chamas Paulo!», disse eu. E ele sorriu: «Eu é que sei a maneira que ela tem de olhar para mim...»

Levantei a questão com a Manuela. Fui muito adulto. Disse: «Antes de nos deitarmos gostaria de saber se, quando chamas pelo Paulo, estás a pensar no José.» Ela corou e riu-se, dizendo: «Podes ter a certeza que nunca mais chamo pelo Paulo.» Nem acreditei. Agarrei-a e fizemos amor como se nos amássemos realmente. Mesmo antes de nos virmos, eu chamei-lhe os nomes todos que ela gosta e ela ficou de cabeça tão perdida que se pôs aos gritos: «José! José! José!»

Petrifiquei. Ela teve a desfaçatez de se vir ao redor de mim, comigo paralisado, profundamente ofendido, contrariado. Aproveitou o efeito de arrasto do meu pau feito e embrulhou-se e desembulhou-se às mil maravilhas, gritando pelo João como se eu nem sequer estivesse ali.

«O que tu me fizeste...», comecei eu, «nunca ninguém me fez...» Ela sorriu: «Quantas vezes é que eu não me venho?» Eu respondi: «Não sejas estúpida. Para um homem cheio de tesão o facto de não se vir é muitíssimo mais grave.» Ela acendeu um cigarro: «O que é que tu queres?» Eu respondi: «Queria que pensasses um bocadinho em mim!» Ela virou-se: «Que mal é que tem? O José dá-me tesão.» «E eu?» perguntei, furioso. «Tu», respondeu a Manuela, «não...»

«Nunca?», perguntei.

«Às vezes não...», respondeu.

«Quantas vezes?», perguntei.

«Para a próxima, não te digo...», disse.

«Para a próxima? Para a próxima porque é que não vais para a cama com o José? Vai! Porque é que não vais directamente ao produtor?»

«Eu não quero ir para a cama com o José», disse a Manuela. «Se quisesse, já tinha ido. Vontade a ele não lhe falta...»

«Sim...»

«Acho que nunca hei-de ir. Não tem ar de ser bom na cama.»

«Então porque é que estás sempre a chamar por ele?»

«Olha — pergunta à tua irmã!»

«Nunca mais vou contigo para a cama», afirmei.

Ela enroscou-se e começou a fazer-me festinhas: «Nós damos tão bem...»

«Sim, sim...», rabujei, «eu, tu e mais quem?»

No dia seguinte, o José dirige-me um apelo. «Vê lá se a convences a dormir comigo...»

«És um encenado, pá! O que é que queres mais? Que eu vos vá abrir a cama? O homem, ataca!»

«Já ataquei, ela não me liga nenhuma...»

«Podias-me ter dito...»

«Nunca houve nada para dizer, ela nunca quis...»

«Pois, havias de ouvi-la quando está embalada...»

«Uma vez disse-me assim: Tens uns olhos muito bonitos, mas não consigo olhar para eles durante muito tempo. São olhos de olhar, não são olhos de ver. Não percebi.»

«Não é para perceber, José», respondi eu, mais animado, «até aí já eu percebi...»

Continuei a dormir com a Manuela, mas nunca mais foi a mesma coisa. Pelo menos para mim. Ela dizia-me que nunca tinha sido melhor. Chegámos a um compromisso, em que ela voltou a chamar pelo Paulo de antigamente. Mas apesar de ela não se descair, o José estava sempre subjacente. Uma vez, acabadinha de se vir, sorriu à boca toda e fez um barulho de mota: «Vrruum! Vrruum!» O José acabou por desistir dela. Ela nem sequer lhe dava a satisfação de conversar com ele. Tratava-o como um animal de estimação. Dizia: «Cala-te, carinha bonita, que não tens cara para pedir uma bolacha, quanto mais uma rapariga como eu...!»

A minha amizade com o José foi-se ressentindo. Foi como se compensasse a nossa indesejada intimidade na cama da Manuela, afastando-me cada vez mais dele. Ele, para se aproximar da Manuela, tentava aproximar-se cada vez mais de mim. E assim deixámos um dia de nos considerarmos amigos, o José e eu, apesar de sermos iguais um ao outro.

Quando disse à Manuela que eu e o José tínhamos decidido que já não éramos amigos ela ficou repentinamente preocupada. Fartou-se de fazer perguntas e depois disse: «Pois é, deixaste de confiar nele...» E acrescentou, com algum lamento: «Vocês os homens ligam muito a isso, não é?»

Nessa noite embebedámo-nos. A Manuela, que costumava beber um terço de mim, bebeu tanto como eu. Deitámo-nos quase em coma. Fizemos amor inconscientemente, sem grande preocupação ou prazer. Pela primeira vez ela pediu-me que a masturbasse. Masturbei-a. Devo ter masturbado aquela rapariga durante mais de uma hora. Ela, bêbeda, só balbuciava: «Não quero, não quero, não vou conseguir...» E tanto disse que não conseguiu mesmo. Desisti e vim-me, distraído pela dor nos meus dedos. «Vieste-te?», perguntou ela. «Sim», respondi. «Vieste-te?», repetiu. «Vim-me», voltei a dizer. «Eu não...», disse ela.

«Não perdeste nada», disse eu. E é nisto, mesmo antes de vomitar para a almofada, que a Manuela anuncia: «Acho que durante uns tempos vou deixar de me vir...» «Não digas disparates!», disse eu, «até o Diabo se havia de vir...» Ela virou a cabeça. Disse: «Estou mal disposta.» E vomitou. Vomitou para as almofadas e para os lençóis. Não mexeu um músculo. Abriu a boca e deixou que o vômito saísse. Não era nojento. Era vômito de menina, simples, de gin-tónico, sem açúcar, com rodela de limão. Mas fez-me impressão.

Depois adormeceu. Tentei mudar os lençóis e as almofadas mas ela estava pesada de mais para se mover. Deixei-a e fui deitar-me na banheira. Enchi-a de água fria e lavei-me. O sabão estava sempre a saltar-me das mãos. Devo ter levado horas a tomar banho. Quando me levantei para ir ter com a Manuela, ela estava estendida ao longo da cama e ainda cheirava muito a vomitado. Fui-me logo embora. Tinha-me passado o sono e a bebedeira, tudo. Apetecia-me uma cerveja.

Sentei-me na mesa da cozinha a beber a minha cerveja. Pensei nos meus amigos e nas mulheres com que me via a braços. Na Cidália, na Joana e na Teresa. Na Manuela, não. Não foi por ter vomitado as almofadas. Não foi por ter adormecido em cima delas. Não foi por nenhuma razão especial. Foi por outra razão qualquer. A Teresa. Não sei. Vá lá Deus perceber as mulheres.

As mulheres são todas diferentes. Quando se perde um homem, há outro igual ao virar da esquina. Quando se perde uma mulher, é uma vida. Os amigos arranjam-se e as mulheres também, mas as mulheres ninguém sabe como é. As mulheres sabem. Os homens pensam. As mulheres pensam que sabem. Os homens sabem que não sabem. Mas são as mulheres que acabam por ter razão.

Quando penso nestas coisas gosto da sensação de não chegar a parte nenhuma. Falar nas «mulheres» é uma estupidez. De nada serve falar a este nível de abstracção. É como falar do «Universo».

Pior. Cada mulher deste mundo é um universo à parte. Ou, se calhar, é só porque as mulheres não pensam nos homens como os homens pensam nas mulheres.

Quando acordei, o cirurgião que nos «operou» informou-me que o sexo e a motricidade não são tudo na vida. «Quer dizer, senhor doutor», disse eu deliciando-me com a sina que vinha a caminho, «que nunca mais vou poder fazer amor...?» O cirurgião, que tinha outros doentes para ver, respondeu «Fazer amor, pode fazer à vontade — esqueça é o tesão e o foder.»

Vamos ver, ó Grande Bata, vamos ver. À primeira erecção matinal, hás-de ser o terceiro a saber, logo a seguir a mim e à minha Teresinha. «Vem cá, minha querida, chega aqui ao pé de mim». Ai, poder dizer.

Se nunca mais foder, também não me importo se eu e a Teresa não fodermos, se não fodermos, especificamente, um com o outro. A Teresa diz que ainda tem sensibilidade genital, mas é só para me chatear. Engana-se porque dá-me alento. A cadeira de rodas, para ser franco, dá um certo tesão. Fez-me sentir um velho debochado que passou a vida a montar-se em tudo o que se mexia, até se lhe irem as canetas abaixo.

Ontem dei por mim, pela primeira vez, a salivar.

A Teresa começou a falar mal, a dizer «Fodia-te todo» e não sei que mais com a coninha ensopada e não sei que mais. De repente vem-me à memória, activa ainda depois de tantos vulcões. E eu, «Espera aí, ó mocho», a ver se lá em baixo na braguilha estavam a captar alguma coisinha. Minto. Não salivei: babei-me. Por minha honra. A Teresa não escondeu a admiração: «Estás a babar-te», disse logo com um ar lascivo, «és mesmo porco...»

Combinámos falar frequentemente de foder. Não há limites para o que podemos fazer. Um pastor alemão a montar uma camponesa de catorze anos que está a lamber o rabo duma trintona, que está acorrentada à cavalaria, a mugir uma vaca. «Não. Três mulheres e um atrasado mental nem penses.»

É chato, mas ajuda a passar o tempo. A Teresa é muito perguntadora. Interessa-se pelos pormenores: «Em que mamilo é que está o anel?» Às vezes faz perguntas para eu responder que sim, como «Essa puta tem mamilos castanhos, enormes, com bicos gordos?»

Se disser que não, sou um homem morto.

Falamos também de fodas já dadas — vale tudo excepto mencionar terceiros. Exclui-se assim grande parte da população, mas vale a pena. É para evitar os ciúmes. Tem de se ter cuidado é em não confundir fodas — senão está-se fodido. O amor é fodido. Limita bastante o foder. Quando uma está em dúvida, é melhor sondar primeiro: «Chegaste a ver o meu body carmesim ou foi antes do teu tempo?» «Antes do teu tempo», note-se. Nunca depois, como é evidente.

Imagine-se uma referência ao Bernardo — vomito. Mas há uma maneira de contar fodas alheias. E dizer «Sabes como é que eu

gostava de te foder?» e depois relatar os factos verídicos, como se fossem imaginados. Claro que se desconfia, mas paira sempre no ar uma nuvem suficientemente encobridora.

Foder foi sempre a nossa palavra favorita, por ser tão múltipla nas suas aplicações e, ao mesmo tempo, tão simples.

Quando eu e Teresa jogamos ao «Quero que se foda» os outros doentes protestam e vem uma enfermeira ralhar-nos.

Ela começa: «Eu quero que se foda... a Pátria»

Eu continuo: «Eu quero que se fodam os teus filhos.»

Ela: «Eu quero que tu te fodas.»

Eu: «Eu quero que se foda a tua mãe — olha, por exemplo, no dia em que ela morreu.»

Ela: «Eu quero que se foda o facto de eu ter fodido com o teu filho.»

Eu: (quase em lágrimas): «Eu quero que o Bernardo, já enrabado por todos os matulões do Linho, sem se lavar há um mês, te foda a ti...»

Ela: (enjoada): «Isso não vale.»

Eu: «Então não fales no meu filho.»

Ela: «O teu filho, o teu filho, o teu filho! Que obsessão a tua!»

Eu (para retomar o ritmo): «Eu quero que se foda este Lar.»

Ela: «Eu quero que se foda a doente que estiver no estado mais crítico deste Lar.»

Eu desisto. É a Dona Lurdes. A Teresa é mesmo má. No outro dia, depois de eu ter dito que queria que se fodesse a poesia portuguesa, respondeu: «Eu quero que se fodam todas as formas de expressão, sejam elas escritas ou orais.» Quem é que pensa em foder coisas como estas?

Só ela. Amo-a.

Perguntar-me-ão se a Teresa era mais bonita quando ainda tinha as suas pernas. Pois tanto faz. Desde que seja mesmo ela, a minha Teresa, e não uma impostora, nada me importa.

Capaz de enviar uma impostora era ela. Adorava — ela; não eu. Alguém que me enganasse uma última vez. Mas não. Se fosse uma impostora, a falsa Teresa tinha-se demitido logo após o balázio que levou.

De resto, ninguém seria capaz de ser tão má e tão bonita ao mesmo tempo. Estão a ver o género de coisas que se diz? Rapaziada. Sinceramente: será esta uma vergonha pela qual queriam passar?

Julgo que não.

Afastem-se das mulheres que vos atraem e aproximem-se daquelas que vos repugnam. Mas não se habituem. A repugnância também pode tornar-se um vício. Mal por mal, mais vale não correrem o risco de ficarem apanhados por uma mulher má e repugnante, quando há para aí tanta rapariga bonita...

Como a minha Teresinha, com dezanove anos.

Quando abria a janela, todos os anjos do céu que a vissem ficavam transformados em pombos. Daqueles que têm a cabeça a prêmio. Ratos voadores. Nenhum anjo resistia a olhar para ela. Por isso é que já não há anjos. O último, que eu saiba, morreu na mala de mão dela, um dia.

E esta a única história que conheço. A história da Teresa.

A isto se chama partir de um princípio errado. Mas não posso deixar que aconteça a outros aquilo — a coisa da qual ainda não consigo falar — que me aconteceu a semana passada.

E estranho não saber com quem estou a falar. Mas o que é que isso interessa? Toda a minha vida procurei uma pessoa diferente de mim. Sem sorte. Mas nunca me passou pela cabeça que houvesse neste mundo alguém — uma rapariga, ainda por cima — exactamente igual a mim.

Quero evitar o amor. Tal como quem anuncia que vai deixar de fumar, quero tomar publicamente esta decisão. O meu amor, que é tão grande que nem a vida chegou a conhecer, que se manteve apesar da morte que o rodeava constantemente, atacando-o quando podia, rindo-se dele, não passa de uma merda que me deu. Se o guardo ainda, é à falta de melhor, acreditem. E por isso que não gosto de mim. Só posso ser bom numa coisa, numa única coisa, difícil como sei-lá-o-quê: dizer a verdade.

Matei uma mulher. Pensei que ela quisesse morrer. O momento coincidiu com uma vontade que me deu, uma noite quando estávamos deitados na cama, jurando o nosso enorme e eterno amor, como se estivéssemos a jogar aos dados, ou a fazer amor, de matá-la com as minhas mãos.

Não houve resistência. Ela estava-se nas tintas. Abriu os braços. Entristeceu-me não querer viver mais. Pensei: «Já não me ama. Concordou.»

Mais nada me interessava senão o amor. Sempre fui mais amado do que queria. Mas tudo fazia para ser mais amado ainda. Quando se tem cinco anos é praticamente impossível não se ser encantador. Os adultos são serpentes. As crianças, música. As serpentes ficam suspensas, interrompidas na maldade e na culpa que as atormenta, de nós. Quando temos cinco anos, os nossos olhos tratam deles próprios, velam por nós. Nada se pode fazer com eles.

Agora não há esperança. Os meus amigos vêem nos meus olhos fingidos, que torço e retorço até me doerem as órbitas, procurando o pedaço perdido do que foi a minha curiosidade, do que foi a minha preocupação pelos outros, do que foi a minha simpatia, e só vêem um véu transparente, que nem sequer é fixo, estupidamente azul-claro, sobre o azul fechado da escuridão.

«E a Teresa?»

Perguntam-me sempre. E como se soubessem. Tive sempre o cuidado, desde a primeira vez que nos viram juntos, de esclarecer os amigos: «Mudemos de assunto. É uma megera. Odeio-a. Só tem uma missão na vida: chateia-me.»

«Tem cuidado», disse a Manuela quando lhe contei que a Teresa tinha deitado fogo a uns pinheiros do Parque de Monsanto e

que eu me tinha rido tanto que não fui capaz de telefonar para os bombeiros, «estás um bocado em baixo. Estás com cara de quem está apaixonado...»

Escrevo o nome dela e juro que me apetece morrer. De resto, vou andando, devo confessar. É fácil para o coração quando tudo o que o fazia mover, quando tudo o que lhe fazia confusão, está parado.

Fala-se muito da morte, mas quem fala nunca matou. Esquecem-se sempre de dizer que é sempre uma surpresa — uma surpresa de mau gosto, que depois se transforma em pura dor — que a pessoa não regressasse, depois de episodicamente morta, à vida. De uma forma física, até. Quase todos os assassinios, sobretudo quando o dia nasce e o corpo não mexe, são cometidos sem pensar e sem querer.

Prefiro o arrependimento, tão meu como eu, que não me deixa andar nem estar quieto, à minha mais doce saudade. Esqueci-me de quase tudo — de Sintra, de Lisboa, do Brasil — excepto que a matei. A Manuela diz que não tenho culpa. Nunca fiz mal a ninguém, mesmo quando era preciso. A Teresa tinha a casa cheia de facas, de revólveres e livros tristes. Gostava de rasgar roupa. Quando tentava suicidar-se escolhia sempre a variante com maior quantidade de sangue.

De onde vinha este gosto, que os meus amigos achavam estranho numa rapariga tão nova, e que é costume chamar simplisticamente «violência»? Pensei muito nisso. Seria um jogo? Seria inato? Porque era eu o único visado? Era uma violência doce, que não furava a pele, que apenas deixava cicatrizes, que pareciam riscos. Só riscos, sim.

Porque é que ela me atacava, me cortava o ombro enquanto dormia, com uma lâmina velha, para não entrar muito, só para deixar, como ela dizia, um «sinal». Cheguei à conclusão a que chegam todos os amantes, quando querem explicar uma coisa que não são capazes de reconhecer como natural ou desejável: era por não gostar de mim.

E assim que passo os dias, à espera de me habituar à ideia de ela não estar viva. Encho a cama de revistas e, de vez em quando, de raparigas. O luto, segundo me dizem, assenta-me bem. Antes tinha cara de palhaço. Agora não. Muitas vezes, sem haver razão para isso, as pessoas entram no meu quarto e perguntam-me se estive a chorar. Ou se acabei de acordar. E parecido, como toda a gente sabe.

Quando já estava habituado; quando já tinha a minha vida estendida à minha frente com um mapa duma terra conhecida, apareceu a Rita. A Rita era tão parecida com a Teresa que fazia impressão. Com uma diferença: estava genuinamente apaixonada por mim. E era ligeiramente mais bonita.

Quando já tínhamos ido para a cama três ou quatro vezes, ela

pediu-me: «Não me chames mais Rita. Chama-me Teresa.» Assim fiz. Tirou-me um bocadinho o tesão — mas o que é um bocadinho de tesão entre amigos?

Até que um dia anunciou: «A Teresa sou eu. A mulher que mataste era a minha irmã.»

«Eu não matei mulher nenhuma!»

Hesitei entre entrar em pânico e vestir um robe turco. Vesti um robe turco. Quem era esta sirigaita, esta sósia de meia-tigela, este espécime inteligentíssimo?

«Ela queria morrer. Merecia.»

«Não fui eu quem matou a Teresa!»

«Ela nunca deixaria que fosse outra pessoa...»

«Ela era doida!»

«A minha irmã nunca se habituou à vida. Tratava-a como se fosse uma prenda de Natal que lhe tinham impingido.»

Mas que merda era aquela? Meu Deus!

Corri com a Rita. E depois veio a Paula. Era a cara chapada da Rita — mas já não da Teresa, graças a Deus.

«Porque é que não dormes?», perguntava.

«Não gosto», respondia. (Já me fizeram essa pergunta tantas vezes e ainda não arranjei uma resposta que convencesse.)

«Agarra-me.»

«Não.»

E agarrava-a.

«Aperta-me.»

«Não.»

E apertava-a.

Ela largava-me e eu podia continuar a ler. Nada ajuda mais a concentrar a mente que a companhia duma rapariga amuada. Chega-se a tirar prazer de livros francamente maus, só porque não têm nada a ver com ela.

Uma coisa é certa. Amar uma rapariga faz-nos odiar as outras mulheres. Com as mulheres já não é assim. Vá lá alguém saber porquê — mas nunca há ninguém que vá.

Em contrapartida, o ódio atrai as mulheres. Sossega-as. Desafia-as. Diverte-as. Sei lá. Deve descansá-las e enfurecê-las verificar «Este palerma não quer nada de mim...»

Um homem desapaixonado é um verdadeiro homem. Como nos filmes. É duro, honesto, corajoso, insensível. Em contrapartida, os homens apaixonados ficam moles e tornam-se meninas. Mudam de voz. Fazem olhos de perdigueiro. Começam a gostar de doces. Têm ciúmes. Têm filhos. O que são os pais senão mães sem mamas, babás em segunda mão?

A Teresa, apesar de ter morrido (supostamente) com vinte e seis anos, teve quatro filhos. Só conheço o último, que não é do Bernardo, nem de ninguém, que considero ser o meu. Vive em casa da minha irmã. Ando a ver se me convenço que não gosto muito

dele. Tem quatro anos e chama-se José. Não pode comigo. Tenho a certeza que não sou o pai verdadeiro, porque pensava que ela estava morta quando o concebeu, mas é um miúdo maravilhoso e às vezes sonho com ele.

A Paula gosta de ser maltratada na cama mas quem a tem de fazer na manhã seguinte sou eu. Deve ser bom ser injustamente maltratado e ao mesmo tempo ter tesão — urna espécie de absolvição, com um orgasmo em vez duma avé-maria. Todos nós somos maus mas quase ninguém tem a oportunidade de se expiar. Eu, que sou um sacana da pior espécie — aquele que tem o coração bom — tenho uma ambição ridícula, que não consigo afastar, que é um dia redimir-me.

«Prende-me à cama», diz a Paula.

«Desculpa mas não tenho paciência.»

«Peço-te!»

«Não tenho cordel que chegue.»

«Usa T-shirts.»

As T-shirts fazem-nos rir. A Paula parece uma moribunda entrapada. Não nos apetece fazer nada mas, como deu tanto trabalho, aproveitamos.

«Que chatice!», digo eu.

«E eu? Nem sequer me vim.»

«E bem feito.»

«Desata-me.»

«Não. Agora vais ficar aí quietinha e esperar que eu vá fazer urna tosta mista.»

«Traz as bolachas de água e sal e o queijo», diz ela.

«E para beber?»

«Um bom vinho tinto.»

Não me venham dizer que o sofrimento é insuportável, porque não é. Quem não preferia morrer de amor? O que são a saudade, o desespero, e a angústia, comparados com um cancro na garganta? Os nervos devem estar muito mal distribuídos: para aí 90% para o corpo, 10% para a alma.

O que sempre são 10% a mais, mesmo assim.

Tudo o que é dos outros é melhor. O carro, o sofrimento, o trabalho, o amor. Os outros são muito melhores que nós. Prefiro sempre os sentimentos e as coisas dos outros aos meus. Se alguém me ama, isso basta-me perfeitamente, não preciso de amar também. Se tenho algum interesse é para os outros, porque esses, coitados, não me conhecem.

Qualquer rosto é mais bonito que o meu. Quando estou sozinho, o que é raro, faço tudo para não me ver, para não pensar em mim. Quando falho, fico lixado. Sofro. Odeio sofrer.

Não há nada como uma boa rapariga a beber um bom vinho tinto na cama.

«Vou deixar-te a cama cheia de migalhas», diz a Paula, «para

te lembrares de mim quando eu já cá não estiver.» «Deixa mas é um bocadinho do queijo.»

Foi nesta cama que a Teresa se matou — é assim que vou passar a dizer. Limitei-me a mudar de colchão, que aliás já estava a ficar velho. Chamávamos-lhe o nosso colchão «Churchill»: encharcado de sangue, suor e lágrimas.

E, quando fazíamos amor, eram os dias «D» — dias de dar uma fodinha. Tínhamos uma terminologia inteira; chata mas nossa. Se estávamos num bar, ela dizia «Dunquerque?» e lá íamos. Quando metia a cabeça debaixo dos lençóis e depois queria subir eu gritava «Anfíbio!», mas ela insistia: «Não... submarino...!»

Estas coisas não têm graça quando são contadas porque foram feitas para não poderem ter graça fora de nós. A verdadeira intimidade tem de ser ou inexplicável ou desinteressante. Se eu conseguisse descrever a maneira como a Fátima se ria, estaria rico.

Tenho pena que não a tenham conhecido. Toda a gente que não é totalmente boa ou má merece uma Teresa na sua vida. Mas se calhar há caminhos mais fáceis e mais rápidos para aprender que não há ritmo nem melodia nem harmonia possível entre a dor e a alegria. Que não há sequer diferença — é isto que tenho a sorte de saber.

Disse uma vez para o ar, num parque de estacionamento, no meio dum grupo de miúdos pequeninos «Teresa. Visita-me.»

A morte mata mais do que se pensa. Os mortos levam quase tudo com eles. Diz-se que deixam lembranças e saudades, mas é tudo um truque — açambarcam as lembranças e só deixam o lixo, as saudades. É terrível termos saudades sem nos podermos lembrar. Cada vez precisamos de nos lembrarmos de mais, mas cedo degeneramos e começamos a esquecer e a inventar. Por justiça cada saudade deveria ter a respectiva lembrança, como cada som tem a sua origem. Quando alguém morre ou se deita uma casa abaixo, a vontade de vê-la ou de viver nela continua de pé, mas, distante delas, só existe um buraco. Um buraco que um dia nem buraco será; onde nem sequer se poderá cair-.

As raparigas com quem durmo sabem do meu sofrimento. Se eu o confessasse, se deixasse de rir e de ser mau, fugiam todas em massa. Quando me vêem chorar, têm sempre medo que lhes diga a verdade. Às vezes, quando estou muito triste, ligo a televisão para o canal das notícias e aproveito as imagens de fome e miséria para poder chorar à vontade. Elas sabem que não são as criancinhas africanas que me comovem — que é apenas uma saudade da Teresa a passar. O que elas não sabem é que, por causa das putas das criancinhas, choro a quadruplicar.

Não compreendo as pessoas que choram no momento presente. Irritam-me. Dá a ideia que estão a despachar-se. Vertem lágrimas como se estivessem a fazer chichi. Ao menos os homens, quando têm um aperto, vão à casa de banho e abrem as torneiras,

para poderem molhar a cara.

As lágrimas das raparigas refrescam-me. Levantam-me o moral. Às vezes lambo-as dos cantos dos olhos. São pequenos coquetéis sem álcool, inteiramente naturais. Dizer «Não chores» funciona sempre, porque só mencionar o verbo «chorar» emociona-as e liberta-as, dando-lhes carta branca para chorar ainda mais. Só intervenho com piadas e palavras de esperança e de amor quando elas vão longe de mais e começam, por exemplo, a pingar do nariz.

As raparigas, depois de chorar, ficam com vontade de fazer amor. É como se tivessem apanhado uma carga de chuva. Ficam todas molhadas. Nós somos a toalha que está mais à mão. O turco maluco com que se embrulham e enxutam. É horrível, não é? Mas só um santo não se aproveitaria.

E as raparigas que choram depois de se virem?

Estarão assim tão arrependidas? Comovidas? Simplesmente agradecidas? Gostaria de pensar que sim. As três coisas, pelo menos. Elas próprias não sabem. Riem-se logo de seguida. As piores são as que se riem logo ao princípio. Mas as piores também são muito queridas.

Quando não há mais nada para fazer, trabalho. O meu trabalho é dar trabalho aos outros. Encomendo obras plásticas, livros, artigos compridos. Falo com os trabalhadores e animo-os no sentido de trabalharem. Raras vezes consigo. Mas tenho uma pessoa que me ajuda, que usa métodos mais violentos, como, por exemplo, os cheques.

Não gosto nada do meu trabalho. As pessoas nunca fazem o que eu lhes digo — nem sequer fazem o contrário do que lhes digo. Mas está bem, porque os trabalhadores, afinal, são eles. E os clientes, bem falados, não se importam de ser desiludidos. Não está certo, mas funciona. Eis uma das principais raízes da doença da nossa civilização: a completa separação, em todas as áreas da vida, da intenção, da acção, da consequência e da descrição de tudo o que fazemos.

Gosto de fazer parte dum mundo que não é assim muito melhor que eu. Quando a média é baixa, os baixos sentem-se mais altos. É pena, mas seria um desastre, pessoalmente, se não fosse assim. Então eu, que tão facilmente reconheço alguém que me é superior. Mesmo nesta miséria, devem ser às centenas de milhões. Chega.

Diz-se, de quem reconhece uma coisa ou pessoa melhor do que ele próprio, que tem «bom gosto». Se não fosse assim que ganhava a vida não pararia de me rir.

Quando a Teresa supostamente morreu, recebi visitas de todos os ex-namorados e não sabia porquê. Sentavam-se e comiseravam — coisas para os quais os homens com menos de trinta anos não têm jeito. Faziam questão de dizer que, embora afectados, mesmo parcialmente destruídos, não estavam tão tristes como eu. Isto

apesar de haver dois que estavam à beira da morte. Mas não se desmanchavam. Tive pena deles.

Não levou muito tempo para perceber que os ex-namorados não eram assim tão ex como diziam. Uns eram claramente recentes ou actuais, outros ocasionais, ou regulares. Até havia presumíveis, duvidosos, futuros e potenciais. Mas nenhum se confessou. Eu bem os instiguei. Sabe Deus o que me custou em garrafas de whisky e de gin. Era incrível. Mesmo depois de morta, a Teresa continuava a conseguir que as ordens dela — sempre claras e rigorosas — fossem cumpridas.

O que é que ela lhes terá dito? Antes do mais, «Não digas nada!» Essa foi fácil de descobrir. Mas houve outras instruções. Vários rapazes me perguntaram se tinha recuperado da minha hepatite. Como souberam? Aposto que a Teresa lhes disse: «Vocês tomem conta dele, ouviram?» E eles, palermas, foram incapazes de lhe desobedecer. Se quisesse, tinha aqui uma equipa de enfermagem, com um médico, um estudante de arquitectura, um pintor e três surfistas. Os surfistas, irritavam-me por serem inteligentes e bons conversadores (todos eles acharam chocante que tivesse lido o Proust em português, olhando com repugnância para as lombadas dos livros de bolso na minha estante e informando-me que havia uma edição francesa em três volumes, muito mais barata.)

Eu fazia de velho e enfermo, para os chatear. Dizia: «Chegue-me ali aquele livro — há uns versos populares que eu gostava de lhe ler.» E bebia chá. Ao longo destes encontros fui-me tornando um perito em nabopucarologia. Pouco a pouco, comecei a saber coisas acerca da Teresa — da mulher sobre a qual eu sabia tudo — que, passados os primeiros acessos de curiosidade, os arrepios de surpresa, os jactos de oxigénio cada vez que descobria uma verdade, começaram a dar cabo da minha alma, e da minha vida, e das poucas coisas em que acreditava, a começar pelo meu amor por ela. Aquilo que fui sabendo começou a dar cabo de tudo e de mim.

Não me importei quando descobri que a Teresa tinha encarregado a sua corte de sabotar quaisquer romances que eu pudesse vir a ter. Aceitei com naturalidade que as minhas namoradas comesçassem a ver as previsões das ondas na televisão e a fazer telefonemas logo a seguir. Os malandros estavam a surfar-me as raparigas, ou vice-versa. Que mal é que tinha? Era bom ficar com a casa só para mim.

Mas há limites. Um dia a Paula entrou em casa a chorar, a dizer que já não aguentava mais, que toda a gente passava a vida a falar-lhe da Teresa, do grande amor que nos unia, da minha impossibilidade de amar outra rapariga, da figura de parva que ela, Paula, e as outras todas, faziam.

«Mas quem é que está sempre a falar disso?»

«Os amigos dela.»

«Quais amigos? Ela não tinha amigos.»

«Mentiroso! Nojento! De facto, ela deve ter sido mesmo boa pessoa, para ter tanta gente a gostar dela... e por ter-te aturado a ti!»

«Porque é que andas metida com os amigos da Teresa?»

«Estupidamente, pensei que pudesse saber mais coisas sobre ti, ultrapassar o complexo da Teresa resolver isto tudo...»

«Bem feita!»

«Bem feita?! Tens a lata de dizer "Bem feita"?!»

«E muito bem feita. É, sim senhora.»

«És mesmo um cabrão!» «Bem feita.»

Com esta, a Paula saiu da minha vida. Ainda estaria disposta a suportar o fardo da Teresa se eu lhe fizesse um choradinho e dissesse que a Teresa foi só uma paixão que eu tinha tido. A Paula era pequena, morena e magrinha. Só tinha uma coisa em comum com a Teresa — ser muito bonita. Embora não tanto, obviamente.

Uma casa acabada de abandonar por uma mulher tem uma certa graça, porque a desarrumação tem o mesmo cunho que a arrumação circundante. Existe um caos decorativo. «Depois venho buscar o peixe», disse. «Está bem, filha», disse eu para mim. Foi logo para o lixo. Enchi o aquário de gelo, abri uma garrafa de whisky e sentei-me a ver televisão. Andei de canal em canal, mas só havia filmes e documentários sobre a Teresa e por isso desisti e fui ler um livro.

Depois, descobri que a Teresa ia abrir uma galeria de arte, financiada pelo meu único inimigo de infância, e que estava a negociar directamente com os meus artistas, incluindo o José, de quem eu gostava sinceramente como pessoa, com o objectivo de tornar obsoletos os meus serviços de agente, intermediário e ama-seca.

Não acreditei que alguém fosse capaz de tal traição — quanto mais a Teresa, que era leal ao ponto do fanatismo.

O José disse-me que ela tencionava falar comigo «quando estivesse tudo montado» e eu ainda tentei imaginar que ela queria fazer-me uma surpresa, mas foi para aí durante dois segundos. Que grande puta. Três palavrinhas apenas. Tão ordinárias e tão feias — mas foram estas que pensei, ao pensar nela, nela, amor da minha vida, que grande.

Tentei lembrar-me. Tentei Perdoá-la.

«Porque é que não trabalhas noutra coisa?», perguntava sempre a Teresa.

«Mudar de trabalho ainda é pior que trabalhar.»

«Tu tens nojo do que fazes! Se quisesses, fazias tudo o que quisesses.»

«Queria ser pintor!», respondia, zangado.

«Mas porque é que hás-de ser a única coisa em que não prestas?!»

«Um anão tem o direito de querer ser um bailarino!»

«Porque é que não voltas à arquitectura?»

«Voltar? Eu nunca lá estive!»

A Teresa desesperava e depois dizia sempre a mesma coisa:

«Mas tu tens tanto talento!»

E eu respondia sempre: «É? Trocava-o todo por dez gramas de pachorra.»

O meu talento era reconhecer que certos pintores eram muito melhores do que eu, independentemente do esforço (geralmente pouco) ou da ambição (geralmente louca). Odiava-os por isso. O único que merecia ser artista era o José, que eu respeitava, por ser inseguro e pintar pouco. Era praticamente impossível vender um quadro dele. Primeiro, porque não havia. Segundo, porque ele não queria. Terceiro, porque o público também não.

O meu verdadeiro trabalho, o meu emprego, em que ocupava o dia inteiro, era a Teresa. E eu cansava-me tanto e gostava tanto do que fazia que também eu passei, naturalmente, a ser o trabalho dela. Não será isto o verdadeiro amor?

Uma vez, quando éramos felizes, ela disse: «É pena não haver outras coisas e pessoas. Quer dizer sermos só nós.»

Respondi que as pessoas podiam desaparecer mas que podia ficar o mundo — as montanhas, os poemas, o whisky. E ela respondeu, com uma sinceridade que me assustou:

«Mas para quê?»

É fodido. O amor é fodido. Esta é que é esta.

Encontrei uma mala cheia de cartas de amor, fotografias, rolhas secas e outras porcarias do género. Eram cartas dela, para outros rapazes, que ela tinha tido o cuidado de fotocopiar. Tanto tias datas como nas coisas que dizia, coincidiam cruelmente com as minhas. Imagino que tenha escrito as cartas a granel, usando a mesma minuta e adaptando os pormenores conforme os destinatários. Que grande.

Alguns dos exs tornaram-se amigos. Estabeleceu-se uma comunhão, um círculo de sofrimento, uma espécie de apaixonados anónimos, em que a única coisa que nos distinguia eram os sítios e as horas que ocupámos com ela e o facto de querermos esquecê-la. Havia um mínimo de identidade, mas a grande consolação era vir tudo dar ao mesmo. Isso sim.

Às vezes não falávamos. Não éramos capazes. O tema era sempre a Teresa mas não se podia dizer mal dela, o que era limitativo. Houve um desenhador que tentou desviar a conversa, lembrando que existem defeitos encantadores, mas a franja surfista manteve-se firme. Admiro-os. Parece que fazem de propósito — nunca conhecem ninguém mais do que é necessário para gostar dela.

A intimidade é um horror. Veja-se a Teresa — a lata de dizer, a meio da tarde «Mata-me». E eu sem poder dizer que não — o

estado a que aquilo chegou. Quando não há nada que não se possa pedir ou dizer, passa-se a vida a pedir e a dizer os maiores disparates. É a confiança, no pior sentido da palavra, que faz pouco dos grandes amores.

E Deus quem mata. Não é nada, disse ela — são os desastres. É a Deus que compete decidir. E ela respondia que não podia ser. «Olha para as doenças!», dizia. E eu olhava. «Que raio de Deus toma esse género de decisões?»

Porque é que há tantas doenças? Deveria haver cinco — três incuráveis e duas que fossem só para meter medo. Às vezes parece que Deus criou uma planta, uma bactéria, uma teoria linguística, uma receita de peru, para cada ser humano que gostasse de ter uma.

A Teresa estava sempre doente, por razões que nunca divulgava. Para ela, «doente» queria dizer «não num estado absolutamente perfeito e transbordante de alegria e boa disposição» — o que é severo. Estava sempre a dizer «Estou doente, mas sinto-me bem.» E depois acrescentava: «Trata-me.»

No dia em que a Teresa vestiu pela primeira vez o fato-de-banho azul-claro, comeu milho envenenado.

Não fazem falta nenhuma. Como é possível perder-se tempo com estas merdas? Mulher má, mulher amada, anjos irrelevantes.

No sanatório falamos incessantemente de fazer amor. Inventamos as nossas vidas anteriores. Como não podemos ter vinte anos, somos porcos mais uma vez.

«Lembras-te das nossas conversas de ir ao eu?»

«Vamos ter uma. Aqui no lar. Começa tu.»

«Queres no rabo, não queres?»

Típico.

«Não — não sejas porco.»

«Tu é que és porca. Dás-me o teu rabo só para eu lamber.»

«Gosto que me lambas aí...»

«Gostas?»

«E eu abria as nádegas, mostrando o buraco do rabo, para te dar acesso.»

«Obrigado.»

«É tão porco!», diz ela.

Confusão de pessoas.

«Nunca vi uma mulher abrir-se assim...»

«Não digas isso!»

«Abre-te mais, para te lamber o olho do cu.»

A Teresa acende um cigarro. «Cu é tão ordinário. Não fales assim.» «Vá, dá-me o teu cu de puta.» Brilhante. Bocejo. «Eu afasto-me.» «Eu ponho-te a mão na cona.» «Estás encharcada.» «Estás-me a pôr maluca!» Dito devagar.

«Não me trates assim!», diz ela, com a cara vermelha, virando-me outra vez o rabo, faz de conta. Estamos velhos. «Faz-me mal às maminhas.» Gostaria de ter-te visto envelhecer. «Eu aperto-te os mamilos com força.» Ela geme.

Confusão de ela e eu, de eu e dele, de dela e ela. «Dá-me tesão.» «Mais!»

«Gostas à bruta.» Um clássico.

«Gosto!», diz ela, e diz que ela se abandona a ele. Fala de mim na terceira pessoa. Boa ideia. «Não tens respeito nenhum», digo eu. Ainda bem. «Estou perdida... não consigo controlar-me...»

Perdemos a vida inteira.

«Queres um caralho rijo e grosso nessa cona.»

Todas as noites sonhei que estávamos juntos outra vez.

«Não fales assim!» E ela diz que enlouquece mais ainda, levantando-se para se empalar na minha picha, na picha dele.

Mudamos a posição das nossas cadeiras de rodas.

«Não. De costas. Tens de ser fodida como as putas.»

Anjos vagabundos e estúpidos.

«Fode-me!», diz ela fazendo como ele lhe disse.

«Estou a olhar para o olho do teu cu.»

Rimo-nos. Perdemos o jeito ao longo dos anos.

«Não!»

A Teresa é melhor que eu.

«E um olho de ordinário, a pedir para ser descrito, a abrir e a fechar, com medo de ser enrabado.»

«Ela molha-se e quase se vem com a ideia de ser enrabada e humilhada...» E acrescenta:

«Fode-me com mais força!»

Escreve-me o que devo dizer na minha cabeça.

«Ordinária. Debruça-te para eu te ver a ser fodida.»

Tanta tristeza para tão pouca alegria.

Ela diz que sim, que se debruça. Diz que sente o olhar dele no rabo. E acrescenta que se sente trespasada pelo caralho dele.

A vida inteira, todo o mal que me fizeste, por um antigo beijo teu.

Ele põe-lhe um dedo no olho, digo eu.

A Teresa dá-me a mão. A outra continua escondida debaixo do cobertor.

«Quieta!», diz ele.

Confusão de pessoas e de tempos.

Ate' arrancarmos.

«Não! Aí não...»

«Quero que me digas que te dá tesão pensar que vais tê-lo no rabo...»

«Não — nunca fiz isso!» Fez lá agora. Tanto mais que monta-o com uma força tremenda, como se o quisesse partir dentro dela.

Grita «Fode-me — Fode-me mais!» Bem dito.

«Não», digo eu, fazendo com que ele pare.

Ela tenta fazer que continue a mexer-se.

«Estás a pôr-me maluca. Estou quase a vir-me...», diz.

«Diz-me que vais receber o meu caralho inteiro no teu rabo e eu fodo-te como tu queres.»

«Não...»

Continuamos. Ainda não nos fartámos, mas não temos jeito nenhum.

Ela abre.

Ele fode-a com força.

«Só isso?», pergunta ela.

«Olha — estou a cobrir-te o cu do teu líquido...»

«Estou-me a vir...! Estou-me a vir!»

Gritamos no meio do sanatório, como se fosse tudo verdade.

«Vem, esporra-te toda, vá, encharca-me o caralho!»

«Esfrega-te, minha vaca, esfrega-te toda.» Diz isso.

Ela vem-se.

Diz «Estou-me a vir.»

«Vem-te!», grita.

Ele tira-lhe o caralho da cona, digo eu.

Enfia lá a mão e encosta-lhe a cabeça ao olho do cu.

O cu abre-se com o orgasmo e ele enterra-lhe a picha.

Segundo ela.

Ela quer resistir, mas ele prende-a com o peso dele.

«Vais ser enrabada.»

«Não!»

«Olha como eu te mexo - Julgas que alguma mulher deixa que um homem lhe mexa assim? Estou a apalpar-te a cona toda por dentro. Estás doida!»

Não nos lembramos de nada.

«Entra na minha...»

«Diz, putinha, diz... na cona...»

«Sim, na cona...»

Pudéssemos matar as pessoas no meio de nós.

«Diz que tens tesão no eu, que sentes a cabeça do meu caralho no teu rabo, e que te estás a molhar com a ideia de recebê-lo lá dentro, onde só as putas deixam...»

Ela deixa passar. Diz que se remexeu, que está descontrolada. Ele enterra-lhe mais uns centímetros de picha, logo a seguir.

Acendemos um cigarro. O sanatório está a arder.

«Estás a ver? Tens o cu aberto. Está todo aberto.»

«Não tens vergonha?»

«Está a doer!»

«Não... não... vou enrabar-te devagarinho, que é mais porco...»

«Não entres mais!»

«Fecha o cuzinho, fecha, que ainda me dá mais tesão...»

«Vem-te! Vem-te!»

«Queres?»

«Não...»

«Gostas?» Pergunto, como tantas vezes antes.

Mas quais?

Ela faz como fazia. Começa a masturbar-se, empurrando o rabo contra o meu caralho, desejosa de ser penetrada por ele, por mim.

«Queres caralho no cuzinho, queres?»

«Não fales assim!», diz, excitada.

Aparentemente.

«Não vês como estás? Olha para ti. Tens um caralho enorme enfiado pelo rabo acima e estás-te a mexer como uma cadela. Diz que gostas.»

Confusão de palavras. Único gesto: as mãos dadas.

«Gosto! Fode-me!»

«Diz "Enraba-me!"»

Único barulho: as nossas vozes.

«Isso é tão porco.»

No mundo branco aonde viemos parar.

«Mas tu és uma porcalhona que leva no cu... diz.»

Ela começa a vir-se outra vez, com o cu totalmente ocupado e a cona a desfazer-se em água.

«Enraba-me, querido, enraba-me... enraba a tua porcalhona...» Está bem dito, sim senhor.

«Gosto! Gosto! Enraba-me vá!» A voz dela torna-se apreensiva. Diz que vira a cara, para ver como está a ser enrabada.

«Queres ver? Queres ver?» Digo que ele lhe abre as nádegas, fodendo-a profundamente.

«Já viste? Parece uma coninha. És tão puta que tens um cu como uma coninha...»

Esta é boa. A primeira da tarde.

«Porco! Porco!»

«Vou-me vir... vou-me vir...», diz ela.

E diz mesmo como se estivesse a dizer.

«Não filha... só quando lewares com a esporra.»

«Só quando sentires o leite quente a subir-te por essa peidinha de puta... vá... fode-me com o teu cu... fode...»

Ele fode-a, sem vergonha, obviamente, para se vir.

«Agora — toma, vá, toma, leva lá o leite no rabinho... toma e vem-te!»

É indiferente o que se diz. A idade ajuda muito.

Ele descarrega-lhe jactos de esperma para o rabo, supostamente, enquanto aperta e desaperta o anel, chupando-o enquanto esfrega o dedo no clitóris, vindo-se sem fim, a gritar, «Ai, ai, que bom... que tesão...» Em surdina.

«Vá, minha porca, vem-te toda para o caralho que te está a encher o eu!», digo eu.

Ele vem-se mais ainda, segundo diz.

Quer tirar-se, mas ele não deixa. Permanece enterrado.

«Vais ficar aí como caralho para habituar o teu rabinho...»

«Não, está-me a fazer impressão...»

«Mentirosa. Gostas. Diz a verdade.»

Ele dá-lhe um estalo na cara.

«Gosto! Gosto!»

«Agora vais-te masturbar com o caralho enterrado. Eu não vou fazer nada!»

«Isso é tão ordinário!» Mas ela diz que já está a mexer-se outra vez.

Digo-lhe que a prego à cama, esmagando-lhe as ancas.

«Com o cu sobre a picha, vá.»

Ela faz o que eu digo, aflita por sentir que se vai vir naquela posição, tão ordinária.

«Pede-me esporra, que eu dou-te mais.»

«Dá-me a tua esporrinha!»

«Aonde?»

«No meu rabinho! No meu rabinho! Vou-me vir!»

«Ficas doida quando te enrabam.»

«Fico! Fico! Sou uma porcalhona.»

«Olha só para ti — nunca vi!»

«Estou-me a vir — esporra-te no meu rabo...»

«Diz cu, diz cu.»

«No meu cu!» Sobressaltada, vermelha, vem-se. E eu aproveito para dizer que lhe atiro com mais um jacto de esporra Ela diz que está bem.

Ela diz que se tapa com o lençol, cheia de vergonha. E depois diz que é altura de parar. Lembras-te?

Nunca foi tão bom como dissemos. Não digas isso. Estou farta, diz ela. Também eu, digo.

Que tristeza, Santo Deus.

Só conversa.

Paredes-meias. O cheiro da tinta.

Em vez de nos virmos, vêm-nos lágrimas aos olhos.

O mal de falar. A dor de não poder segurá-la.

A angústia de já não nos lembrarmos.

Depois de tantos anos de lembrança e saudade.

O mal de fingir é que se esquece a verdade.

Dois dias depois de me apaixonar pela Teresa, fui à inspecção: No meu dia, entrei com o meu nome, escrito num papel, pronto para ser identificado.

«É uma letra de menina», disse o homem atrás da mesa, enquanto procurava o meu livro.

«Como tantas», disse o oficial que tratava das inscrições.

Eu ia dizer que o nome tinha sido escrito pela minha meia-irmã, filha do primeiro casamento da minha mãe, mas o homem interrompeu-me.

«Eu já nem levo a mal. Cada um é como é.»

O oficial sorriu. Olhou para mim e sorriu. Depois, pôs a mão no ombro do escriturário, agitou a cabeça como um cavalo e pronunciou-se da seguinte forma:

«Seja como for!»

Fui para casa sem saber o que me esperava. A minha irmã chorou. Disse-me que não me fosse embora. E nesse dia eu fui-me embora. Saí de casa às oito da noite, sem mala, sem roupa, sem nada. Ela perguntou-me se ia demorar. Respondi-lhe torto.

«O que é que tens a ver com isso?» Ela não se ofendeu. Disse só «Podias passar esta noite comigo.» Respondi «Ê o que vou fazer.» E ela não se contentou com isso. Disse: «Quantas vezes é que tu já me disseste isso?»

O que me valeu é que eu tinha muito dinheiro. Apanhei um avião para o Porto e fui de táxi para Guimarães. Abri conta num banco. Comi filetes de pescada como há muito não tinha comido.

Telefonei à minha irmã. Disse só: «Está descansada que eu estou bem.» Ela riu-se. Riu-se várias vezes. Até que disse: «Tu estás bem? Tu é que estás bem? É isso que me estás a dizer?» Eu disse: «Calma, Emília, não te preocupes.» E ela disse assim: «Com que então tu estás bem! Estás muito bem! E eu?»

Desliguei. Passei durante mais de uma hora à procura de um hotel. Quando encontrei o Hotel do Norte, parei. Passava da meia-noite. Estava a chover. Olhei lá para dentro. Não havia ninguém. Entrei a medo. Havia pouca luz. Estava frio. Dirigi-me ao balcão e esperei. Havia uma raposa embalsamada numa estante a segurar uns horários de comboios, ordenados desde a inauguração dos caminhos de ferro.

Havia uma vela acesa num prato de sopa. Era a única luz. O quadro, que se via bastante bem, de portas metálicas escancaradas, com três interruptores em posições diferentes, estava desligado. Decidi esperar. Apareceu um homem. Perguntou-me em que é que me podia ajudar.

Deu-me um quarto grande com uma cama de casal, um jarro com água e um quadro representando duas varinas a conversar.

Deitei-me sem tirar a roupa e tentei dormir. Não consegui. Às duas da manhã saí da cama e fui passear.

Não havia ninguém na rua. Era muito tarde. Ainda pensei encontrar um café aberto, onde pudesse sentar-me calmamente, ou uma casa de putas, ou um bar. Encontrei uma miúda com uma garrafa de vinho na mão e perguntei-lhe se havia uma taberna ali perto. Ela parou e disse-me que sim. Apontou para uma porta escura e disse: «É o Veloso. É mesmo aqui.» Olhei mas não vi luz nenhuma. «Já fechou?», perguntei. «Já», respondeu a rapariga, «já fechou há muito tempo.» «Há quantas horas?» E ela respondeu: «O ano passado.»

«Vende-me esse vinho!», disse eu. «Não posso», respondeu. Tirei uma nota de mil escudos e ofereci-lhe: «Dou-te um conto de réis.» Ela disse que não: «É para o meu pai, não posso.»

Perguntei «Onde é que está o teu pai?» E ela respondeu.

«Está na Lourinhã.»

Segui caminho. Nem olhei para trás. Quando vi uma cabina telefónica entrei e marquei o número da minha irmã.

«Emília... sou eu!»

«Onde é que estás?», disse ela com voz de sono.

«Estavas a dormir?»

«O que é que tu achas?»

«Não te queria acordar...»

«Agora já me acordaste. Onde é que tu estás?»

«Eu?»

«Não, eu...», disse ela a brincar.

«Estou na Lourinhã.»

«És um mentiroso.»

«Não acreditas em mim?»

«Quando é que tencionas voltar?»

«Nunca.»

«Tens dinheiro?»

«Tenho.»

«Estás com alguém?»

«Não.»

«Mentiroso!»

«Estou sozinho.»

«Na Lourinhã?»

«Não, em Guimarães.»

«Mentiroso.»

«Quanto é que queres apostar?»

«E a inspecção?»

«Vou faltar.»

«Vais faltar?»

«Vou fugir.»

«Agora?»

«Não viste que já fugi?»

«Olha lá...»

«Diz...», disse eu, já a saber o que ela ia dizer.

«Há alguma razão para tu fugires?»

«Não quero ir à tropa.»

«Então não vás. Já ninguém é obrigado a ir.»

«Não quero ir à tropa.»

«Ouve lá, não sei se sabes, mas a guerra já acabou...»

«Não tenho nada a ver com isso!»

«Apanha um avião e deixa-te de histórias.»

«Vou fugir para os Estados Unidos.»

«Da Lourinhã?»

«De Guimarães.»

«Está bem», disse ela... e desligou o telefone.

Voltei para o hotel. Agora estavam todas as luzes acesas. Atrás do balcão estava o mesmo homem. Entregou-me a chave do meu quarto sem dizer uma palavra.

«Até amanhã», disse eu.

E ele respondeu: «Eu amanhã não devo estar cá.»

Deitei-me. Pensei que tinha fugido da Teresa, que nunca ia a ia ver. Tomei muitos comprimidos para dormir.

Não dormi. Às oito da manhã, em vez de estar num quartel Lisboa, na bicha para a inspecção, adormeci. Sonhei que era eu que estava a inspecionar. Havia velhotes que fumavam cigarrilhas e me tratavam por «Senhor Major». Os rapazes desfilavam diante de mim, falando entre si. E eu cochichava: «Parece-me bem...»

Ria-me. Ria-me e dizia: «Ai isso é assim?» Eles ficavam aflitos. Nisto, eu virava-me para o rapaz à minha frente e gritava «Mas o que é isto? O que é isto?! Pegue nos seus papéis e ponha-se a andar daqui pára fora!»

Sonhei que tinha perdoado milhares de contemporâneos. A minha geração inteira. Os brancos. Os chicanos, os matarruanos. Os doentes, os licenciados, os judocas. Até que os oficiais perderam a cabeça e perguntaram: «Senhor Major! Se nenhum deles presta, com quem é que o Exército pode contar?» Tiro os óculos. Pouso a esferográfica. Olho-os frontalmente. «Comigo, por exemplo!»

Eles hesitam. Até que um ganha coragem e diz: «Mas o Senhor Major sozinho... não chega!» Aí, volto a pôr os óculos. Mostro-me confundido. Digo «Se não chego, alguém há-de chegar...» Levanto-me e, com o passo sobrecarregado, vou-me embora. Saio consecutivamente da sala, do edifício, do quartel, de Lisboa, da sala de embarque do aeroporto e do espaço aéreo deste país.

Acordo na Austrália. Mas nunca consigo sonhar que acordo sem ficar consciente que me ando a enganar a mim mesmo, porque sei perfeitamente que estou a dormir. Nem chego a imaginar o local australiano onde sonhava acordar. De repente estou em Guimarães mais uma vez.

São três da tarde. Telefono à minha irmã. Ninguém responde.

Telefonei ao António, que ia à inspecção comigo. Consigo apanhá-lo. Conto-lhe o que se passou. Ele ouve pacientemente e por fim diz: «Estás fodido.» Cai-me o coração. Pergunto: «Tu foste?» Ele responde: «Não. Esqueci-me...» E eu pergunto: «Então e agora?» Ele diz: «Telefonei a dizer que a minha mãe não me tinha acordado...» E eu: «E os gajos?» E ele: «Ficaram fodidos...» E eu: «E agora?» E ele explica: «Agora tenho que lá ir hoje às quatro da tarde.» E acrescenta: «Mas vou levar uma grande porrada, podes crer.» Eu grito: «Ouve lá! E eu?» Ele pergunta: «Onde é que estás?» Eu digo: «Em Guimarães.» Ele diz: «Estás fodido... o sargento lá da Graça disse que o pior é não ir.»

Entro em pânico. «Diz aos gajos que eu vou!» Ele diz que não diz. «Diz-lhes que eu vou tentar apresentar-me em Guimarães», digo a seguir. Ele ri-se. «Guimarães? Estás a falar a sério? Ó pá, isso tem o mesmo efeito de te apresentares em Saint-Tropez!». E desligou.

Apanho um táxi para o Porto, onde perco um comboio para Lisboa. Meto-me noutro táxi. São quatro e um quarto. «Vamos para Lisboa!», digo. «É para já», diz o motorista. Quando o carro já vai lançado, pergunto: «Acha que consigo chegar antes das dezanove horas?». Ele pára imediatamente a viatura. «Só se «to fosse um avião...» Desespero. Penso. Digo: «Então vamos para o aeroporto!»

Chegamos ao aeroporto. Compro um bilhete para o voo das 17h15m, que chega a Lisboa às 17h50. Faltam dez minutos para embarcar. Compro um Paris Match e sento-me, com o bilhete na mão. Leio uma reportagem sobre o Príncipe Bernardo — de que país será? Finalmente, adormeço. Sonho que estou em Tete. É o fim da tarde. Estamos a grelhar peixe no mato. O meu tio Fernando (que já faleceu) enlouquece e começa a fazer uma grande fita, acusando-me de estar a esconder uma garrafinha de molho Tabasco na mochila. Por muito estranho que pareça é o Príncipe Filipe, numa farda de exército português, que me defende, dizendo calmamente que «Isso agora não interessa, para o caso» e que «Seja como for, peixe grelhado não fica bem com molho Tabasco.»

Nisto, alguém puxa de uma faca e eu acordo. Estou no aeroporto. É uma da manhã. A sala de embarque está vazia. O televisor do tecto informa-me que o próximo voo para Lisboa é às 7 e 15 da manhã. Levanto-me em estado de pânico. Telefono para o meu amigo. Responde a mãe a dizer que ele foi à inspecção e que foi admitido. «Tenho de falar com ele!» grito. «Está bem, filho, mas só se for amanhã, porque ele foi sair com os amigos...»

Com os amigos. E eu? Desligo imediatamente. Ligo para a minha irmã. Ela atende e diz: «Faltaste, não faltaste?»

Confirmo.

Ela respira fundo: «Tem calma.»

Digo. «Está bem...»

Ela pergunta: «Tens dinheiro?»

Digo que tenho.

E ela grita: «Pira-te!»

«Para onde?»

«Pira-te para onde puderes que eu arranjo maneira de te mandar dinheiro...!»

«Eu tenho dinheiro.»

«Então pira-te! Pira-te antes que seja tarde!»

«Eu não queria faltar... eu só queria...»

«Estamos a perder tempo!»

«E vou para onde?»

«Não digas ao telefone!»

«E que eu não sei!»

«Telefona quando chegares!», diz.

«Está combinado», respondo.

«Estúpido!», grita a minha irmã, antes de desligar.

Contei o meu dinheiro. Tinha trinta e sete mil contos e o cartão Multibanco da conta conjunta dos meus pais. Levantei mais quarenta contos com ele. Troquei o bilhete de avião por uma nota de crédito. Saí do aeroporto e entrei no único táxi que lá estava.

«E para onde?», perguntou o motorista.

Não consegui responder logo. Disse apenas: «É para o centro da cidade... e depois já lhe digo...»

Meia hora depois, a descer a Avenida dos Aliados, toquei-lhe no ombro e disse: «Vamos seguir para Amarante.»

Em Amarante instalei-me na Pensão Mercedes, durante tempo indeterminado. De manhã ia para a serra, à procura de trabalho numa das quintas. Ia de quinta em quinta, pedindo uma oportunidade. Mas havia poucas quintas e todas me escoraçaram, por estar bem vestido, se calhar. Apanhei alguns sustos. Um deles quis saber se eu gostava de queijo, ao qual respondi que sim, e depois, quando estava mais à vontade, perguntou se já tinha feito o serviço militar.

Acabei por desistir da ideia de trabalhar na serra. De volta à Amarante, depois de um dia particularmente frustrante, fui ao banco e comprei a maior sapataria da localidade. Mantive o nome (Sapataria Ivone) e contratei um empregado para atender os clientes. Passo os dias no escritório, a ouvir música e a fazer telefonemas para a minha irmã. Ela pensa que estou algures em França. Não imagina que o irmão dela se encontre há mais de um ano em Amarante. Quando muito, pensa que estou na Lourinhã.

Apesar de ser um homem procurado, às vezes diz-me para voltar. Diz que mais tarde ou mais cedo vou ter de enfrentar o que fiz. Eu não sei. Quando falo com ela, fico mais confundido ainda.

Ela diz: «Fazes cá falta...»

Rio-me.

Ela tenta animar-me: «O Sr. Saraiva perguntou por ti.»

«Já me tinhas dito.»

«Perguntou se estava tudo bem contigo.»

«Como é que ele está?»

«Está velho... não se percebe nada do que ele diz.»

«E de resto?»

«De resto, já se sabe...»

Quando o Sr. Saraiva morreu, passei a falar menos à minha irmã e vendi a sapataria. Um dia tenho esperanças de refazer a minha vida. Odeio o meu pai e a namorada dele.

Continuo a pensar na Teresa. Vai ser assim a vida inteira. Estou sempre a imaginar vidas sem ela, mas nunca consigo acreditar em nenhuma.

Teresa morta. Farto namoradas. Resolvo casar. Estou cansado. Preciso dinheiro. Dormir. Tudo.

Estou de rastos. Rastos. Esposa má. Nada que eu possa fazer. Saiba. Queira. Nada que eu deva. Assistência precisa. Internado já. Exijo pressa. Tenho fome. Sono. Tudo menos idade para estas coisas.

Esposa quer invariavelmente qualquer coisa. Espero. E o que esposa faz. Muito bem, faz. Pedir e falar. Cama, pipi, dinheiro para o jantar. Cozinha. Mmm. Bom. Digo. Minto, mim. Muito para safar. É que esposa má. Esposa faca. Se esposa sabe... Num ápice, filhos na carrinha e eu nunca mais vê-los na vida. Namoradas rancorosas, amantes incompreensíveis, esposas más.

Mim bebe tudo o que houver. Ser assim mesmo antes de casar. Esposa sem culpa. Esposa só agravante. Beber antes bom. Agora essencial. Alternativa: ou a morte ou matar. Esposa pressão constante. Não dar tempo para pôr gelo. Esposa pior que bagaceira. Estômago voltar. Só de estar na mesma casa, E levar mais tempo a embebedar, porque triste, triste, triste. Ela e eu. Só vistos.

Filhos sim. De vez em quando. Amor, ah. Amor excepção. Amor importante. À falta de melhor. Filhos bom. Um pequeno. Outro mais pequeno ainda. Este pior. Mais velho mais caro, mas este pior. Às vezes tão bêbado que não o conheço. O mais pequeno quase nunca reconheço. Quem é? Deitar janela fora, apetecer. Esposa gritar. Esposa razão. Esposa mata. Gostar de ter razão vinte e quatro horas por dia sem interrupção. Esposa cruel. Um dia vem carro grande e atropela. Ou então mãe dela morre e esposa tem de se ausentar. Sonho.

Esposa muito fodível. Mas mim não fode enquanto ela com razão por razões higiénicas (ela não deixar).

Foder bom. Uma punheta de primeira, ser de facto. Molhado quem não gosta? Quente. Esposa calada. Paraíso. Mas depois gritar e gemer como um homem rouco. Tirar o tesão todo. Uma arte. Eu disse «Todo»? Esta também é boa.

Filhos acordam imediatamente. Não gostar pais foder. Pensam: Papá matar Mamã=Papá mau, Mamã boa. Sempre boa a que morre, porquê? Casa suja e pequena. Esposa suja. Sempre mesma roupa. Robe: constantemente. Acordar e comer de mais, muito tempo. Banho só quando cheira a podre, quando já tarde de mais.

Logo haver de casar com esposa cheira mal, com voz de homem quando fode. Sem dinheiro sequer. Sem carinho. Mamas boas, sim. Pouco mais. Resto pode ficar. Possível ou não Sabe-se lá. Bom proveito. Não interessar.

Todos os dias mesmo. Cuecas pretas sempre. Não normal. Tara. Pretas baratas. Nylon e algodão. Renda de casa. Elástico muito cansado. Quer ir dormir. Foder sem tirar. Tão lassas. Preguiça inaudita de parte a parte. E o que dá. Afasta a racha. Gemer como

boxeur. Ringue. Tirar tesão. Mas avante. Marche. Alguém vir. Não saber se fui eu. Basta vir um de nós: suficiente para virar e dormir. Nenhuma democracia aqui, graças a Deus. Eu sala de estar. Chão bom. Esposa longe, melhor que colchão ortopédico.

Trabalhar ter. Não gosta. Transportes foda-se enorme. Tirar olhos de toda a gente. Pudesse. Canivete. Gajas. Gajos. Mais gajas. Mais gajos. Muito tempo. Possível morte melhor, mas cobarde como cão e não arriscar.

Lisboa foda. Manhã em maluco. As trombas gajos e gajas não acreditar. Só vistas. Gostar de terremoto, só eu ficar vivo. Lava quente naqueles focinhos todos. Putas das criancinhas aos gritos. Sem mínima chance. Velhos lentos, intermináveis, engolidos pelo asfalto como pagamento pelo tempo a sair dos táxis, irredimíveis eternidades. Putas das meninas das caixas dos supermercados todas soterradas debaixo monumentos pesados. De fora só mãos. Mãos com que dão o troco. Sonhos. Vãos.

Lisboa vômito, nojo, bosta. Vir e levar quando quiserem.

Por mim bem. Horas a gramar! Vida perdida. Gajos. Mais gajas. Nada para perder — nada senão zangar. Pôr bomba se não desse tanto trabalho.

Esposa dar uma mãozinha porque também má. E porque gostar mais espaço. Quem não? Mas ela obsessiva. Mil metros quadrados para um sofá: mínimo. Senão não. Nasceu muito pobre e quer vingar-se. Mula má. Um dia levar machadada na testa. Foder a razão toda. E agora? E agora? Pior os filhos. Quem tratar? Muito trabalho. Dia inteiro, pelo menos. Noites: frequente. Doenças: propícia como o caralho a todas que há. Única razão não matar esposa: pensar nos filhos.

Esposa diz que amor e não sei quê. Está para ver onde. No cu talvez. Esposa filmes de mais. Chorar até exsudar das narinas, barulho de chupar palhinha, espectáculo degradante. Pior que filmes. Hamburgers. Tirar qualquer possível tesão. Esposa gosta muito foder quando eu não tenho tesão. Desafio. Arfar. Broche, mas sem qualquer convicção. Alarme. Estar quieta, mais valer. Mas nunca quieta. Amazona. Cona «trial». Sempre dum lado para o outro. Vir sem fim. Sem um obrigado. Sem um pedir antes. Nunca. Mais! Mais! Só mais. Mim picha em sangue. «Foda-se», eu dizer! Mas não mercê. Não descansar enquanto não me moer a rosca toda. Mesmo borda seca insistir. Conseguir vir-se no vácuo, a grande puta. Chamar meus filhos. Vir salvar pai. Mas filhos roncar nestas alturas, cansados de tanta merda fazer.

Esposa velha. Todos os dias mais um bocadinho. Cu cai um milímetro por hora, garantido. Nas tintas. Cu mais meu que dela, diz. Tromba de rapina. Mesma roupa sempre. Calças sujas. Olhos sem brilho, cor de merda. Nunca tirar óculos escuros: solução. Mas ela nas tintas. Olhos mais meus que dela, diz. Já casada. Já filhos. Sarda diária. Resto de mim para bel-prazer. Atormentar. Que mais

quer? Querer mais. Casa. Mais carro. Mais casa. Espaço. Mais tudo. Tudo menos outro. Ter mim já.

Mim acabado, já não querer continuar. Esperança nome de mulher-a-dias para mim. Fazer asneira toda a puta da minha vida sem remissão nem arrependimento. Agora grande caralho não poder queixar-me. Toda a vida disparate sobre disparate. Dar cabo da saúde, dinheiro, amigos, único carro que tinha. Esposa aproveitar. Ver-me caído e solta-me em cima. Este é meu. Mim obrigado a permitir. Não me poder mexer. Costas. Doem. Dia sim dia não. Inválido para todos os efeitos. Esposa ao princípio chorar. Comover. Blá blá fisioterapeuta amiga enquanto fodia mas mal se vinha, fica para outro dia e volta o cu. Claro. Vida merda. Culpa minha.

Matar alguém — só resta isso. Mas não ter força. Nem para esposa sequer. Machadada entre os olhos, tudo muito bonito. Simples devaneio, porém. Nunca coragem ou energia para concretizar. E pachorra? Onde machado? No meio da cidade? Transportes foda? Para lá e para cá. Esconder provas. Lisboa caralho, horas e horas a andar.

Esposa agora olhar. Ver escrever. Curiosa. Alma suja. Maior puta que existiu desde anterior. Gostar escrever isto enquanto olha.

Ultimas frases, então. Medo de esposa descobrir. Continuar amanhã, se calhar.

Não eras para morrer. O meu filho não era para nascer. O meu amor era para ser assim.

O mal foi não pensar no que poderia acontecer se por milagre fizesses aquilo que pedia que fizesses. O mal foi não ter esperado que te apaixonasses também por mim.

O meu amor não era para ver. O meu amor foi feito para dar. Para guardar segredo, sem tu saberes. Não foi feito para ser trocado. Pensava que o meu amor estava protegido dessa felicidade. Era um amor sozinho e grande. Não estava preparado para receber fosse o que fosse da tua parte.

Não devias ter vindo atrás de mim, a fazer-me perguntas, a querer saber coisas que eu não te queria dizer.

«Como é que te chamas?»

«Como é que eu me chamo?!»

Não devias ter reconhecido a minha voz, quando te telefonava, a dizer-te como estava perdido. Não devias ter falado comigo. Com a frieza da tua curiosidade a abater-se sobre mim, magoando-me a alma. Magoaste-me a alma. Eu não queria falar contigo. Não queria ser ouvido.

«Porque é que não vens falar comigo em vez de fazer estes telefonemas?»

«Se calhar, queres ir beber um chá! Beber um chá e comer um "scone"!»

E tu respondeste, a sorrir, a sorrir como se a minha aflição fosse engraçada: «Se calhar...»

«Eu amo-te!», gritei.

«O que é que isso tem de extraordinário? Diz-me!» «Eu amo-te como nunca ninguém amou ninguém!» «Porque é que há-de ser assim?», respondeste, beijando-me pela primeira vez. Eu estava tão tenso, não dei por nada, queria que se abrisse um buraco no chão e me engolissem. Mas tu estavas calma, como se estivesses habituada.

«Para ti pode não ser extraordinário, mas, para mim, é!» «Cala-te», disseste, «Sabes lá se eu gosto de ti também...»

Gosto! Foi o que disseste. Foi «gostar» o verbo que empregaste. E eu não tive a coragem de fugir de ti naquele momento e explicar-te que como tu gostavas de mim, eu gostava de ananás, de sair à noite, de comprar azulejos nos antiquários.

E tão difícil dizer «eu amo». Mas eu disse. Disse sem te conhecer de parte nenhuma. Sem contar com o deserto da minha alma, onde me pareceu encontrar-te nos maus momentos da minha vida, desde menino até agora, numa forma nunca muito diferente da tua.

Mesmo quando era pequenino, tu já tinhas a idade que tinhas quando finalmente te conheci. Só as tuas roupas eram diferentes.

Não te pedi nada. Não fui eu quem falou primeiro em ser feliz. No dia em que me falaste nisso estive até às cinco da manhã sem

dormir.

A culpa foi tua. Fui levado a viver ao pé de ti, a preocupar-me com os teus dias, a pôr-me a nu, escondendo o pouco que restava da minha solidão dentro da tua. Da solidão que era minha. Da solidão que se apaixonou por ti. Que era, mais coisa, menos coisa — eu.

Mais de uma vez te perguntei se ias amar-me para sempre. Mais de mil vezes. Não podes dizer que não te avisei. E por muito que jurasse que sim, por muito que me fitasses no fundo dos olhos enquanto dizias que o teu amor era como o meu, que não tinha fim, eu nunca acreditei em ti. Por isso é que eu estava sempre a perguntar. «Nunca vais deixar de gostar de mim, pois não?» O teu mal foi nunca teres feito essa pergunta.

A tua morte resolveu tudo. Nunca mais vou amar ninguém.

É assim corno deve ser. Desde o princípio dos princípios. Como é que pudeste apaixonar-te por mim com tanta facilidade e tão pouco sofrimento? Por mim, que nada valho. Por mim, que nada te dei. Como é que eu podia acreditar num tal amor?

Tenho saudades de ti. Mas não me custa sofrê-las, comparado ao que eu sofria quando estavas aqui comigo, deitada no meu ombro, a sonhar os teus sonhos, agarrada a mim, o meu amor, o meu amor a arder-me no coração, deitando fogo ao meu sossego, tanto era o amor que te tinha, e o terror e a certeza de perder-te.

Esposa má. Má de manhã à noite. Agora manhã. Dia quase. Esposa acorda. Pernas suadas a escalfar as minhas. Objectivo: enfiar a língua seca num dos meus orifícios naturais. Narinas desprevenidas, o forte dela. Tudo depende da posição em que estou a dormir. Protejo-me como posso, mas há sempre uma aberta. Esposa sabe. Não havendo boca disponível, avia-se na orelha. Enche-a de cuspo e mergulha a língua na piscina que criou. Acordo de repente: sonhei que estavam a arrancar-me os cabelos.

«Bom dia». Fim de charme. Mais valia dizer logo «Fruta!» Era mais honesto. Hálito de foca escorbútica. Porque é que não lavas os dentes como as tuas amigas? Porque gosto do sabor da minha boca. Deixa-me dormir — só tenho de me levantar às onze. Só se me deres um beijinho. O «inho» irrita. Nunca demos um «beijinho» na vida. São sempre linguados. De três quilos. Endoscopias. Nunca pensei que um simples beijo pudesse ser tão porco. Enfim. Valha-nos ao menos isso.

Larga-me. Não tenho tesão: tenho sono. Bate uma punheta que eu ajudo no fim. Como? Chamo-te porcalhona quando te quiseses vir. Olha obrigadinha. Esposa amua. Um a zero. Diz: «Vê só o tesão que te dou!» «Bem sei», digo eu. Mas agora não.

Ela começa a masturbar-se. Zango-me: agora também estou cheio de tesão. Esposa sabe-a toda. Pega no pau. Triunfante. Centímetro a centímetro. Quem me dera desprendê-lo e oferecer-lho como recordação, para que nunca mais pudesse embrulhar os dedos de cobra à volta dele. Fizesse dele o uso que quisesse. Vamos lá então. Começa a merda. Ela faz-se ao minete, mas sem grandes esperanças. Nem nos teus sonhos mais loucos. Abre as pernas. Vira-te. Seca que nem uma pedreira. Molha-me então. Molho. Nova voltinha. Série de direcções. Encharca. Gosta de ser fodida sem rodeios. Senão desconcentra-se. A mim só o carinho me faz vir. Excepto o dela. Tem de ser dalguém que eu goste. Mas eu não gosto de ninguém. Tudo isto uma ilusão. Esposa tramada.

Finalmente vindos, tento voltar a dormir. Esposa radiante. Dia à frente. Filhos à espera. O emprego giríssimo, a fazer filmes. Abre a persiana. Esposa má. Desde quando luz necessária? Conhecêmo-nos no escuro, casámo-nos no escuro, fodemos no escuro. Sempre que desponta um raio de luz é um desastre ainda pior.

A cara dela. Só vista. Mais velha ainda do que se esperava. O que é que tem a luz? troca de lugar com a mãe quando amanhece. Não consigo deixar de olhar para o cu dela — faz-me odiá-la ainda mais. A camisa de noite manchada de leite com chocolate. O cabelo esfarrapado e sujo. As unhas dos pés com a meia demão de cor-de-rosa chocante. Este espectáculo diário — por mais quanto tempo serei obrigado, etc. E com estes pensamentos que readormeço. Vem-me beijar antes de sair. Acorda-me sempre. Com esta primícia. Vou arranjar uma amante. Hoje à tarde. Já.

Tentarei desafeiçoar-me dos miúdos. Limpo a nossa conta bancária, compro duzentas e cinquenta caixas de whisky e entrego-me às autoridades. Gostaria que um juiz olhasse para a minha esposa e tivesse a lata de sugerir que tentasse ficar com ela mais uns anos.

Bate a porta. Fora esposa. Sonho. Polícia vir. Um dia. Meia-noite, durante um filme. Pedir documentos. Esposa que não. Chora. Polícias na mesma. Instruções. Favor acompanhar. Senhor espere aqui. Então não. «Ficas aí especado sem fazer nada?» Numa palavra: sim.

Esposa casa. Casa habitação. Poupança-caralho. Dois meses a trabalhar por um sofá. Cu dela. Eu nunca me sento ao pé. Para mim, chão. Longe. Esposa longe melhor que colchão de penas de ganso. Pena foder. Mas foder ser preciso. O amor é fodido, mas foder é pior ainda.

Um dia nuca tiro. Pimba. Pistola grande «Bum». Entregar-me: tudo bem. Feito o que tinha a fazer. Esposa a pedir. Nuca bom ponto de entrada. Dor pouca. Esposa não dar por nada. Bala grande. Pontaria. Prática. Campo de tiro. Inscrever-me amanhã. Analgésicos antes. Toma, querida. Morfina. Meia hora depois: Pum! E pronto.

Táxi cancro. Cachaço gordo. Navalha. Enfermeira: o bisturi. Gostava de operar todos os motoristas de Lisboa. Sem mari-quices. Nada de rodeios. Um fígado daqui, um pâncreas dali. Sangue por toda a parte. Enfermeira: o rolo de papel de cozinha. Caneta. Maço de certidões de óbito para assinar de cruz. Prazer dizer familiares: «Olhe, minha senhora, foi-se, que se foda.» O trabalho mata. Patrão come-me os miolos com ovos mexidos. Colegas ainda pior.

Bicas. Carros utilitários. Fins-de-semana. Mãos nos meus ombros. Hã? Hã? E esta? E esta? Que tal? Que tal? E só rir. Jeito. O jeito que têm para contar anedotas faz-me vomitar a meio da tarde. Um dia, bêbado, dizer: queria ser rico. Esposa ri. Ruído sem fim. Eu coitado. Sem me ter nas canetas. A achá-la gira. Vem cá. Mostra-me as mamas. Simpático por não me ter nas canetas. Olhos tortos. Alma aberta como há anos que não via. Anda cá. Mostra as mamas ao teu marido. Está quieto. Mais fácil pedir que me caísse um porta-aviões em cima. Esposa renitente quando está menos bêbada que eu. Não fala. Deixa para o dia seguinte. Foder fora de questão. Como se fosse um castigo. Tal a pretensão. Mostra-me as mamas e vai-se embora, como se eu as quisesse ver. Cama. Eu já deitado no chão, já aviado. Amanhã outro dia infelizmente.

Amante: arranjar. Escrevo esferográfica, bloco, urinol, elevador do prédio. Uma mulher qualquer, desde que diferente. Um nome. Uma tromba. O resto deixo ao critério. Não quero saber. Umas boas mamas. Ou mesmo más. Um cheiro. Novos problemas. Roupa sem ser a de esposa. Mesmo suja. Não pedir muito.

A Fátima. Velha despeitada. Fodeu com todos os meus amigos há coisa duns vinte anos. Quando era boa, dizem. Esquisita a mulher. Tornozelos como bigornas. Voz de rádio-táxi. Incessante nas conversas. Apartamento perto. Cão. Sempre a dormir. Pêlos na cama. Chama-se Farrusco. Cheiro de quem já morreu. Devia estar no frigorífico. Mas a Fátima gosta dele. Comprar cão é relativamente fácil. Não arranja namorado desde o dia em que nasceu.

«Queres que eu te mate o cão, Fátima?» Fantasio. «Mato-o, se me deixares dar-te uma fodinha.» «Ok, tudo bem.» «Tira a camisola que estou com pressa.» «Ok, tudo bem.» «Meu Deus, as tuas mamas são horríveis!» «Eu sei.» «Deixa ver o resto.»

«Não.» «Queres ou não queres?» «O quê? Matar-te o cão?» «Não. Dar-me uma fodinha!» «Quero. Essa é que é essa.»

Como falar-lhe? Na cantina. Comida já vem vomitada de origem. Jardineira todos os dias. Ofereço-lhe o meu frasco de Tabasco. Ela surpreendida. Há anos que ninguém lhe fala. Só eu. Precisar amante depressa. Ela aceita. Deita um esguicho. «Obrigada», ela diz, coquete, boca cheia, sobancelhas chamuscadas por um antigo acidente.

Trago-lhe um café. Não bebe café. Foda-se. Nunca bebeu. Eu nunca tinha reparado? Não... não... nunca reparei. «Não faz mal.» Fica triste. Com aquela tristeza bem disposta dos coiros. Já está esquecido. «Temos de almoçar um dia destes.» Ela a retorquir que almoçamos todos os dias. Ocorre-me responder: «Eu disse almoçar? Desculpa. O que eu queria dizer era dar uma fodinha.»

Um mês depois, estou em casa dela com um Martini na mão. O cão continua vivo. Fátima tem um princípio de pneumonia mas não quis meter baixa. Tem medo de ser despedida. Não há ninguém na empresa que não queira despedi-la. Funga um bocadinho. Perigo de contágio. Risco. Mas o que é isso para um homem desesperado como eu? Não posso ser mais infeliz do que já estou — esta é a minha grande protecção.

«Desculpa lá.» Digo. «O que é?» Diz ela. «Apetece-me abraçar-te.» «Se quiseres, abraça.» Desculpa???!!! Por esta é que eu não. Assim sem mais nem menos. Santo Deus, que puta. Como assim arranjar tesão? «Agora não», digo. «Então quando?» diz ela. E abraça-me. Mamas enormes, um pouco por toda a parte. Cheiro de amaciador. Boca constipada. Língua demasiado andarilha. De quem não fode há muitos anos. À procura sabe-se lá de quê. Serve

perfeitamente.

Põe-me uma mão na braguilha. Não gosto. A ansiedade, santo Deus! «Espera...», digo eu, como diria uma miúda de quinze anos. «Quero fazer amor contigo!» diz ela. Amor! Não faz a coisa por menos. As vezes que se invoca o nome do amor em vão. Sou contra, mas é o que a minha picha mais gosta de ouvir. Eu não. Picha retorcida: o amor dá-lhe tesão. A mim faz-me medo. Mas quem manda é ela. E quem manda nela? Eu não. «O Fátima!», diz a picha, através de mirn. Ela responde: «Ó João Manuel!» Porquê o nome completo? A picha não gosta. Eu também não. Ela deve senti-la a amolecer porque, em dois segundos, já está de joelhos com os lábios à volta dela.

«Sabes há quantos anos sonho em fazer isto?» Deixa-me adivinhar. Não. Esquece. Ideia melhor. Despacha-te mas é.

«Há dez anos», esclarece. E muito ano. Sim senhor. A picha engrossa, cheia de si, indiferente ao meu sentimento de aviltamento.

Penso seriamente em vir-me ali mesmo e resolver logo o assunto. Não a quero ver nua. Não quero deitar-me naqueles lençóis amarelos e azuis. Acordar com o cão a tentar montar-se num joelho meu. Mas tenho de ser um cavalheiro. Pelo menos a primeira vez. Aviso-a: «Se continuas assim, venho-me...»

E ela? Ela?! «Vem-te! Vem-te» diz e repete, como se estivesse doida. Está a masturbar-se ao mesmo tempo. A aproveitar. Saia arregaçada e dedos desfocados, tal a rapidez do vai-e-vem. Boca boa. Em abono da verdade. Toda a boca boa, a partir de certa altura.

Se fechar os olhos, venho-me. Por outro lado, se continuar a olhar para ela, vou-me já embora. Fecho os olhos. Sorrateiro, venho-me. Pronto. Já tenho a minha amante. Cavalheiro, ainda digo: «Vem-te tu também...» E basta dizer porque, ainda eu não acabei a frase, e já ela se está a vir, gritando «Ai que bom! Ai que bom!», com uma voz de criança.

Não sei porquê, dou comigo, quando já é tarde para negar, a dizer «Amo-te.» Ela está na casa de banho a cuspir para uma mão cheia de papel higiénico. Sai em plena expectoração, e pergunta «A sério?»

«Sempre te amei.» Puxo pelo fecho das calças para ver se tiro ênfase à afirmação. Penso em fugir. Mas a Fátima é agora a minha amante e merece-me algum respeito.

«Queres ir jantar fora? Convido eu!», diz ela, com aquela cara que as mulheres têm quando querem mudar de roupa.

«Não posso.» E penso: «Quero ir para casa.» Chatear esposa. Saudade filhos. Vontade repentina de me chatear. Mais umas páginas do policial de merda que estou a ler.

«Não faz mal...», diz a mulher amada. Uma mulher quando se sente amada permite tudo.

Antes de sair, confidencia-me, ainda mais mentirosa que eu, que também «acha que me ama», acrescentando, como é costume: «só que não sabia...»

Ai a Fátima. A minha amante. Será mesmo o maior coiro de Lisboa? Será, mas vim-me. E depressa — coisa que não aconteceu com muita cara bonita. As mulheres vaidosas tiram-me o tesão. Para mim, não há maior afrodisíaco que a humildade.

Quando chego a casa, esposa nem olha para mim — como então desconfiar? «Olha, sabes quem é que hoje me fez um broche?», pergunto em surdina entre duas garfadas de pastelão. Esposa, inteligente: «Não almoçaste?» «Porquê?», digo eu, com aquela expressão culpada de recém-lambido. «Estás cá com uma fome!» Fica zangada. Sempre que não faço um sacrifício, fica deprimida. «O pastelão está uma boa merda», digo eu só para a contentar.

Esposa sorri. Ela mesmo má, fogo. Filhos acordam. Ela assim: «Vai lá tu.» Nem paro de comer. Com a boca cheia de puré limito-me a um curto mas expressivo «Não.»

Acabou-se a mama. Agora tenho uma amante.

Toca o telefone. E a Fátima. Sussurra que já se veio três vezes a pensar em mim. «Eu também», respondo. E ela pergunta «Tu? Mas porquê?» e eu acho melhor desligar porque não sei que responder. Esposa pergunta quem é. Apetece-me mentir. Tenho uma amante — já posso mentir quando me apetecer. Mas não tenho paciência.

«Era a Fátima.»

«Ai podes ter a certeza!»

«Se calhar fode mais do que nós...», digo eu, já armado em amante, para disfarçar.

«Não fales em foder que me excitas...» Esposa aproxima-se. Eu recuso.

«Desculpa mas a Fátima tirou-me o tesão todo durante as próximas horas.»

Empurro-a. Embrulhada. Vai mas é ver os miúdos. Eu vou beber uma garrafa inteira de whisky. Esposa ter sorte de eu não ser um operário. Senão batia-lhe.

Esposa cara de cu. Mesmo assim, melhor que Fátima, valha-a Deus. Bebo três whiskies enquanto comparo as duas. Finalmente descubro uma vantagem. Fico todo contente. Esposa mais tudo o que se quiser, mas Fátima mais querida. A minha amante. A Fátima. Muito mais querida. Coitadinha.

Esposa rasca. Qualquer mulher unida pelo casamento. O meu amor tão longe, como se estivesse na tropa. Um dia chega a casa e diz «Voltei» e eu sem saber o que fazer, se só tinha estado ausente uma tarde, se tanto.

Não sei de onde vieram estas noites — estas que agora andam para aí, como vírus, a apanhar-me a cabeça desta maneira.

Comecei hoje uma nova tristeza. Os ingleses dizem que uma mudança e um descanso vêm dar ao mesmo. Os ingleses que se fodam.

Tenho uma única imagem persistente, de uma mortalha fresca e larga, de duas mãos compridas, como as de uma mãe ou de uma amante, que me seguram e envolvem no tecido macio, deitando-me sobre um colchão novo, coberto por um lençol esticado.

Posso ouvir a tua voz outra vez.

Tenho uma tristeza que ainda não conheço bem. Nova. Talvez seja feita de um excesso de trabalho ou de tempo. Talvez seja a tristeza de quem já não consegue estar feliz por mais tempo. Por mais tempo seguido.

Fugir não é muito diferente de sofrer. Seria bom se uma coisa ou um encontro pudesse ser adiado até ao desaparecimento.

Se o mundo, em vez de redondo, pudesse ser esticado e ultrapassado.

Sobretudo quando estivesse feliz.

É difícil não se ser influenciado pela vida.

Vejo sempre a mesma esquina, com os semáforos e à frente os mesmos táxis a passar. E penso sempre o mesmo, se será preciso tanto movimento, se não seria melhor se cada um ficasse em casa mais tempo, mais vezes.

Claro que tenho o coração ensanguentado. É a única condição que nos faz falar do que nos cerca. E preciso estar muito triste para descrever seja o que for.

As pessoas não são felizes mas sofrem duma doença muito boa, que é a ideia da felicidade. Com quê. Com quem. Quando serei feliz? Porquê? Ninguém pergunta porquê.

Cercam a minha casa — são amigos que têm medo que eu morra, eu que nunca tive a coragem de fazer mal a ninguém que eu amasse. Telefonam-me e desligam, só para ouvir a minha voz. Às vezes penso que sofremos todos ao mesmo tempo. Deve haver um dia secreto, o dia internacional da saudade, da angústia, da desgraça que não lembra ao diabo.

É difícil continuar com um mínimo de dignidade. Ninguém nos leva a mal. Parecemos sempre necessitados.

Cada um tem o seu engano de estimação. O meu é o mais vulgar — é voltar atrás.

Quando chove, as ruas enchem-se de pessoas que recebem a chuva de mãos abertas.

A chuva é alegre. Parece música quando bate nas pedras. Faz-me lembrar as minhas mulheres.

Vêm comigo, as minhas meninas, quando forem grandes, quando eram pequeninas.

Vem comigo a minha mãe, quando era só uma rapariga. Vamos no comboio para a praia. Os homens olham todos para ela, mas ninguém olha tanto para ela como eu.

Quando chove, o meu coração não é meu. Gostaria de não ter coração — que outra pessoa qualquer, que gostasse de mim o tivesse.

As coisas acontecem ao mesmo tempo — é quando telefona o melhor amigo que o segundo melhor amigo bate à porta. O mundo cai aos pedaços em cima das nossas cabeças.

Nunca sabemos quando é a última vez que nos vemos. A minha velhice torna-me medroso. A chuva não pára. As caras conhecidas enchem-me o coração. Protejo-me do passado, lembrando-me delas.

Entro num hotel para beber um bule de chá. Estou bem disposto como quem já está quase morto.

Estamos todos perdidos. Mas não faz mal. Porque estamos todos. Só a nossa perdição difere.

Sonhamos todos com uma orientação qualquer. É isso que nos mantém. É isto que nos mantém alegres.

Não é preciso exagerar. Muitas pessoas morreram. Não se sabe bem porquê. Cada um traz o nome como se fosse uma última casa. Aonde podemos sempre voltar. Pedro, Manuel, Pereira. Valem os nomes como quem tem Deus.

É natural que tenhas medo que te apanhem. A guerra continua tão estranha. Dum dia para o outro, já não sabemos que esperar. Tomamos os comprimidos, como todos os outros, só que o efeito é o contrário do que pretendemos. Nós queríamos ser felizes.

Ninguém nos acompanha nisto. A noite desce como um pano. As pessoas desaparecem, como se fossem para casa. Não temos maneira de saber o que está certo.

Dou-te as flores de onde vim, que vieram comigo, que atravessaram o mundo não se sabe bem porquê. Os teus olhos continuam iguais. E preciso insistir. Não fazemos diferença um do outro. Percorremos distâncias enormes, junto dos faróis e dos comboios, com a música muito alta, sem dizer nada que nos interesse. Não nos conhecemos. Nunca seremos interessantes. O carro precipita-se em vez de nós. A paisagem substitui as nossas caras.

Eu gostaria tanto de amar-te. Quando te tomo nos meus pensamentos, vai a noite escura ao largo da gente e das árvores, e eu penso que a minha alma te pertence. Pudera eu, meu amor, ou lá o que és, que pudesse pertencer a alguém.

Há dez noites que não dorme, não come, não sai. Está feliz. Está fechado numa casa grande, sozinho. Lê uns livros quaisquer. Não atende o telefone. Está bem assim.

Até que um dia o sol não se levanta. A cidade permanece escura e sem ninguém. Os ardinhas não aparecem. O trânsito não começa. E ele não consegue dormir. Só dorme ao som dos outros. Os outros a trabalhar, a deslocarem-se, a falar. Estes murmúrios adormecem-no. Estas noções sossegam-no. Mas hoje não.

Hoje é ontem outra vez. Apagaram as telefonias. Não há pão, nem leite, nem cartas. Não tem nada para ouvir.

Telefona a um amigo. Responde o atendedor. Deixa um recado qualquer, urgente.

Depois volta para a mesa. E para a cama. E para a mesa mais uma vez. Há dez noites que não dorme. Preocupa-se, pela primeira vez. Há alturas em que não se deve estar acordado. Quando o tempo pára, é perigoso dar por ele. Parado. Fora do nosso controlo, como sempre. Como deve ser.

Que pena.

Ela era dada a pensar no que a movia. «Alguma coisa», segundo ela, «impede-me de avançar.» Presa que estava num tempo que já não havia, a uma pessoa que se tinha ido embora, como se a vida fosse um fio que se apanhava quando se nascia, como uma linha que ninguém compreende num mapa que ninguém quer, dedicada a seguir uma direcção que era imprópria, mas que lhe tinha sido destinada.

«Não penses muito», diziam os amigos, «pensa em nada.» Mas ela não conseguia impedir-se de pensar em nada.

E seguia como se fosse guiada. Para aonde os outros não têm direcção.

Para esperar por quem fosse ter com ela.

Dá-me. Dá-me a mão pequena para segurar. Põe nas minhas mãos as mãos que morreram, que Deus me mandou, que me vinham salvar. Preciso que me prendam à vida, à vida que entretanto me partiu e deixou assim, sem passado e sem morada, à procura do coração que o teu amor e o teu corpo mataram.

Só resta chorar. Mas chorar demora muito tempo.

Eu preferia arrepender-me.

Leio de mais. Oiço de mais. Vejo de mais. Estou parado de mais, recebendo mais do que consigo receber.

O céu parece-me demasiado azul. A música é mais triste do que mesmo, os mais tristes, precisaríamos.

Deixem-me sair daqui. A única coisa que sei fazer é sentir. Preciso que me ensinem a enganar-me. Preciso que me ensinem a interromper.

Vivo de mais. Durmo de menos. Acordo para acordar os outros. É como se a luz me acompanhasse. É como se o sol, quando

nascesse, viesse propositadamente acordar-me.

Estou sozinho de mais. Nas minhas estrelas não há noite nem amor. Tenho as mãos vazias, viradas para o céu, como se tivessem recebido a lua, como se tivessem ficado encharcadas da tinta da escuridão.

Esta música afastou-me da tua respiração. O teu cabelo levanta e sossega, sossega e levanta, espalhado pelo lençol, como se fosse distribuído pelos meus dedos, que sobem por debaixo dos cobertores, para te conhecer e tocar.

Vem depressa, cara linda, antes que seja tarde. O meu coração tem a lembrança curta e as minhas mãos só servem para te tocar. Abriga-te, guarda-te, justifica-te, no meu peito grande. O tempo vai mal para quem foge só por fugir — ajuda quem desistiu de alguém por quem procurar.

Descansa os teus braços. Fecha os teus olhos. A Primavera é como um sono — finalmente se vê; finalmente vem.

É por aí pela cidade.

Pode ser num carro, no banco de trás. Uma rapariga deitada ao comprido, de cuecas brancas, a chorar.

É por aí — mais por aí — que ele anda. Ele que nunca na vida se fez esperar. Com a camisa azul-fúria e uma chave de quatro entradas fechada no punho, a correr sangue.

Numa casa ao pé do castelo, enrolada à volta duma coluna, damos com uma tal de Rita. «Dança», diz o marido, batendo com os dedos numa cigarreira, «que eu gosto de te ver dançar.» O telefone está a tocar há uma hora.

É por aí pela cidade que ele se encontra, mais para o tarde.

No Inverno é tudo mais grave. Trabalha-se por trabalhar. Lisboa enche-se de chuva e os suicidas têm de esperar. Aproveitam para escrever os últimos postais. Os Correios não podiam funcionar melhor. Responde-se bem nessa época do ano a esse género de pessoas. «Pensa», diz-se, sem pensar mais nisso, sem saber que é precisamente por pensar que o desejo de morrer ocorre.

É certinho. Numa cesta, gatos e quadrados de papel de jornal. Na parede, uma imagem de ti. No meu peito o meu coração que ainda bate. De resto, nada mais a anotar. Abro a porta e sento-me num degrau. Nunca mais aparecem os meus amigos. Há anos que são assim. Lembra-te disto.

E por aí pela cidade, mas quem é que vê? Quem me pôs aqui a perguntar-te?

Deixa o teu tempo de lado. Põe o teu amor de parte. Escreve-me aquele postal outra vez. E por aí.

Ódio namoradas. Por muito amor. Cabo da cabeça dar. Idade para serem filhas. Mais chatas. Desobediência constante. Fase de afirmação, dizem elas. Amor a mais. Sofreguidão de carinho a toda a hora — como suportar? Ela ou eu. Esta quer casar e ter filhos. Porque será? Eu requisitado constantemente como marido e pai, tal a sorte. Por muito amor tenha. Rapariga invulgar, como não há — mas ser suficiente não haver amor, para casar? Ser suficiente gostar muito para morrer? Não crer. Eu cabrão? Talvez. Elas estar sempre a afirmar. Tu isto e aquilo. Mim farto. Ou não?

Namoradas más. Melhores que mulher. Pena muitas. Mais que as mães, às vezes. Não suportar. Namoradas piores quando juntas. Parecidas. Mesmas acusações vãs. Mesmo amor cego pela verdade. Fingir «Vou-me embora» mas nunca ir. Namoradas mentirosas. Mania de voltar. Mais forte que elas, dizer. De que me serve? Isso gostava eu de. Deixem-me em paz. No fundo só isto. Ir embora, devagarinho, sem gritar, sem chamarem putas umas às outras e deixar-me em paz. Namoradas telefone grande caralho. Nunca maneira certa de lidar. Atendedor uma merda.

Não gostam deixar recados. Dizem que amor não é isso. Sabem lá. Amor o que é? Namoradas más. Constantemente a chatear. E isso.

Porque é que não isto. E aquilo. E naquele dia és capaz de explicar. Vem. Vem lá. Nunca fazes aquilo que eu quero. Não perceber? Porque não quero. Deixa-me em paz. Isso querias tu. Namoradas pior coisa que se lhes possa fazer é pedir deixar em paz, por amor de Deus. Todas enlouquecer. Querer mais merda ainda. É possível? Sempre possível mais merda com namoradas.

Namoradas sabem tudo. Impossível esconder verdade delas. Mesmo estúpidas sabem tudo. Dizem tudo. Fazem tudo. Mesmo as mais lentas. Sabem que há mais namoradas. Algures. Também. Mas porquê. E quem sou eu para dizer? Um dia fazer reunião e pô-las todas a fazer o que mais gostam: a duvidar.

Namoradas más de mal a pior com o avançar dos anos. Perdem paciência. Passa-lhe o amor. Querem casar. Querem ter alguém que possam chamar marido e depois encornar. Legalmente. Sem ser legalmente não ter tanta graça. Enganar mais difícil quando enganado não se importar. Quando nem sequer desconfiar. Quando quase sempre.

Namorada favorita? Sim. Por sorte, pior de todas. Violência em pessoa. Mim medo a todo o momento. Não ficar emoção nenhuma para amar. Só terror. Ser apanhado a respirar e ser morto. Favorita gosto pelas coisas começam mal e acabam bem, mas conseguir sempre acabarem mal. Ela chorar. Lágrimas secas. Breves. Mulher mais para gritos que para choros. Escola da vida.

Dura a todos os níveis. Cuidado, incautos. Mim saber e avisar. Cuidado com namoradas favoritas aparentemente mais melhor boas

que outras más. São as piores. Dar desconto só porque amar. Olha, obrigadinho. Amar problemático. Ficar fora de mão. Distante, distante lugar. Falta de tudo. Regresso ao berço na pior altura. Onde estar mãe quando precisar dela? Isso é que gostar de saber. Dentro de namoradas más. A fingir bilu bilu, ora agora mato-te eu, ora agora matas-me tu.

Namoradas novas melhor. Incautas. Tenra idade: um figo. Julgar saber tudo e só saber a metade. A outra nós ensinar. Tudo mal: cruel mas tem de ser. Isto aqui é uma depressão. Então porque é que te estás a rir? Foi qualquer coisa que me entrou para os olhos. Para ambos? Sim, para ambos. Como estão as tuas pernas hoje? Gosta Picasso, gosta? Mim adorar. Ver livro, quer? Mim ter dois. Um muito grande com muitas fotografias. Melhor esse primeiro, não é?

Namoradas novas velhas depressa se uma pessoa abusar. Convir ver pouco. Uma vez por mês ser de mais. Ver na rua pouca sorte. Melhores as que não podem sair. Pais não deixar: palavras que soam a música. Melhor amigo do homem: pais de namoradas novas. Quanto melhores pais, melhor. Chatos pais tolerantes da nossa idade deixar fazer tudo porque só assim aprender e de resto estarem a marimbar-se e não interessar. Fechar namoradas em casa obsessão compreensível. A só ouvir namorada dizer mal deles. Parece impossível, dizer, mas pensar: que razão! Dizer: tu tens razão. Mas pensar: tu miúda ingrata.

Pais dão-te de comer; a que chegou esta geração; mundo perdido. Ter pernas bonitas não resolver nada. Mas chegar. Para mim mais que suficiente.

Namoradas estranhamente amantes do progresso. Gostar de ver coisa a andar. Ontem passeio no parque. Hoje dormir mesma cama. Amanhã partilhar sonhos e comprar casa onde partilhá-los. Tudo como deve ser. Santa sorte. Namoradas loucas. Não contentes com namorar. Querer sempre mais até casar. Depois não saber que fazer e virem queixar-se. Ou irem namorados antigos dizer que qualquer coisa se perdeu em nós, que nunca tivemos, que só dissemos ter para as contentar.

Namoradas raios partir. Se não fosse esposa má, amante tão rasca, mandá-las todas à vida. Jurar.

Se alguém soubesse do que digo e do que quero e aceitasse o que eu decidisse aceitar, do pouco de mim que tenho para dar, então sim entregar-me-ia, a essa pessoa, e seria dela, com as letras e os cuidados que tiver, para sempre.

E as palavras não me pertencem mas também não pertencem a ninguém.

Alto.

Um exemplo. São as vezes que por ti me apaixonei sem que Deus até soubesse. Não existem. Mas se existissem, eu poderia contar-te. Estas coisas que escrevo sem alguma orientação, que servem de trevo da sorte de te amar, para mais ainda entrevar o que resta do meu...

Coração, Teresa.

Eis a minha vida incompleta, acabada de começar. Suposições que ainda sou capaz de fazer. Desaparecem imediatamente.

Se eu tivesse tempo. Um sítio. Jeito. Imaginação. Alguém. Maneira. Ai de ti, se eu tivesse maneira. Vontade. Obrigação. Paciência. Uma história para me contar.

Ouve. Tu. Teresa. Ou outra pessoa qualquer. Alguém como tu, que não existe. Tu que me terias recebido nos teus braços de algodão, numa casa fresca, no pico de Agosto, que almoço me servirias, no pátio da casa que não temos, os dois de pernas nuas, sem fome nenhuma, com a música dos tractores a trabalhar ali perto?

Uvas. Azeitonas. Pão. Se eu tivesse maneira de desenhar estas coisas num papel. Para me mostrar o que estou a perder. Seria bom. Eu estaria bem. Não aqui, mas noutro lado, menos longe de ti.

Se viesses tu. Com as tuas manias. A tua T-shirt toda branca. O teu entretenimento lavado em lágrimas. Que aconteceria? Se houvesse uma oportunidade. Se fosse preciso deixar de pensar por ser preciso estar ali, ao pé de ti, a ouvir-te falar, eu podia não dizer nada.

Mas não assim. Uma oportunidade. Alguém. Podias ter sido tu. Foste? A uma dada altura na minha vida, vinda de não se sabe onde, cheia de cestos nos braços, cheios de batatas, cheia de vontade e de pressa: uma mulher. A cara pálida de quem não vai viver muito tempo. Os braços magros. Os lábios brancos, secos de tanto chamar.

De onde terias vindo? Que me dirias se não me conhecesses já? Serias bonita como uma rapariga que vi uma vez a atravessar uma estrada? Dá-me o teu nome. Deixa-me guardá-lo durante um bocado.

Cinco da tarde. Lisboa. Dia de Ano Novo. De manhã. Ruas limpas. Amantes aborrecidos. Pãezinhos, pequeno-almoço, dinheiro. Mulheres debaixo dos casacos de peles, carros estacionados, flores

que nunca fecham. Tu com o teu cigarro aceso, zangada com um emprego, a falar do que não sabes.

Se alguém me tivesse levado a algum lado, eu tinha ido. De coração leve, sem avisar. Para uma estação de comboios, onde só há um passageiro, virado para Norte, para onde estaria o mar. Com um jornal antigo debaixo do braço. Com data e tudo. Chegar-me-ia ao pé dele e perguntaria que horas eram. Que horas seriam, se eu lhe pudesse perguntar?

Cinco da tarde. Uma planície de gelo no meio de uma cidade. O cadáver dum velho a ser inspeccionado. Passa uma rapariga e olha para mim como se não soubesse sequer olhar. Eu sigo no meu autocarro, com a janela fechada, a ler o meu livro, sem dar por ninguém. As árvores carecas. Horas inteiras de chuva. Alguém que estivesse do outro lado. Mesmo não estando à minha espera. Em minha casa. Preocupada. A telefonar.

Sem dormir há três dias. Saindo só para te ver entrar em casa. A repetir vários nomes possíveis. Isabel. Mariana. Catarina. E depois o meu e o teu.

Se houvesse um amor abandonado à sorte dele, só Deus sabe a companhia que me faria, se eu deixasse. Quantas vezes, ao certo, cheguei eu a perder-te, para as mesmas vezes, vezes dez, enlouquecer de tanto te chamar? Tu dirás.

São cinco da tarde. Sai da tua casa. Olha a rua cheia de tempo para gastar. Pára ao pé da minha porta. Pergunta por mim. Diz o meu nome. Deixa-me ouvir.

Que coisa não se encontra aqui? Se nós quisermos? Que coisa será?

Alguém para abrir a porta. Atrás dos dias. Vestida de preto e branco. Um cheiro de carne. Um sobretudo para despir. O som dum primeiro andar. Madeira encerada. Uma carta. Um corredor com fim.

Se eu pudesse. Já.

Cinco e cinco da tarde. Rosmaninho estragado. Um tecto azul-claro. Alguém deitado numa cama a pensar. Livros abertos no chão. Restos de dias anteriores por todo o lado. Cabelos molhados, beijos acabados de dar. Fotografias de férias. Um livro de versos. Uma mãe de cabeça perdida, enfiada na cozinha, a cozinhar.

Eu não entro. Não toco à campainha. Não me atrevo. Não me sinto. Não existo já.

Teresa. São nove da noite. Mais um dia. Tudo correu mal, menos o amor. A vida é simples e fácil de perder. Mas o amor é fodido. E gostei de fodê-lo contigo.

Falamos de fazer amor. Inventamos as nossas vidas anteriores. Esquecêmo-nos de tudo.

A Teresa é o meu amor. Eu sou o amor dela. Damos as mãos. Não fazemos mais nada. Mas não reparamos. Não vamos a lado nenhum. Não podemos. Mas mesmo que pudéssemos, não iríamos. Não fazemos planos. Não temos. Estamos juntos de vez em quando. É a única coisa com que nos importamos: estarmos juntos de vez em quando, como agora estamos.

Dois velhos ou nem dois velhos sequer. São nove horas da noite. Cada um no seu quarto. Ela não me ama como eu a amo.

Mas eu também não a amo como já amei. Mas falamos como se nos amássemos mais que nunca. Nada mais é importante. Nove horas da noite. Ninguém.

O meu coração morre sozinho, como Deus quiser.

OBRAS DE MIGUEL ESTEVES CARDOSO NA ASSÍRIO & ALVIM

A CAUSA DAS COISAS
OS MEUS PROBLEMAS
AS MINHAS AVENTURAS NA REPÚBLICA PORTUGUESA
ÚLTIMO VOLUME
O AMOR É FODIDO
A VIDA INTEIRA
CEMITÉRIO DE RAPARIGAS

COLECÇÃO A PHALA

DONAMORTA - ARMANDO DA SILVA CARVALHO
AUTÓPSIA DE UM MAR DE RUÍNAS - JOÃO DE MELO
ESTAÇÃO - NUNO BRAGANÇA
A NOITE E O RISO - NUNO BRAGANÇA
O AMOR É FODIDO - MIGUEL ESTEVES CARDOSO
CUIDADO COM OS RAPAZES - ALFACE
A VIDA INTEIRA - MIGUEL ESTEVES CARDOSO
AS DIOPTRIAS DE ELISA - ANTÓNIO GANCHO
CRÓNICA DOS DIAS TESOS - LUÍS AMORIM DE SOUSA
CEMITÉRIO DE RAPARIGAS - MIGUEL ESTEVES CARDOSO
O PICO DA MICAIA - LUÍS AMORIM DE SOUSA
A MATERNA DOÇURA - POSSIDÓNIO CACHAPA
VIAGEM AO CORAÇÃO DOS PÁSSAROS - POSSIDÓNIO CACHAPA
O VOO MELANCÓLICO DO MELRO - CARLOS TÉ

2000
ESTE LIVRO
FOI IMPRESSO EM LISBOA NA GUIDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.
DEPÓSITO LEGAL 155435/00

A Phala / 6

ISBN 972-37-0374-2



9 789723 703740